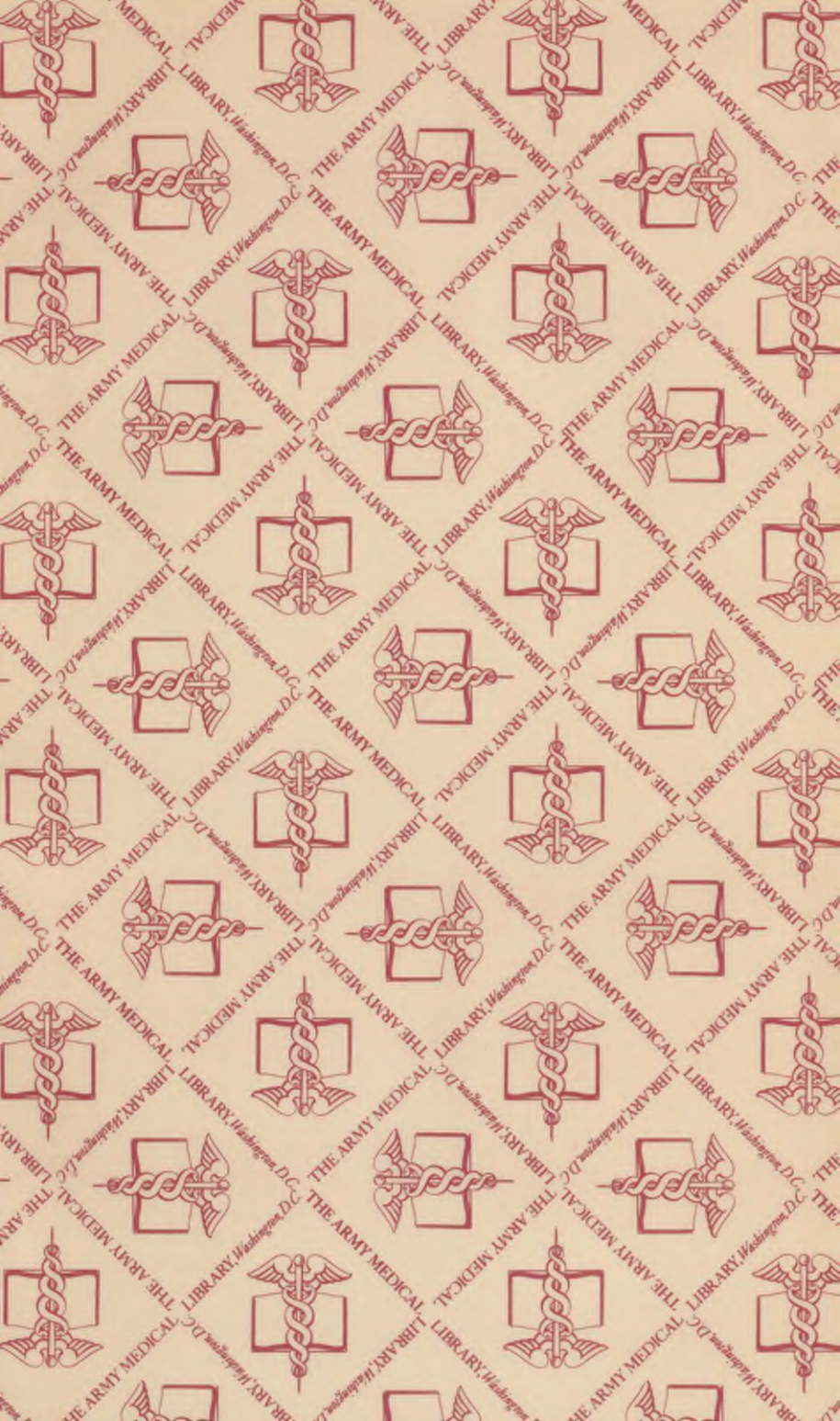




NLM 00103936 1





A MORPHÉA É CONTAGIOSA?

BIBLIOTHECA DO BRAZIL-MEDICO



A Morphéa é contagiosa?

PELO

Dr. JOSÉ LOURENÇO DE MAGALHAES

LIBRARY
SURGEON GENERAL'S OFFICE

DEC 11 1899

167654.

RIO DE JANEIRO

Typ. Besnard Frères — 124, Rua da Alandega

1893

BIBLIOTECA DO INSTITUTO NACIONAL DE HIGIENE

A Morphée e contagiosa?

Annex

WC

BIBLIOTECA DO INSTITUTO NACIONAL DE HIGIENE

M188m

1893

BIBLIOTECA DO INSTITUTO NACIONAL DE HIGIENE
DEC 13 1893
1893

RIO DE JANEIRO
Typ. Editora Freitas - 124, Rua de Alameda

1893

A Morphéa é contagiosa?

I

Em duas publicações recentes (1), uma do Dr. Pedro Severiano de Magalhães, outra anonyma, aconselha-se, como meio preservativo contra o incremento da morphéa entre nós, a sequestração dos affectados.

E' certo que a segunda publicação não se pronuncia explicitamente em favor do contagio; mas as razões, em que se funda, deixam ver que para evital-o aconselha esta medida.

Sendo o nosso paiz um dos perseguidos pela lepra, e como tal immediatamente interessado na questão, não é de estranhar que me apresente para discuti-la, firmado na opinião de clinicos illustres, e nas minhas investigações em proprios fòcos da terrivel enfermidade.

Antes de entrar em assumpto, careço deter-me nas seguintes proposições do Dr. Pedro Severiano relativamente á cura da morphéa:

A priori guiando-me apenas pela natureza da molestia e pelo pouco que sei não é sem grande desconfiança que ouço fallar de sua cura por tratamento medico e :

(1) *Jornal do Commercio* de 11 e 14 de junho.

presentemente a natureza parasitaria, bacillar, da morphéa não padece duviãa.

Nas condições em que me acho, permittirá o collega — um dos que mais respeito pelo talento e illustração — que não deixe passar sem reparo essas proposições.

Dous foram os fundamentos da sua grande desconfiança da cura da morphéa por tratamento medico: a natureza parasitaria do mal, e o que d'elle sabe.

Apreciemol-os.

Os resultados diarios da clinica parecem confirmar que não ha razão para duvidar-se da curabilidade das affecções de natureza bacillar.

Tantas são as curas, por meios therapeuticos, da febre amarella, da typhoide, do cholera, etc., que tornam injustificavel qualquer hesitação ou desconfiança a semelhante respeito; cumprindo notar que taes curas effectuam-se em geral por meios *extra-parasiticidas*.

Para maior realce das conquistas da therapeutica, em contrario á opinião do illustre collega, continúa o mallogro das tentativas contra as molestias infecciosas por meio dos mais poderosos antisepticos, contrastando com o exito da medicação physiologica.

O formal insuccesso, mesmo com a antisepsia directa ou local, como na febre typhoide e no cholera, e os assinalados e frequentes triumphos da medicação physiologica vão arraigando a condição do máo caminho ou erro da medicação essencialmente microbicida.

Peter, apreciando no prefacio que redigiu para o formulario do Dr. Ferrand (1890) a attitudo clinica nos casos de pneumonia e febre intermitente, não alterada depois do descobrimento do *pneumococco* e do *hematozoario* de Laveran, conclue do seguinte modo: *Rien n'est changé en médecine; il n'y a que quelques microbes de plus...*

A' consulta dirigida pelo redactor de *La Semaine Médicale* aos clinicos dos hospitaes de Pariz, relativa-

mente ao melhor tratamento da pneumonia aguda, responderam elles do modo que vem ao caso citar (1):

O professor Cornil, bacteriologista, não cogitava da possibilidade de um tratamento especial da pneumonia; em sua opinião o conhecimento da causa nada adiantou à therapeutica:

Dujardin Beaumetz intervem combatendo os symptomas concomittantes, inclusive o mais importante — o estado do coração, — e para isso recorre á cafeina.

Peter, entendendo desde 1869 *que só ha pneumonias*, segue a tradição medica, sem motivo algum de arrependimento.

Bucquoy e Dumontpallier empregam a medicação symptomatica, e não admittem a especifica.

Muselier condemna os meios perturbadores, conducentes a diminuir a resistencia organica: *l'expectation armée* — é a sua formula: a de Troisier é — *expectação e therapeutica symptomatica*.

Jaccoud insiste na medicação symptomatica, considerando *que ha tantos tratamentos qaantas as pneumonias*.

Ferrand, confiando nos revulsivos, antimonias, etc., persiste na velha medicina:

Outros clinicos recorrem a varios meios -- não parasiticidas.

Proust, reconhecendo aliás a natureza parasitaria do mal, repelle a medicação systematica, satisfeito com as principaes indicações: ventosas, sangrias, vesicatorios, poção de Todd, etc.

Huchard, pensando como Dujardin Beaumetz que o perigo vem do coração, emprega a cafeina como diuretico, tonico cardiaco e tonico geral.

Em summa, em uma enfermidade reputada bacillar,

(1) *La Semaine Médicale* 11 de setembro de 1891.

os referidos clinicos deixam de parte a causa, e vão direito a os symptomas, isso em pleno dominio bacteriologico.

O mesmo póde-se applicar ao tratamento do pleuriz agudo, porque, considerada affecção microbiana, não está a therapeutica actual subordinada, como devia, á noção etiologica, conforme ve-se da *Semaine Medicale* de 20 de Janeiro do corrente anno, no artigo sobre a consulta igualmente feita aos clinicos dos hospitaes de Paris.

Mallograda a espectativa da theurapeutica etiologica, aliás seductora e até certo ponto racional, viram-se os theoristas decahidos das alturas a que guindaram-se, e obrigados a attender nas prescripções clinicas ao outro factor da molestia — o organismo humano — por elles momentaneamente esquecido. E' que lhes assoberbava o espirito a consideração de que *a causa não é a molestia*.

Mudaram de rumo, é certo, mas a contragosto, explicando a medicação a seu modo, em ordem a manter apparente coherencia. Assim, a medicação sudorifica — de character essencialmente physiologico, — o forte *escaldapés*, com que o povo cura a febre amarella melhor do que os que julgam anachronica essa medicina, já figura como um recurso anti-microbiano, graças á larga superficie excretoria, dizem elles, aberta á eliminação dos micro-organismos, explicação que tambem estendem á medicação purgativa, diuretica, etc.

E' caso de repetir com Molière : *mème avec le ciel il y a des accommodements*.

Não se supprimem impunemente as conquistas tradicionaes da sciencia, mesmo que partam do empirismo : a verdade, explicada ou não, é sempre a verdade : a cura das mais graves enfermidades, por outros meios que não antisepticos, era factó tão ostensivo, que só a cegueira partidaria poderir recusar.

Finalmente, ou felizmente, já entram em linha de conta, no tratamento clinico, as alterações organicas,

em desaggravo da validade da concepção therapeutica de restituir á cellula organica, enfraquecida, perturbada ou abafada, a indispensavel proeminencia sobre os microorganismos, em ordem a subjugal-os e inutilisal-os, á imitação do que dá-se em condições ordinarias do funcionamento organico.

Volta-se, pois, á doutrina hippocratica, baseada na *força medicatriz da natureza*, ou no seguinte aphorismo de Claude Bernard: *Toute maladie a une fonction normale correspondante dont elle n'est qu'une expression troublée, exagérée, amoindrie ou annullée.*

N'estas condições a qualidade de molestia parasitaria. attribuida a morphéa, não a colloca em posição inacessivel aos recursos therapeuticos, por maior que seja o trabalho do bacillo de Hansen na producção e desenvolvimento dos phenomenos morbidos correlativos.

Demais, por maior que seja o pessimismo, são innegaveis os casos de paralisação da morphéa, incontestavelmente casos de cura relativa, e os mencionados por auctores sizudos — de cura completa, espontanea ou não, desta enfermidade.

Assim, é, que no Congresso de Dermatologia, reunido em Paris em 1889, o professor Leloir declarou achar-se menos pessimista relativamente ao prognostico da morphéa; o Dr. Zambaco—que o leproso, collocado, em boas condições hygienicas, podia melhorar ou curar-se; o professor Una—que todos ou quasi todos os membros do Congresso acreditavam ser menos sombrio o prognostico da lepra, accrescentando: *pour ma partie, j'espère fermement qu'on finira pour obtenir des meilleurs résultats.*

Em apoio da curabilidade da morphéa, vem ao caso mencionar a estatistica publicada no *Journal de Hyg* dos de Dezembro de 1888, de accordo com os dados colhiên^o pelo Dr. Ecklund, norelatorio de Dr. Louios Guilherme

Dahl, d'onde vê-se que de 1856 a 1885, d'entre 7235 leprosos existentes na Noruega, falleceram 5.613 e curaram-se 144.

Logo, poderá a molestia parecer incuravel, não porque fatalmente o seja, mas por não ter a sciencia ainda descoberto processos equivalentes aos da natureza, sempre compassiva com o infortunio.

Tomemol-a, pois, por guia, para não desanimarmos ante difficuldades, porque é nosso primeiro dever não fraquear nem medir sacrificios na luta em prol da humanidade, enaltecendo assim a missão da sciencia medica.

Examinarei o segundo argumento do Dr. Pedro Severiano contra a curabilidade da morphéa: o que sabe d'ella.

Nos estreitos limites de uma publicação jornalística, não podia por certo o eximio collega desenvolver os conhecimentos que possui, para duvidar da cura da lepra por meios therapeuticos; não será, porém, demasiada audacia minha prescurtar-lhe o pensamento, e concluir que se refere, além da causa parasitaria, ao processo morbido, consistente nas alterações organicas determinadas pela evolução pathologica.

Desculpar-me-ha o collega a resolução audaciosa que tomei, impellido pela necessidade de apreciar os fundamentos da sua desanimadora opinião, e de indagar quaes as razões que a isso o levaram.

Duas são as alterações principaes, fundamentaes e caracteristicas da morphéa: as da pelle e as do systema nervoso.

As da pelle poderão auctorisar a opinião do illustre collega?

Opino francamente pela negativa; manchas a principio e tuberculos depois—de modo nenhum.

Antes de proseguir, cumpre-me firmar uma preliminar indispensavel: para as minhas apreciações não tomo o

morphético no ultimo periodo, em que é formal a degeneração dos tecidos primitivamente atacados, invadindo ou estendendo-se aos órgãos essenciaes á vida: o vocabulo — curabilidade — deve ser acceito em accepção razoavel, nos limites da reintegração organica, applicavel á lepra como a outras enfermidades graves, reputadas curaveis.

Curar, no caso vertente, não significaria *fabricar tecidos*, fornecel-os e adaptal-os ao organismo, mas restituir aos tecidos alterados pela molestia as condições imprescindiveis para o seu funcionamento, nas raias do possivel.

Explicado o meu pensamento, proseguirei.

E' conhecida a alta importancia da funcção da pelle, em sua dupla qualidade de regulador do calor interno e órgão eliminador ; por isso as alterações nella operadas repercutem no interior do organismo, perturbando-lhe mais ou menos o equilibrio funccional.

Cumpre, porém, observar que no leproso as alterações da pelle manifestam-se por meio de placas, occupando maior ou menor espaço, e deixando áreas intactas, onde a funcção persiste.

Em verdade, o leproso não transpira nem súa no rosto e nas extremidades ; mas transpira e súa no tronco, e na parte superior dos braços e das pernas, salvo caso extraordinario que aida não encontrei na clinica.

Isso basta para mostrar que, ainda perturbada, a funcção da pelle presta ao organismo valioso concurso.

Tenho visto morpheticos que, exceptuadas as regiões corporaes já referidas, suam copiosamente.

Ora, concedida mesmo a impossibilidade do restabelecimento da funcção nos logares affectados, a parte restante prestaria ao organismo precioso subsidio, augmentado com o das funcções intestinaes e renaes.

Si se póde viver com um só pulmão, não ha razão para deixar de viver quem *possue* a metade, ou mais, da pelle, auxiliado por órgãos, que no primeiro caso nada

devem aproveitar, mas que no segundo auxilliam ou compensam.

Quanto á alteração nervosa da pelle, consistindo em nevrite peripherica quasi sempre limitada aos pontos compromettidos, não sei que possa constituir elemento de incurabilidade.

E' escusado alongar-me.

Para cortar pela base a questão, evidenciando que as alterações primitivas e até as consecutivas até certo gráo não determinam a perda certa dos enfermos, bastam os notorios casos de longevidade de alguns morphéticos.

O que os mata é, em estado adiantado do processo morbido, a invasão ou extensão aos órgãos internos, cujo compromettimento é incompativel com a vida.

Do exposto conclue-se que as lesões organicas da lepra não são de ordem, que conduzir possam ao desanimo ou ao desespero.

Entretanto, é possível que o Dr. Pedro Severiano, do modo como exprimiu-se, tivesse sómente por fim insinuar desconfianças do meu processo therapeutico, pronunciando-se indirectamente contra elle.

II

Publicando em 1885 o opusculo denominado — *A curabilidade da morphéa* — assistia-me a certeza da temeridade do commetimento, cuja razão passo a expender.

Ao iniciar a profissão medica, um dos meus primeiros clientes era morpético.

O instincto de conservação n'este infeliz, crescendo com a progressão da enfermidade, manifestava-se no ardor com que luctava pelo prolongamento da vida.

Achando-me ainda no periodo do ingenuo enthusiasmo pela victoria dos medicamentos, encontrou na minha dedicação um renascimento de esperança, a despeito dos profundos estragos do mal no ultimo periodo.

Um dia perguntou-me se concordava em inocular-lhe o veneno da *cascavel*. Tendo lido na descripção da desastrosa e irracional experiencia aqui feita em Mariano José Machado a 3 de setembro de 1838, que os tuberculos haviam baixado, acreditou que conseguiria melhor resultado, realisada a experiencia racionalmente.

Chegou a obter uma grande *cascavel*; e quando en já estava preparado para colher o veneno, o *pegador de cobras*, convidado para auxiliar-nos, desanimou, soltando

no aposento onde nos achavamos o reptil já irritado, deixando-nos expostos aos seus repetidos botes.

Para livrarmo-nos foi necessario matal-o, mallogrando-se assim a temeraria tentativa.

Retirando-me da localidade, não mais pensei em morphéa.

Em 1878 procurou-me aqui um moço, filho d'aquelle logar, pedindo-me agasalho na casa de saúde de N. S. da Ajuda, e recommendação para usar de duchas no estabelecimento do meu finado amigo Dr. Eiras.

O caso despertou-me reminiscencias, e, mais do que isso, aturada reflexão, em virtude da circumstancia da superveniencia do mal em uma localidade, onde não havia caso algum daquella especie; convindo notar que o enfermo era de vida desregrada, e dado á alimentação super-excitante, etc.

De simples impressões passei ao estudo da molestia, considerando o seu desaparecimento de localidades, onde haviam melhorado as condições hygienicas, e a notavel circumstancia de conservar-se em paizes de climas oppositos, empenhando-me em descobrir a ligação dos extremos da extensissima cadeia.

Depois de aturado trabalho, consegui formular uma theoria, que pareceu-me, bem ou mal, abranger os termos da questão.

Faltavam-me porém, o essencial: a confirmação practica.

Como obtel-a?

Vencendo grandes reluctancias, resolvi procurar o Dr. Araujo da Cunha, juiz conservador do Hospital de Lazaros d'esta capital, e manifestar-lhe o meu desejo de encarregar-me do tratamento de alguns enfermos sob condição de fazel-o sem apparatus, do modo mais simples, e correr por minha conta toda a despeza com o tratamento,

Acceito gentilmente o offerecimento, ensaiei por alguns mezes a medicação adequada ás minhas idéas, de accordo com Dr. Ponte Ribeiro, medico do estabelecimento.

Obrigado a suspender os meus estudos alli, ficaram-me como lembrança animadora os seguintes trechos da correspondencia official do referido funcionario com a administração “ Cabe-me ponderar a V. Ex. que muitos dos doentes estão submettidos a um tratamento experimental com o que têm tirado algum proveito, e é pena não continuar a ver se obtem feliz resultado.” (cópia do officio dirigido ao Sr. Luiz Augusto de Magalhães, escrivão do Hospital dos Lazaros, em 16 de outubro de 1879)..... “ para resolvermos sobre a conveniencia ou inconveniencia de continuarem a ser tratados por mim e pelo Dr. José Lourenço de Magalhães aquelles doentes — que têm sido por nós tratados e obtido algumas melhoras.” (Cópia do officio dirigido ao Dr. Manuel Araujo da Cunha, juiz conservador do Hospital dos Lazaros, em 18 de outubro de 1879).

Reduzido a dous ou tres doentes de minha clinica particular, não desanimei, continuando com elles a observação dos effectos do tratamento que adoptára, e a estudar os documentos existentes sobre a morphéa em differentes pontos do Brasil.

Em 1880 segui para o Estado de S. Paulo, em companhia do meu amigo Dr. Pedro Paulo, de saudosa memoria, para continuar as investigações iniciadas no Hospital de Lazaros relativamente á composição sanguinea nos morpheticos, exame de urinas, etc.

Em 1882 publiquei o trabalho denominado — *A morphéa no Brasil* — cujo merito unico foi apparecer, quando a questão parecia morta entre nós.

Relativamente a essa publicação exprimiu-se o Dr.

Julio de Moura, de saudosa memoria, na *União Medica* de junho de 1883, do seguinte modo:

A morphéa no Brasil estava carecendo, ha annos, de alguém que della se occupasse com menos indifferença e com menos desalento.

O livro do Dr. José Lourenço veio, por conseguinte, preencher entre nós esta triste e lamentavel lacuna.

Para assegurar a importancia dos elementos de convicção de que dispunha, não hesitei consignar as seguintes linhas; “Se fossem ouvidas as vozes da sciencia e da humanidade, é mui provavel, digo-o fundado em razões poderosas, se realise no Brasil um sonho de tantos seculos, — o tratamento curativo da lepra.

Exprimindo-me assim, não havia da minha parte precipitação, enthusiasmo precoce e irreflectido, ou assomos de vaidade; era simplesmente a manifestação da segurança das minhas conclusões relativamente á especie.

Seria illusão minha, apesar da calma com que sempre procedi?

Póde ser; assim mesmo a illusão nobilita a intelligencia, e então é dever nosso illudir-se.

Depois da referida publicação, alguns dignos collegas certos da sinceridade dos meus esforços, começaram a auxiliar-os, encaminhando-me enfermos. Se, por nimia pobreza ou desfallecimento, alguns não eram assíduos, outros concorriam para fortificar cada vez mais a minha opinião, de não andar errado na trilha, que seguia.

Animado pelo resultado, convidei alguns collegas para examinarem tres doentes novos, e acompanharem o seu tratamento.

A 14 de junho de 1885 recebi o parecer assignado por aquelles collegas, de que transcrevo o ultimo periodo: “Attendendo á gravidade e extensão da molestia em nosso paiz e o prognostico terrivel que lhe assignala caracter de incurabilidade, julgamos auspiciosos os resultados

dos esforços conscienciosos e aturados do Dr. José Lourenço, que já apresenta uma estatística de curas relativas muito mais eloquentes que os casos isolados e raros archivados na sciencia, cujo valor e authenticidade nos seria impossivel verificar.”

Os seis signatarios do parecer, professores da Faculdade de Medicina d'esta capital, seriam incapazes de um acto meramente gracioso em assumpto de alta responsabilidade, e eu de sollicital-o por inutil e fallaz.

A um dos doentes submettidos ao exame dos meus collegas, e por elles considerado *um caso de cura relativo*, acompanhei por alguns annos, porque visitava-me de tempos a tempos; nelle a cura foi completa.

Outros casos poderia apresentar, se, em uma enfermidade considerada infamante, não me comprissem respeitar deveres profissionaes.

N'estas condições entendi adiantar o meu commettimento publicando o opusculo — *A morphèa e sua curabilidade* — em que, propondo-me a demonstrar praticamente a minha idéa, pedia garantias para realisar o meu intento.

“Como auxiliar da medicação da lepra, dizia eu á pag. 23, considero imprescindivel a hygiene, em cujo poder descubro a condição *sine qua non* de uma cura real e firme.

Do modo como a comprehendo e admitto, insistia então, a hygiene não será sómente a conquistadora da cura, mas tambem a sua garantia.” (1)

Essas ponderações, acompanhadas do necessario desenvolvimento, indicavam que eu não confiava exclusivamente na therapeutica, nem me julgava em condições completas de divulgar as minhas experiencias, arriscan-

(1) *A morphèa, e sua curabilidade*, pags. 23 e 24.

do-me a uma prova clinica independentemente da minha direcção, conforme dei a entender.

Por algum tempo, durante o ministerio do fallecido senador Meira de Vasconcellos, acreditei que conseguiria meios de exhibir a demonstração do novo processo therapeutico.

Mallograda essa expectativa, tratei de fundar o meu instituto, não por interesse, mas sómente com intuitos clinicos, tendo em vista que *l'art* (Beveille-Parise) *ne traite que l'individu*, ou como disse Torres Homem nas *Lições de clinica sobre a febre amarella* — “O medico pratico não trata de molestias, mas sim de doentes”, — proposições correspondentes ao *on soigne des malades et non des maladies*, do Dr. Huchard e outros clinicos igualmente notaveis.

Procedesse eu por interesse, não me faltariam meios de propaganda nos Estados mais affectados pela morphéa.

Ao contrario nunca annunciei o meu instituto. (1)

Meu nome só tem apparecido em trabalhos scientificos, ou em honrosissimas referencias a estes feitos por collegas generosos e pela imprensa d'esta capital, de S. Paulo, Minas e outros Estados, em artigos animadores.

Depois de tanto esforço e sacrificio, acho-me entre os que, imitando ao Dr. Pedro Severiano, mostram “grande repugnancia em acreditar na curabilidade da morphéa por meios therapeuticos”, e os que consideram o assumpto de menos difficil elucidação não encontrando motivo que justifiquem o meu silencio.

Não é por minha culpa, que tenho retardado, não a simples divulgação da therapeutica que emprego, — o que,

(1) O Almanack de Laemmert publicou a noticia do *Instituto José Lourenço*, ministrado em minha ausencia, por um empregado da casa de Saude de Nossa Senhora da Ajuda conjunctamente com a d'este estabelecimento.

por anti-científico não faria, mas a publicação de um volume com a exposição completa das minhas investigações relativamente á pathogenia, ás fórmulas clinicas da morphéa, ás complicações e aos accidentes peculiares a ella, á medicação applicada em condições de assegurar probabilidades de exito, etc.

Quanto mais estudo e observo a morphéa, mais receio as incertezas da clinica, a negligencia e a inconstancia dos enfermos, a variedade individual dos casos com as respectivas exigencias, e — para que occultal-o? — a propria inexperiencia do observador.

As condições individuaes variam tanto, que é raro começar o tratamento do mesmo modo.

Demais, não ha enfermidade que reclame de parte a parte tanta paciencia, constancia, dedicação e confiança: a morphéa não é para ser tratada commummente, e, quer hygienicamente — como mostrarei — quer clinicamente requer e obriga a cuidados especiaes.

No terreno pouco seguro das convicções contrastando com a tradicional e desanimadora reputação de incurabilidade, a menor facilidade, o primeiro insuccesso, a demora do exito repercutirão desfavoravelmente na medicação, prejudicando-a talvez completamente.

Verificada, porém, a demonstração clinica nas condições que reputo necessarias, com a experiencia adquirida, e o empenho de principal responsavel, a idéa salvar-se-ha, se o resultado for satisfactorio, como espero, desobrigando-me do encargo, que com a melhor vontade a mim proprio impuz em beneficio da humanidade.

O que vier depois, por peor que seja, não abalará a evidencia dos factos.

No meu instituto ser-me-hia impossivel realizar a demonstração, que tanto desejo em vista da repugnancia dos doentes a communicações estranhas.

Ninguem avalia o que é soffrer semelhante molestia:

o padecimento physico nada é comparativamente ao moral.

O morphetico embora procure dissimular, percebe a todo o momento a má impressão que causa: isso augmenta-lhe a afflicção. A peor morphéa — se assim posso exprimir-me — é a do espirito.

No instituto seria mister organizar um serviço reservado, para o qual, além de outros inconvenientes, faltaria espaço.

Preoccupado com o meio de liquidar a questão, combinei com o meu distincto collega e amigo o Dr. Valeriano Ramos, fundar nas immediações do *Sanatorio Fluminense*, em construcção em Cascadura, um serviço especial e independente para morpheticos, obtidos os recursos necessarios.

Para facilitar a verificação da efficacia da minha therapeutica empregarei os meios ao meu alcance: mais do que isso é impossivel fazer.

Para terminar: quando o ex-imperador D. Pedro visitou espontaneamente o meu instituto, ao retirar-se, depois de ouvir-me em prolongada conversa, disse-me: “faz bem insistindo: são dignos de louvor os seus esforços e prudencia.”

Quanto a esforços, só direi que significam o cumprimento do dever. Relativamente á prudencia, hei de mantel-a proporcional á minha responsabilidade, á gravidade da molestia e á complexidade do problema therapeutico.

Aos que julgarem exagerados os meus escrupulos e cautela, responderei simplesmente: *a molestia é a morphéa.*

III

Depois da publicação do opusculo—*A morphéa no Brazil*,—em que dei á difficil e controvertida questão do contagio o desenvolvimento que pude, occupo-me de novo do assumpto.

Sem elementos que autorisassem opinião individual, quando formulei o primeiro trabalho, soccorri-me da opinião de autores estrangeiros e nacionaes, limitando-me a algumas considerações de lavra propria, emittidas no capitulo denominado—*Minhas reflexões*.

Não cabendo reproduzir aqui os elementos de convicção então colligidos, vem ao caso transcrever algumas d'aquellas considerações como ponto de partida para o actual estudo.

“ Facto notavel ! disse eu: durante seculos reinou a crença do contagio da lepra, crença alimentada pelo desenvolvimento progressivo da molestia, e aggravada pela repugnancia e pelo terror que a todos infundia.

.....

Ora, para que se operasse a revolução anti-contagionista depois de tudo isso e apezar de tudo; para que se

formasse a opinião quasi unanime dos ²homens da sciencia em sentido francamente contrario ao contagio, havemos de convir que as provas em que elles se fundaram foram muitas e concludentes; foram provas que se impuzeram, revolvendo, expondo ao ar as raizes de uma crença secular.

.....

Pois bem, accrescentei, o inquerito longo, paciente, reflectido, desprevenido, scientifico, deu-nos—não è contagiosa a morphéa.

O que admira no maior gráo, ponderei ainda, é que os poucos contagionistas não tenham podido definir como e quando se opera o contagio da lepra (1)

Lá se vão dez annos que assim discorri; n'este periodo muda-se a scena, nova corrente da opinião opera-se outra vez em favor do contagio; a lepra voltou ao que era no tempo de Moysés, na idade media, nos seculos do terror; depois de extinto o privilegio de contagiosa, readquire-o, e desta vez sem replica: “a contagiosidade acha-se comprovada por factos bem averiguados”, affirma o illustrado Dr. Pedro Severiano de Magalhães.

A' tão categorica affirmativa, caracteristica da moderna, da ultima opinião, contraporei que o: *não contagio da morphéa está comprovado por numero incomparavelmente maior de factos bem averiguados, e observados em todos os paizes, inclusive o Brazil.*

Opinião por opinião, faltando, porém, comparar os fundamentos de parte a parte, em ordem a decidir de que lado está a razão.

Perdoe-me a audacia o Dr. Pedro Severiano: ainda não estou convencido da contagiosidade da lepra, apezar

(1) A morphéa no Brazil, pag. 214: 1882.

dos factos bem averiguados a que se refere o distincto collega.

Seja temeridade dizel-o, e tambem acreditar na curabilidade da morphéa, naturalmente por ser brazileiro, e sem a capacidade e os conhecimentos precisos para aprofundar esta transcendente questão.

Mesmo assim, o que fazer senão enunciar o que peuso, sinto e tenho observado ?

Não cheguei ainda ao periodo de aperfeiçoamento, em que as opiniões amoldam-se ás circumstancias, por cautela e previdencia; acho-me aquem, no atrazado, em que o espirito, funcionando desprevenidamente, expõe as operações intellectuaes ou traduz o resultado das observações com singeleza e verdade em ingenua despreoccupação.

Reatemos a questão.

Dominava a crença do não contagio da morphéa contra a secular do contagio, quando Hansen, em 1873, descobriu o bacillo da lepra. Dahi concluiu elle immediatamente em favor da contagiosidade.

E' bacillar, logo é contagiosa, foi a decisão...

Era, e é, caso, em que a ultima palavra deveria caber á clinica, unica competente para defini-lo conforme os elementos colhidos nas localidades affectadas pela molestia.

Que esses elementos auctorisavam a pensar contrariamente ao contagio, evidencia-o a reacção operada, a despeito do terror que esse mal infundia e ainda infunde entre o povo.

Pois bem: bastou um traço de theoria para cancellar todo esse trabalho, perdendo desde então em valor a opinião firmada no exame dos factos, na experiencia dos clinicos residentes por longos annos em localidades, onde a morphéa existe.

A experiencia affirmava:—*não é contagiosa*; surge a theoria e diz—*é*.

Eis em poucas palavras definida a situação consecutiva á notavel descoberta de Hansen.

“ A natureza parasitaria, bacillar da morphéa”, como diz o Dr. Pedro Severiano, explica, pois, a ultima mudança de opinião, ou, em outros termos, a não contagiosidade *a été fort ebranlée par la decouverte du bacille de la lepre*, como asseguram no recente *Traité de Médecine* (1) os seus autores, inclusive o Dr. Bouchard—decidido apologista da doutrina bacillar, os quaes em ultima instancia decidem que a *questão da contagiosidade deve ser considerada como resolvida*.

Em medicina ha uma regra infallivel: surgindo uma idéa nova, os espiritos progressistas acceitam-na com ardor e convicção desprezando os *erros* do passado.

Dest’arte o edificio quasi não adianta, porque os architectos encarregados pela successão dos tempos de continuar a grande obra, começam demolindo precipitadamente o que podem, na persuasão da insufficiencia da existente, organizada muita vez com enorme dedicaçãõ e sacrificio.

Não julgo a intenção, que em todos presume-se louvavel e humanitaria; assignalo apenas o facto.

Era impossivel que a regra falhasse na questão do contagio da lepra, em vista do enthusiasmo provocado pela doutrina parasitaria, que, contando aliás algumas conquistas de incontestavel valor, é ainda deficiente para esclarecer e resolver varios pontos de clinica medica.

Apezar disso, é mais prudente e seguro acceital-a em todas as suas deducções conhecidas e futuras, mesmo com sacrificio de opiniões, na previsão de dissiparem-se pouco

(1) *Traité de médecine*, redigido pelos Drs. Charcot, Brissau: tomo 2°, 1892.

a pouco as trevas ficando então justificada a oportuna conversão e a fina penetração dos conversos.

Seja como fôr, não satisfazendo, por absoluta, a proposição—*é bacillar, logo é contagiosa*—voltou-se a attenção para a observação clinica e a experimentação.

Reconhecida a necessidade de provas justificadas do contagio, começou-se pela inoculação de tecidos ou sangue de morpheticos em animaes, variando a qualidade á medida dos insuccessos: rãs, coelhos, gatos, cães, macacos, todos *negavam-se á sorte*.

Desgraçadamente, diz um autor no auge da contrariedade, falharam as tentativas. Desgraçadamente! *Felicidade* seria, acrescento eu, se dessem resultado.

Não estava, porém completamente perdida a esperança; faltava ainda experimentar a inoculação no homem; a syphilis, tão facilmente inocuavel n'elle, não falha nos outros animaes?

Porque não succederá o mesmo com a morphéa?

Este argumento de analogia entre essas duas affecções consolava os espiritos ávidos de provas.

Infelizmente inoculações voluntarias, ou accidentaes não deram melhor resultado, conforme referem varios autores.

Foi n'esta conjunctura que surgio como um raio de luz a *rapida diffusão* da morphéa nas ilhas Sandwich, onde o Dr. Arming, *ardente contagionista*, conforme classificou-o o Dr. Besnier, conseguiu inocular o virus em um condemnado á morte, e n'elle reproduzir pela primeira vez a morphéa.

Antes de proseguir, notarei outro insuccesso.

O Dr. Besnier reconhecendo no relatorio apresentado á Academia de Medicina de Paris, em 11 de Outubro de 1887, a necessidade de procurar, a partir do descobrimento de Hansen, o bacillo da lepra no sólo, no ar, nas aguas ou nos alimentos, diz que "*un seul auteur, Arming, médecin*

allemand qu'a étudié la lèpre aux îles Hawaii avec un admirable talent et une rare sagacité, a institué ses recherches dans les meilleures conditions, en pays lepreux dans une region où l'element lepreux, est en pleine prolifcation; il a examiné dans cette direction l'air, l'eau, les aliments, et toujours les resultats de ses examens multipliés ont été négatifs."

O insuccesso de pesquisas effectuadas em circumstan-
cias tão excepcionalmente favoraveis, como reconhece o
Dr. Besnier, e por pessoa da maior competencia, é de con-
sequencias mais graves, do que a primeira vista parece,
como mostrarei.

Onde realmente encontrar tanta condição reunida,
quanto ao experimentador e á localidade, para descobrir-se
o bacillo da lepra no sólo, no ar, na agua e nos alimentos ?

Perdida aquella oportunidade, é de receiar que outra
não haja, não obstante as esperanças do Dr. Besnier, e que
fique para sempre insolúvel essa modalidade do estudo
etiologico da morphéa.

Prescindindo por emquanto do extraordinario aconte-
cimento da diffusão da lepra nas ilhas Sandwich, e do
auspicioso resultado da inoculação feita pelo Dr. Arming
no condemnado á morte, cuja commutação não sei se foi
para melhor ou peor, passarei a examinar o modo como
se operaram algumas conversões á nova crença do con-
tagio.

Para não alongar demasiadamente este artigo, ter-
mino aqui.

IV

Um dos dermatologistas mais empenhados nestes ultimos annos no estudo da lepra, o Dr. Leloir, professor em Lille, publicou, além de outros trabalhos, uma importante monographia, que será sempre consultada com proveito.

Além das aturadas investigações a que se entregou no hospital de Saint Louis, onde o mal póde ser perfeitamente estudado, como affirma o Dr. Besnier, clinico do mesmo hospital, julgou o Dr. Leloir conveniente visitar alguns paizes affectados por aquella enfermidade, alargando assim o campo das suas observações, para o que percorreu a Italia em 1878 e a Noruega em 1884, conseguindo examinar cerca de 800 leprosos, voltando á Italia em 1885 e percorrendo o sul da França.

De posse deste valioso contingente, o Dr. Leloir apresentou em 1885 uma interessante communicação á Academia de Sciencias de Pariz, sob o titulo de *Etudes Cliniques sur la lépre en Noruege*.

Abstrahindo de outros pontos aliás importantes deste trabalho, limitar-me-hei a apreciar a opinião do autor sobre o contagio da morphéa,

A semelhante respeito declarou o Dr. Leloir que “a maioria dos factos levam a acreditar que, *se a lepra é contagiosa*, (o griphe é nosso) é *en tout cas à un degré très minime*.

Depois de notar o malogro das tentativas repetidas de innoculação feitas por um medico notavel em si proprio e em vinte pessoas sãs, e de patentear o insuccesso das innoculações em animaes, declara entretanto. “possuir algumas observações que podem ser invocadas em apoio da natureza contagiosa da lepra.”

Em seguida expõe *como simples hypothese*, (palavras textuaes) que a presença do bacillo nos productos leprosos não prova a contagiosidade do mal, podendo ser a lepra analoga á malaria, etc.

Da combinação destes trechos o que inferir relativamente ao contagio da lepra?

Admittia-o o autor ou não?

A julgar pela analogia da morphéa com a malaria, molestia aliás não contagiosa, e pela phrase dubitativa—*se è contagiosa*—deve-se racionalmente acreditar que não admittia.

O auctor declara, é certo, conhecer alguns casos que podem ser invocados em favor do contagio: mas é obvio que *os poucos casos* não lhe abalavam a convicção, porque se assim não fosse, ontro teria sido o seu modo de exprimir-se, e então, em vez de *duvidar affirmaria* que a lepra é contagiosa, com o restrictivo—*em grau minimo*.

Parece ser esta a deducção natural das expressões do conceituado professor. D’ahi segue-se que, depois das pesquisas feitas no hospital de Saint-Louis, em Paris, e das investigações aturadas na Italia, na Noruega e no sul da França, isto é: depois do que elle proprio viu, inqueriu e apurou em 800 ou mais doentes, a opinião do Dr. Leloir não propendia para o contagio, corroborada pelo insuc-

cesso, por elle citado, de numerosas innoculações praticadas em homens e animaes.

Poucos mezes depois publicou o *Traité pratique et theorique de la lépre*, obra considerada geralmente de grande folego, mas realmente apreciavel antes como prova de illustração e actividade, do que como luz diffundida sobre os pontos obscuros da lepra.

Neste trabalho serviu-se o Dr. Leloir justamente das peças de convicção da memoria pouco antes apresentada á Academia das Sciencias, dos elementos colleccionados no serviço hospitalar e nas suas excursões scientificas. De novo ha apenas informações colhidas mediante um longo questionario por elle dirigido a medicos conhecedores da lepra em varios paizes, parecendo com isso não confiar sufficientemente no resultado que por seu proprio esforço até então havia obtido (*).

Em todo o caso é notavel a mudança de opinião do Dr. Leloir quanto ao contagio da lepra: a principio elle duvida, depois affirma. Causa com effeito estranheza a rapidez da conversão.

O que concorreria para isso ?

De certo não foi o resultado do que viu e observou nas apuradas pesquisas effectuadas nos paizes onde a moléstia existe, nos fócios onde estudou o mal com os recursos de seu talento e proficiencia.

Decididamente não foi porque se tivesse encontrado provas do contagio da lepra, que, a existirem, não escapariam por certo á sagacidade e penetração do Dr. Leloir, de outro modo se teria pronunciado na memoria que pouco precedeu á publicação do seu ultimo trabalho.

(*) Um exemplar do questionario foi-me entregue pelo Dr. Mayrink, encarregado pelo Dr. Leloir de transmittir-lhe informações. Em satisfação ao gentil convite só pude offerecer o meu opusculo—*A morphéa no Brazil*.

A que attribuir a radical modificação ?

As informações que colheu ? á influencia do parasitismo ?

Quanto á primeira custa a crer, por ser difficil admitir que o illustre professor mais confiasse em informações estranhas, por importantes que fossem, do que na sua propria observação, que mais lhe devia merecer; que desprezasse o resultado da sua experiencia lentamente adquirida, para guiar-se pelo que os outros disseram ter observado.

Quanto ao parasitismo é igualmente de reparar que se deixasse seduzir por uma simples theoria, não confirmada praticamente.

Se o Dr. Leloir tivesse limitado os seus estudos ao hospital Saint-Louis, comprehende-se a sua hesitação fundamentada na insufficiencia das provas allí adquiridas; mas realisar esses estudos em condições que auctorisavam juizo seguro sobre a questão do contagio, e não manifestal-o firme, oscillando entre o sim e o não, entre a duvida e a certeza, sem razões plausiveis, é realmente de admirar.

Na memoria a que alludi, exprimiu-se como já disse, do seguinte modo : *Se a lepra é contagiosa é em grau minimo*; no seu ultimo trabalho sustenta, entretanto, que a hereditariedade não explica a rapidez do desenvolvimento dessa enfermidade em alguns paizes, nem a rapidez com que tem percorrido o mundo, e que estas circumstancias bastam para demonstrar que a *lepra foi e é molestia contagiosa* (o grifo é do autor); que *fatalement, logiquement l'étude précédente appuyée sur des faits chimiques (je laisse de côté l'anatomie et le bacille) nous conduit á admettre qu'un certain nombre de cas de lepre ne peuvent être expliqués que par la contamination, La lepre est donc une maladie contagieuse.* (*)

(*) Obra citada pag. 298.

Não é com o fim de censurar que reparo na facilidade e promptidão com que uma notabilidade, como é o Dr. Leloir, tornou-se contagionista; mas sómente para mostrar que, para a elucidação deste importantissimo assumpto, muito está concorrendo a influencia das idéas modernas, e o receio de *não ser-se sufficientemente progressista*: a theoria abafa a pratica.

Na discussão, que ainda perdura na Academia de Medicina de Pariz, sobre o tratamento da pleurisia disse o professor Hardy que “para as medicações therapeuticas, á imitação do traje, ha uma moda, passando por excentricos e ridiculos os que não a acompanham.”

Quanto á medicina póde o conceito ser ampliado á etiologia das molestias e á sua natureza; é com effeito moda descobrir molestias parasitarias e contagiosas: a morphéa serve de exemplo.

Outro factó, que vale a pena propalar, foi o anno passado denunciado pelo Dr. Zambaco na sua obra — *Voyages chez les lepreux*.

O Dr. Zambaco é um medico do Oriente, que ha nove annos occupa-se da morphéa, estudando-a em seus grandes fócos, para o que muito tem viajado, publicando regularmente o resultado de suas investigações.

E’ um dos que mais tem observado e dos poucos que resistem á onda do modernismo, baseado em sua longa experiencia que ainda não proporcionou-lhe meios de verificar um caso de contagio da lepra.

Na ilha de Chypre consultou a um medico sueco, o Dr. Heindestam, a quem muito elogia, por ter alli promovido a creação de um asylo para leprosos, dirigindo-o com proficiencia e caridade.

Questionado sobre o contagio, deu o Dr. Heindestam, informações duvidosas, porque se mencionou alguns casos tendentes a demonstral-o, entre os quaes o de um perú que perdeu os dedos no asylo, outros referiu em con-

trario; pelo que em uma communicacão sob o titulo *La lépre en Turquie*, apresentada á Academia de Medicina de Pariz, na sessão de 13 de Agosto de 1889, o Dr. Zambaco não duvidou afirmar que *le Docteur Heindestam admet l'hérédité et reste indécis quant à la contagion, après la lecture des nouveaux travaux sur la lèpre.*

Grande foi, pois, a surpresa do Dr. Zambaco deparando, no relatorio pouco depois apresentado ao governo inglez pelo Dr. Heindestam, a declaracão de que “a observacão dos dez ultimos annos cada vez mais patentea o contágio da lepra.”

A' vista disso o Dr. Zambaco consignou na ultima pagina do seu livro — *Voyages chez les lépreux* — uma nota terminando assim: “Quant á moi, je regrette que ces tergiversations diminuent la valeur des travaux du Dr. Heindestam, si bien placé pour contribuer á l'élucidation des problemes graves concernant la lèpre.”

Deste modo e por tal processo não faltarão sectarios da doutrina do contágio da lepra, entre os que visitam os paizes onde ella existe, ou os que ahi residem e observam-na com vontade de acertar.

Das provas activamente colligidas pelos contagionistas de 1873, a saber: depois de descoberto o bacillo da lepra, duas ha que a seu vêr não deixam duvida—o rapido incremento nas ilhas Sandwich e o successo, ou antes a felicidade da innoculação praticada pelo Dr. Arning em um sentenciado á morte.

O contagio da lepra nas ilhas Sandwich é evidente, dizem elles, porque só assim se explica o extraordinario desenvolvimento que tem tomado aquella enfermidade, d'antes não existente, depois que alli aportou em 1848 um colono chinez.

Não me demorarei na apreciação do phenomeno pathologico que se dá n'aquellas paragens, principalmente por não permittir-o a natureza deste trabalho: comtudo ponderarei que, a acreditar-se nas descripções, pôde-se sem receio de errar dizer que a lepra nas ilhas Sandwich é extraordinaria, *unica*, como nunca existiu em parte alguma.

Ante os innumerados factos de haver completamente fallhado a transmissão da morphéa de individuo a indivi-

duo, a despeito da intima convivencia dos enfermos com pessoas sãs, e de todas as provocações, e, ao mesmo tempo, da raridade dos casos citados em favor do contagio, os proprios contagionistas, não se dando por vencidos, são, entretanto, obrigados a reconhecer que a lepra é contagiosa *em gráu minimo*.

Na avidéz, porém, de provas, apegam-se, como a um favor da sorte e por isso sem maior exame, ao caso das ilhas Sandwich, completamente em opposição á geral observação em todos os paizes onde ha focos leprosos, e á propria convicção dos contagionistas.

Só depois da chegada do colono chinez teria a morphéa alli começado ?

Eis a primeira, e a questão capital, ainda não resolvida.

Se a molestia existe desde o principio deste seculo, conforme a citação tirada do *Traité de Climatologie médicale* de Lombard pelo Dr. Le Roy de Mericourt, quando em 1885 discutiu a contagiosidade da morphéa na Academia de Medicina de Paris; se merecem fé as palavras de Quoy, lidas na mesma occasião pelo mesmo doutor e que por minha vez reproduzo:

Lèpre. On rencontre encore ici la terrible lépre, moins commune et moins variée qu'aux îles Mariannes, mais non moins funeste à ceux qui en sont attaqués; se assim foi, é manifesta a exaggeração dos que, fazendo datar de menor tempo a introdução da lepra nas ilhas Sandwich, só consideram o contagio, abstrahindo da successão ou transmissão hereditaria, como meio de explicar o incremento alli tomado pela enfermidade.

Existindo o mal desde o principio deste seculo, não é de admirar que devam-o á herança os 1.500 morpheticos em uma população de 40.000 almas, acceto o algarismo constante da memoria apresentada, sob o titulo—*Sur la*

dépopulation de l'Archipel Hawaïen—pelo Dr. Varigny no ultimo congresso de hygiene reunido em Pariz.

Demais, o Dr. Varigny, que no trabalho—*La lépre aux illes Hawai*—publicado na *Revue Scientifique* de 16 de Julho de 1886, revela sérios estudos da pathologia daquelle archipelago, inclina-se a crer que muito antes da chegada do celebre Ahia, o colono chinez morphetico, já existia a lepra entre os Hawaianos.

Entende elle que “se a lepra não foi importada nas ilhas Hawai em 1779 quando Cook visitou-as, lá devia existir desde muito”; em apoio cita o missionario Stewart, que “em 1823 notou diversos casos pathologicos capitulados de lepra por alguns medicos”, e tambem a opinião de Tormander nos seguintes termos: “a lepra polynesiana derivou directamente da lepra hindostanica; nasceu nas Indias, onde a terrivel molestia ainda occupa importante foco.”

Em vista disto a antiguidade da lepra nas ilhas de Sandwich não suffraga a opinião dos contagionistas.

Eu disse que o insuccesso das experiencias do Dr. Arning, no sentido de descobrir o bacillo no solo, no ar, na agua ou nos alimentos, era de mais sérias consequencias do que pareceria.

De feito, a não reproduzir-se o bacillo da lepra em um ou mais desses *campos de cultura*, como está verificado com o mallogro daquellas experiencias; a ser sómente “o leproso que reproduz a lepra” (o que aliás é exacto), conforme affirma o Dr. Besnier na communicação feita em 1889 á academia de medicina de Pariz a proposito do *Traité de la lépre*, do Dr. Leloir; falta explicar como se opera a reproducção nas ilhas Sandwich, isto é: como o leproso é unico alli em transmitir tão frequetemente o mal, sendo tão rara a transmissão individual, conforme a propria confissão dos contagionistas, nos demais paizes.

Em um ponto estamos todos de accôrdo: é o leproso quem, com effeito, introduz e reproduz o mal, o que não quer dizer que o faça por contagio, como não é por esse meio que o gottoso transmitta a gotta, etc.

Verdadeira é a proposição do Dr. Besnier; a demonstração, porém, é que parece não sel-o.

Não ha com effeito observador imparcial que deixe de mencionar numerosos casos, em que a morphéa de um conjuge não passa ao outro; em que os enfermeiros dos hospitaes, lavadeiras, em contacto durante vinte, trinta e maior numero de annos com doentes ou com roupas servidas, não contrahiram a enfermidade; em que as leproserias que deveriam constituir fôcos de contagio, são asylos immunes de pessoas sãs, que lá vivem longos annos.

Segundo refere o Dr. Zambaco, permite-se na leproseria de Scutari, perto de Constantinopla, o alojamento de familias pobres da visinhança, levando crianças ou compatriotas dos asylos, sendo continuas as relações entre ellas e os habitantes sãos. *Enfin*, diz aquelle doutor, *la promiscuité entre les lépreux de l'asile et la population de de la capitale s'accomplit sur une large échelle, principalement une fois par an.*

Tendo estado em Constantinopla, o Dr. Dujardin-Beaumetz declarou perante a Academia de Medicina de Pariz, “ter verificado de *visu* os principaes factos em que se apoia o Dr. Zambaco, para afirmar o não contagio da lepra; que a ninguem é prohibida a entrada na leproseria de Scutari, havendo até a singular superstição de ser considerado presagio de felicidade gyrar com um leproso uma mò collocada no interior do estabelecimento”.

Outre les personnes, acrescenta Dujardin-Beaumetz, “*qui pénètrent dans cette léproserie pour des pratiques superstitieuses, des enfants y viennent aussi et y séjournent pendant des années. Jamais aucun cas de contagion n'a*

été observé soit chez les personnes venues du dehors, soit chez les personnes qui demeurent dans la léproserie.”

Aqui mesmo, na Capital Federal, posto não haja termo de comparação entre as praticas seguidas no Asylo de Scutari, observa-se que por temor de contagio não se deixa de ir ao hospital dos lazarus ou á festa que alli se celebra annualmente.

Fica, pois, sem explicação a *famosa lepra eminentemente contagiosa* das ilhas Sandwich, e como tal somente reconhecida e aceita em desespero de causa.

O argumento derivado de semelhante occurrencia clinica assume taes proporções que... prova de mais.



VI

A importancia da questão levantada pelo illustrado Dr. Pedro Severiano de Magalhães obriga-me a dar ao meu modesto trabalho mais amplitude do que pretendia.

Existindo a morphéa no Brazil, e frequentemente em alguns Estados, como S. Paulo, Minas e Pará, muito interessa á hygiene prophylatica determinar a natureza, contagiosa ou não, desta enfermidade.

Um dos medicos que a observaram em S. Paulo, o Dr. Lutz, propendendo em favor do contagio, denunciou a contaminação dos allemães alli residentes, circumstancia grave para nós.

Tendo eu examinado tambem alguns allemães morpheticos em S. Paulo, externarei em subseqüente artigo a minha opinião quanto ás condições que concorreram para a manifestação do mal.

Por emquanto occupar-me-hei de outros pontos relacionados com o esclarecimento da controvertida questão

do contagio, continuando a attender ao desenvolvimento attribuido á morphéa nas ilhas Sandwich, o que aos contagionistas tem constituido argumento poderoso em seu favor.

No citado artigo — *La lèpre aux îles Hawaï* — affirma o Dr. Varigny dividirem-se as opiniões, mesmo alli, pro e contra o contagio ; invocando os não contagionistas em seu apoio nmerosos casos de cohabitação entre leprosos e pessoas não affectadas, e de dentadas sem transmissão do mal ; e tambem a immuidade da lavadeira do hospital que, além de exercer esta profissão durante 17 annos, foi casada com dois morpheticos.

Os contagionistas apresentam exemplos em contrario, versando sobre a transmissão por convivencia, e casos de empregados da leproseria de Malokai accommettidos de morphéa, inclusive o padre Daniel, que veiu a soffrer de lepra, á qual succumbiu.

O mesmo Dr. Varigny, aliás propenso ao contagio, considera exagerados os argumentos de parte a parte.

Se nos proprios focos, como vimos, o contagio não se impõe de modo a conciliar as opiniões, e um historiador desapaixonado reputa exagerados os exemplos produzidos, não é muito que aquelles que, como eu, não verificaram até aqui caso algum de contagio na longa pratica da morphéa, suspendam juizo quanto ás occurrencias das ilhas Sandwich.

Demais, o que se sabe relativamente á depravação dos Hawaianos, que, não obstante a sua boa conformação, acham-se ameaçados de imminente extincção, deve constituir sobreaviso quanto á parte attribuida á lepra nessa obra de exterminio.

Pela estatistica apresentada na memoria do Dr. Varigny ao Congresso de Paris sobre o despovoamento do archipelago Hawaiano, devido principalmente á vida desregrada e a excessos de toda a sorte, vê-se que a população,

sendo de 142.000 habitantes em 1823, havia descido a 40.014 em 1884 continuando a decrescer, segundo affirma o autor.

La syphilis, diz elle, constitue la plaie par excellence de la race hawaïenne.

N'estas condições tão extraordinariamente excepçoes, em que, a par do completo aniquilamento das leis naturaes e da maior promiscuidade, avultam os excessos venereos de modo destructivo, como encontrar o fio do contagio naquella confusão e profusão de vícios ?

Como estranhar o crescido numero de morpheticos, explicado por transmissão hereditaria, provocada naquelle gráo ?

O estudo da lepra nos logares em questão pede, como parece, mais cuidado e menos prevençãõ.

Invocar este exemplo anomalo para justificar o principio que se pretende firmar relativamente a uma affecção cuja marcha é mui diversa em outros paizes ; converter a excepção em regra, poderá ser um recurso em falta de outros elementos comprobatorios, mas seguramente inadmissivel em boa hermeneutica.

Em logar nenhum recebeu-se ou receia-se, como nas ilhas Sandwich, que a morphéa constitua um dos principaes factores de aniquilamento da população, mesmo sendo esquecidas, como succede no estrangeiro e no Brazil, as providencias capazes de impedir o desenvolvimento deste mal.

O Dr. Zambaco menciona na sua obra — *Voyage chez les lépreux*, já por mim citada, varios logares onde é sensivel o declinio da morphéa, não obstante a liberdade de communicações concedida aos affectados, conforme se observa entre nós, como terei de mostrar.

O Dr. Kermorgant, medico inspector das colonias, publicou em maio do corrente anno nos *Archives de Médecine Navale* um artigo intitulado *Contribution à la Géographie Médicale*, em que diz que a lepra tem decrescido

na Islandia, sendo de esperar o desaparecimento ante o progresso da hygiene e a prosperidade dos indigenas.

No XIV seculo, accrescenta o autor, em uma população de 40.000 almas havia 200 leprosos ; em 1875, conforme dados officiaes colligidos pelo clero por meio de recenseamentos annuaes, era de 60 o numero de leprosos para 70.000 habitantes, numero que em 1890 tinha descido a 47, distribuidos em pequenos grupos.

Diz o Dr. Kermorgant, completando a noticia, que alli a morphêa é considerada hereditaria e não contagiosa ; mencionando casos de cohabitação conjugal por 20 e 30 annos sem communicação do mal, e finalmente o facto de permanecerem vasias as leproserias.

Do exposto vê se que o acontecimento pathologico das ilhas Sandwich, a cada passo dado como prova inconcussa do contagio, não constitue caso julgado : é cedo ainda para invocal-o como prova sufficiente de contagio da morphêa.

Para nada faltar á triste celebridade do archipelago hawaiano, foi alli, como é notorio, que pela primeira vez vingou a inoculação do virus leproso.

Essa inoculação, cujo insuccesso contou-se sempre pelas tentativas feitas, por fatalidade vingou-se uma vez.

Uma commissão adrede nomeada declarou, em parecer que corre impresso, que o paciente effectivamente apresentava os symptomas caracteristicos da lepra tuberculosa.

Considerada a inoculação uma das condições para que uma molestia seja reputada microbiana e contagiosa, o exito obtido em 1884 pelo Dr. Arning em um condemnado, cuja pena verdadeiramente não foi commutada mas permutada, não podia deixar de ser acolhido com satisfação e enthusiasmo, pelos que procuravam na pratica a confirmação da theoria.

Superado o ultimo reducto, foi estrondosa a victoria dos contagionistas.

Dissiparam-se as duvidas e as hesitações ante aquella prova real, fulminante.

A experiencia, diz o Dr. Arning, fez-se em um individuo que “ não soffria do mal nem pertencia a familia contaminada.”

Hansen obteve uma vez o mesmo resultado, mas verificou-se que o paciente já era leproso.

Desta vez, porém, affirma-se que o condemnado estava sãõ.

Longe de mim duvidar da lealdade do experimentalista, mas assim como o Dr. Arning “ fez estipular em contracto que o paciente continuaria em custodia por muitos annos, a fim de excluir-se a possibilidade da contaminação accidental ulterior”, parece que não andaria mal avisado, submettendo-o a exame em presença de outros medicos, para dissipar qualquer duvida relativamente a indicio de mal incipiente.

Relativamente á circumstancia de não pertencer o inoculado á familia contaminada, não devia ser muito segura, quero crer, a convicção do Dr. Arning ; como não será por certo a de quem houver lidado com morpheticos, os quaes, não por má fé, mas principalmente por ignorancia, negam apenas questionados e sem reflectir a existencia de parentes seus affectados de semelhante enfermidade.

Empenhado em colher o resultado da experiencia, o Dr. Arning, segurou a mão, implantando não só fragmentos de pelle leprosa *en plusieurs parties du corps*, como praticando varias inoculações com pus leproso, as quaes nada produziram, não succedendo o mesmo com o enxerto da pelle leprosa.

De feito, segundo declara o Dr. Arning, sobrevieram na quarta semana dôres rheumaticas subagudas, começando pelo cotovello esquerdo, do lado do braço onde

havia feito uma das implantações; as dôres propagaram-se por outras articulações, persistindo durante quatro mezes.

Em seguida appareceram, ao longo do nervo cubital, as tumefacções características, etc.

O Dr. Arning praticou, pois, muitos traumatismos de uma vez, conseguindo provocar as referidas manifestações dolorosas, que terminaram, segundo consta, pela completa caracterisação da fôrma tuberculosa da morphéa.

Não é fóra de proposito referir as declarações de um dos meus primeiros doentes desta enfermidade.

Disse-me que, havendo grande quantidade de ratos em uma das fabricas de tecidos em Petropolis, onde era empregado, um daquelles animaes roeu-lhe parte do dedo de um pé, e que ao acordar sentiu bastante dôr no lugar offendido, no qual sobreveio inflammação.

Ao cabo de alguns dias cicatrisou a ferida, tornando-se insensivel o dedo e parte do pé; posteriormente estendeu-se a insensibilidade aos dedos visinhos, e dahi aos do outro pé, manifestando-se tambem nos das mãos, etc. O doente, que apresentava a fôrma mixta da morphéa, attribuia o mal ao traumatismo resultante da mordedura do rato.

Outro caso: na minha primeira visita ao hospital de Lazaros, em Campinas, encontrei um preto doente, que attribuia o seu soffrimento á picada de uma jararaca; declarando que havia sentido forte dôr no lugar offendido, do qual perdeu a sensibilidade, e que passado algum tempo augmentou-se a insensibilidade, transmittindo-se para o lado opposto, e dahi para outras partes do corpo, causando-lhe, accrescentava o doente, a molestia, que era de fôrma tuberculosa.

Terceiro caso: na minha segunda visita ao referido hospital, ouvi de outro doente a mesma narrativa, mais ou menos, relativamente a si.

Quarto caso: respondendo a um questionario proposto pelo meu distincto amigo o Dr. Sergio Meira, inspector de hygiene em S. Paulo, sobre a frequencia da morphéa no Rio Claro, o Dr. França, delegado de hygiene naquelle municipio, refere-se a um enfermo de Itapetininga, que declarou-lhe ter sido mordido por uma jararaca de cauda branca, começando a molestia por adormecimento, passado algum tempo, em roda do logar da mordedura.

Quinto caso: um dos meus doentes referiu-me ter recebido forte pancada nos dous ultimos dedos da mão esquerda, causando intensa dôr; passado o accidente notou nos mesmos dedos a insensibilidade, que dahi ramificou-se lentamente por outros pontos: era um leproso de fórmula tuberculosa.

Sexto caso: ultimamente em Petropolis um leproso allemão, a quem interroguei cuidadosamentê, interessado em saber do estrangeiro quaes as condições em que sobreviveu-lhe a molestia, disse-me que a attribuia á dentada de uma cobra na mão esquerda.

Declarou-me tambem ter soffrido grande dôr no logar offendido, que s bsequentemente tornou-se insensivel. Julgava terminado o incidente, quando algum tempo depois appareceu-lhe dôr aguda ao longo do braço (ao longo do cubital) com o tempo outros pontos tornaram-se insensiveis, sobrevindo vermelhidão roxeada no rosto, tumefacção nas orelhas, etc.

Consultando a varios medicos, entrou em tratamento sem resultado algum, pelo que deliberou consultar o vigario da freguezia que opinou pela suspensão dos remedios que *em vez de bem, faziam-lhe mal*.

“ O Sr. vigario, disse-me o homem, entende que o meu mal é resto do veneno da cobra, que ainda está no corpo, e nada mais”; e discorrendo sobre o assumpto procurou convencer-me disso.

Perguntando-lhe se algum parente tinha soffrido da

pelle (sabem os doentes que isso equivale a indagar se soffrem de morphéa), respondeu-me agastado: “nenhum; demais eu já disse que não tenho mal de pelle; sahindo o resto do veneno da cobra ficarei bom.”

Nesta capital deu-se um caso que, não sendo de morphéa, serve, entretanto, para mostrar, que uma nevrite parcial pôde por impulso proprio ir muito além, comprometendo outros pontos do organismo: um distincto cirurgião soffreu uma picada anatomica em um dedo de uma das mãos, segundo referiu-me o meu prezado amigo Dr. Tobias Rabello Leite, seu contemporaneo; ao accidente seguiu-se uma nevrite, que, restricta a principio ao dedo offendido, estendeu-se aos outros dedos, passando aos da outra mão, e finalmente atacou os pés, inutilisando-o até agora para o ramo scientifico, que exercia proficientemente.

Com essas referencias não pretendo forçar analogias, e attribuir ao traumatismo causado pelo Dr. Arning no infeliz operado as lesões subsequentes, que terminaram pela caracterisação da morphéa; mas simplesmente enunciar que lesões physicas podem provocar esta enfermidade em individuos “dispostos à mclestia leprosa”, conforme o modo de ver de Virchow, considerado por muitos como anachronico, mas que ainda adopta como verdadeiro.

Seja como fôr, o resultado obtido no infeliz condemnado não é tão liquido como apregoam os contagionistas, *mais realistas do que o rei*.

Não é meu intento empanar a verdade, nem diminuir o entusiasmo dos que acclamavam a victoria da experiencia; mas simplesmente reduzir o facto ás suas verdadeiras proporções.

Depois do insuccesso de tantas tentativas no homem e no animal, parece não ser prudente acceitar sem reservas o resultado obtido pelo Dr. Arning, por insinuante que seja a coincidencia.

Dá-me razão o proprio operador, que, communicando o facto ao *primeiro Congresso da sociedade allemã de dermatologia* sob o titulo—*Inoculação da lepra*—termina por estas palavras: “Je dois cependant observer que cette opération n’est pas une inoculation tout à fait à l’abri de toute objection, puisque l’individu a pu être très predisposé déjà par sa race et a vécu dans un pays ou la lépre règne; peut-être même que cette predisposition climaterique et individuelle a une grande importance pour le succès de l’inoculation. Aussi je me garderai de formuler, à propos de ce cas, des conclusions sur l’inoculabilité de la lépre”.

Não obstante as restricções do Dr. Arning, o resultado da sua inoculação passa por decisivo, na opinião de auctores e de alguns medicos brazileiros.

Depois deste facto, só tive noticia de outro, communicado á Academia Nacional de Medicina, na sessão de 24 de Outubro de 1889, pelo distincto dermatologista Dr. Silva Araujo, por conhecimento que teve pela leitura de um jornal.

Não admira que depois do *primeiro resultado feliz* da inoculação do virus leproso outros appareçam; o contrario é que seria estranhavel: “pegando a moda não ha quem queira ser jarreta.”

O Dr. Pedro Severiano, decidido contagionista, não accceitará provavelmente as minhas reflexões, e apresentar-me-ha outras autoridades igualmente convencidas, que baseam a opinião contagionista em factos observados em outros logares.

Não voltarei á carga, considerando que em materia de interpretação as opiniões raramente se arregimentam.

O illustrado collega citará casos em favor do contagio como o do Irlandez: *accommettido de lepra por ter-se deitado na cama e servido da roupa de um irmão*, que depois

de longa ausencia regressara á Irlanda com a enfermidade adquirida na India.

Como explicar o facto, *a não ser pelo contagio?*

Não fica-me mal confessar que não sei, como nós os medicos não sabemos explicar muitas outras occurrencias clinicas.

Reflectindo-se sobre a intransmissibilidade da molestia, geralmente verificada, de um a outro conjuge apezar de mais intima convivencia na mesma casa, no mesmo quarto, no mesmo leito, por longos annos, e em um sem numero de vezes, custa-se a comprehender o caso do Irlandez. Não é para menos.

As inoculações, varias vezes feitas, de pús ou sangue leproso, a adaptação do proprio tuberculo em pelle sã, fallharam; vingando scmente, com a devida reserva do proprio inoculador, o caso do condemnado, cuja pelle quasi foi substituida pela do leproso; entretanto o simples dormir no leito e o vestir a roupa bastavam para determinar o contagio, sem que ao menos tenha-se demonstrado a existencia do bacillo de Hansen nos utensilios dos leprosos!

Por ventura pude explicar como de um leproso nasceu um epileptico, conforme referi no meu opusculo—*A curabilidade da morphéa?*

Como deste epileptico nasceram sete filhos, tres dos quaes vieram a soffrer de lepra, molestia do avô, e tres de epilepsia, molestia do pai?

Porque causa uma menina de 7 annos apresentou-se morphetica, não havendo na familia, aliás muito conhecida nem no logar onde nasceu, um só caso de enfermidade, notando-se sómente entre seus ascendentes um louco e um canceroso? Tambem não soube explicar.

Tenho tido na minha clientela alguns leprosos, cuja enfermidade até aqui não foi-me possivel justificar,

apezar do minucioso cuidado que observo nas investigações.

Agora mesmo acompanho um enfermo de treze annos, pertencente a familia extensa e conhecida na qual nunca houve caso algum de morphéa; accrescendo que o referido enfermo tem sido creado como se fosse uma menina, sem sahir de casa, e nunca se aproximou de morphetico algum.

Como explicar o caso ?

Pelo contagio ? mas de que modo ?

Tambem não posso atinar como em uma das minhas doentes, unica na familia, cessaram as frequentes hemi-cránias, apenas declarou-se-lhe a lepra, e em outra desapareceram os accessos hystericos.

Terá a morphéa causas multiplas, como entende o professor Hardy ?

Poderá ser o producto de dous temperamentos des-harmonicos ?

Será molestia autonoma, ou membro de alguma familia morbida ?

Haverá alternção entre a lepra e alguma outra enfermidade, como o professor Charcot e o Dr. Ebstein verificaram existir entre a gotta e a diabete ?

Os doentes, nos quaes foi-me impossivel determinar a origem da molestia, serão exemplos dessa alternção ?

Questões ociosas, extravagantes, posto que dignas da mais seria attenção, do mais sollicito exame, são as que ficam consignadas, por mais que repugnem á crença da origem parasitaria e do contagio da morphéa.

VII

A comunicação apresentada à Academia de Medicina de Paris, na sessão de 11 de Outubro de 1887, a proposito do *Traité de la lépre* do Dr. Leloir, uma das publicações mais interessantes que conheço sobre a morphéa, deu logar na douta corporação a notavel discussão, que principalmente sobre a questão do contagio, manteve-se activa, elevada, brilhante, terminando entretanto, sem vencidos e vencedores; porque se os anti-contagionistas não levaram a palma aos contendores, estes tambem não conseguirão victoria alguma.

Cada um ficou com os seus argumentos e opiniões.

Da comunicação ou parecer do Dr. Besnier a parte menos consistente é, em minha opinião, a que trata da transmissão directa da lepra, da contagiosidade, sustentada pelo autor com os recursos do seu talento, tirando das circumstancias e dos factos, interpretados com muita habilidade, as vantagens que poude em apoio da opinião contagionista.

Entende que não é o solo de um paiz, nem as aguas, nem os alimentos que fazem o leproso: é o homem, o *leproso*.

O mais forte argumento dos contagionistas não deriva de factos isolados, mas das epidemias, isto é: do rapido incremento da molestia em algumas localidades, facto que a herança por si só não poderia sufficientemente explicar.

Não podendo, pois, discorrem elles, ser a herança, só o contagio poderá explicar este desenvolvimento.

Mas (começam aqui as difficuldades) se o contagio póde de tal modo augmentar a prepagação da molestia, imprimindo-lhe character epidemico, segue-se que é *facilimo e frequente*; neste caso, como conciliar e comprehender os contagionistas, que ora admittem o contagio como capaz de atear os fócios da molestia, convertendo-a em epidemia, ora *res minima*, como pensa o Dr. Leloir, ou *difficil*, como opina o Dr. Vidal, um dos mais decididos coripheus da contagiosidade da lepra?

Quando os anticontagionistas ponderam que em consideravel numero de casos, e nas mais favoraveis condições, no lar domestico entre conjuges ou nos hospitaes, falha sempre o contagio, respondem-lhes os contagionistas: sim, mas isso explica-se; o contagio da lepra é *difficil*; dá-se em gráo minimo.

Tendo, porém, noticia de grande numero de leprosos em uma localidade, como affirma-se que é nas ilhas Sandwich, allegão que, sendo insufficiente a herança para explical-o, só o contagio póde fazel-o.

Aqui—facil, alli—difficil; aqui—frequente, ali—minimo: um enygma, um mysterio o contagio da morphéa, conforme entendem os seus proselytos.

Tambem a gotta já passou por contagiosa.

Ebstein, no seu livro sobre esta molestia e seu tratamento, cita a opinião de Boerhaave, favoravel ao contagio

baseada na observação de casos de senhoras de elevada gerarchia, que, desposando gottosos, foram contaminadas pelas molestias dos maridos.

Nota o autor que, a julgar pela affirmativa de Momber era muito seguida a opinião de Boerhaave.

Cita tambem a observação de Seneca, nctando que na decadencia do imperio romano as mulheres entregavam-se a excessos de toda sorte e eram tão accessiveis ao mal da gotta como os homens.

Rendu, no artigo *Goutte* do *Dictionnaire encyclopédique*, pondera que, segundo muitos documentos, a gotta era mui frequente e diffundida pelas provincias do imperio romano, e considerada—*endemia* em Inglaterra, Hollanda e no Norte da França, onde são tradicionaes as refeições *plantureuses et de la vie large*.

A que vem, perguntar-me-hão, a referencia á gotta, molestia sem analogia com a morphéa?

Em resposta direi que talvez com mais razão do que ao primeiro aspecto signifique: quando descobrir-se a *bacteria da gotta*, o que não tardará muito, estes factos serão invocados, e recentes casos de contagio, confirmando os antigos, accusados pelos observadores modernos.

Realmente não existe analogia entre as duas affecções; enorme distancia as separa, correspondendo a colossal desproporção entre os afortunados e os necessitados.

Que importa, porém, a quantidade?

Descoberto o bacillo da gotta, verificado que os nodulos gottosos são producto microbiano, recuperará a antiga classificação de molestia contagiosa, em obediencia á doutrina parasitaria.

O contagio, em qualquer hypothese, será rarissimo, como reduzidissimas serão as epidemias, contrastando com as da morphéa; porque, ao passo que a explosão da gotta depende de boa carne, bom vinho e boa ociosidade, isto é;

mesa lauta e vida larga, que poucos podem gosar; para a reproducção da morphéa *basta muitas vezes a miseria e um pouco de azeite rançoso*, como refere Zambaco na sua peregrinação pelos paizes leprosos.

Argumentos, factos e partidarios acudirão opportunidade, confirmando e celebrando a nova conquista.

Para não parecer intolerante com a liberdade de pensamento e das opiniões contrarias, ou pretencioso relativamente á minha opinião, deixo o assumpto, continuando no exame dos argumentos produzidos em apoio do contagio da morphéa.

O Dr. Besnier menciona no seu relatorio dous, que não podem passar despercebidos; um é quando julga colher em contradicções os medicos da Noruega, que, apesar de anticontagionistas, tratam de aperfeiçoar o systema do isolamento dos morpheticos considerado pelo Dr. Besnier “o mais decidido dos anticontagionistas” e preparando aliás com afan uma leproseria no Oriente.

Esta objecção não está, a meu ver, na altura da capacidade intellectual do insigne traductor e annotador da obra do professor Kaposi.

A razão é intuitiva: os medicos noruegueses e o turco — em outros termos: todos os anticontagionistas consideram a herança o principal meio de propagação da morphéa; e para evital-a o meio unico é isolar o doente; é a leproseria a medida hygienica tanto contra a herança, como contra o contagio — na opinião dos que admittirem-no: neste particular, seguindo direcção opposta, chegam os contagionistas e os anticontagionistas á mesma e unica solução, que é o sequestro dos doentes: aquelles para impedir o contagio, estes para evitar a reproducção hereditaria.

O outro argumento consiste na declaração do Dr. Lutz, clinico durante algum tempo na capital de S. Paulo, de haver verificado no Brazil, principalmente em relação

á lepra dos nervos, que “a primeira localisação dá-se quasi sempre nos tecidos descobertos, *exposés aux piqures d’insectes et autres traumatismes*.”

Não duvidando da lealdade do Dr. Lutz, devo declarar que esta observação não confere com o resultado das minhas pesquisas.

Sou talvez um dos medicos, principalmente dos brazileiros, que maior numero de morpheticos tem tido occasião de examinar, ou para melhor dizer—de estudar—por serem elles o *livro que de preferencia consulto*. Nas minhas investigações tenho sempre o cuidado de indagar onde manifestou-se o primeiro signal da molestia, o seu primeiro symptoma; podendo affirmar que, em qualquer das formas clinicas da morphéa, a primeira mancha ou a primeira placa anesthesica declarou-se em um dos lados do pé, na perna, em uma nadega, nos braços, algumas vezes nas mãos, e raramente em um dos lobulos das orelhas.

Dahi o mal estende-se a outros pontos; na forma anesthesica desenvolve-se principalmente nas mãos e nos pés e na tuberculosa no rosto; isso devido, não a picadas de insectos, mas a condições anatomo-physiologicas.

Longe iria se examinasse a questão do contagio da morphéa, apresentando os argumentos produzidos e sustentados por anticontagionistas, ou casos da minha clinica; da memoravel e ultima discussão na Academia de Medicina de Paris nenhum subsidio colhi, não obstante ter á mão a collecção dos *Bulletins*, de 1888.

Limitando-me a generalidades, tive unicamente em mira mostrar que, se actualmente é maior o numero dos que, levados mais pela theoria do que pela observação dos factos, acceitam o contagio da morphéa, a questão não está resolvida, como pretende o Dr. Pedro Severiano de Magalhães.

Poucos são certamente os anticontagionistas; mas

esses poucos sustentam a sua opinião, independentemente de preocupações ou theorias, mas pelo que veem e observam.

De lado a lado não prevalecerá o desanimo: aguardemos os acontecimentos, e não esqueçamos de que, segundo diz o rifão, o mundo dá muitas voltas.

VIII

Outra questão, que está entregue ás vicissitudes da do contagio, é a da hereditariedade da morphéa.

Hansen, o *dictador do contagio* dessa enfermidade, decretou por igual não ser ella hereditaria, uniformisando assim a sua doutrina quanto á contagiosidade, e mostrando-se coherente com ella.

Outr'ora era geral a crença da transmissão de paes a filhos; actualmente dividem-se as opiniões em tres grupos:

Os que continuam a adoptar a hereditariedade do mal;

Os que creem na herança e no contagio;

Os que sò admittem o contagio, que em sua opinião tudo explica.

Os primeiros são anti-contagionistas, os segundos—contagionistas prudentes, conciliaveis, que desejam viver em paz com o passado e o presente; os terceiros—contagionistas puritanos, intransigentes, irreconciliaveis, que

tudo sacrificam ao ideal da theoria, ás exigencias doutrinaes.

Confesso francamente que a negação da hereditariedade da 'morphéa' é uma das cousas de que mais me admiro: a adopção do contagio é admissivel, porque ha factos e circumstancias que mais ou menos autorisam essa crença: negar porém, a hereditariedade, parece cegueira, comparavel somente á que impedisse a contemplação da luz tropical em pleno dia de estio.

O contagio explica tudo! Absolutamente não.

A herança da morphéa, interpretem-na como quizerem os doutrinarios, é facto que impõe-se axiomaticamente.

Por vezes na minha clinica, ao deparar casos perfeitamente caracteristicos, acode-me a seguinte ponderação: e nega-se a herança!

Em minha terra natal, onde cliniquei durante onze annos, deu-se o primeiro caso de morphéa em uma pessoa alli nascida.

Caracterisado o mal, o infeliz separou-se da familia recolhendo-se a uma casa isolada, onde era assiduamente procurado por um grupo de afeigoados, que com elle conviviam.

Tinha um irmão, com quem não se dava.

Poucos annos decorridos (eu ainda lá estava) appareceu outro caso, não em nenhuma das pessoas, que frequentando quasi diariamente aquelle retiro, podiam ser contaminadas; mas em nma que lá não ia, no irmão do infeliz affectado.

Qual a causa da molestia no primeiro enfermo?

O contagio? não; salvo se o germen transpoz o oceano, vindo do Norte ou do Sul.

Qual a causa no segundo?

O contagio? muito menos; porque o enfermo nunca

visitou o irmão, havendo entre elles rompimento de relações.

Tempos depois, deu-se o terceiro caso; desta vez era a mãe dos dous a affectada. Na opinião dos contagionistas a superveniencia da lepra em ascendente depois de descendente é prova de contagio. Admittil-o, porém, neste caso importaria reconhecer que o mal, poupando os que viviam em contacto com os dous primeiros enfermos, caprichosamente affectava a quem não estava nas mesmas condições.

Ligadas as circumstancias, a unica conclusão é que os dous irmãos tinham predisposição hereditaria, manifestando-se nelles o mal primeiro que no ascendente—a mãe, facto confirmado por outros iguaes, referidos por diversos autores.

Descubramos a origem:

Houve na mesma localidade um homem, casado, tendo do consorcio um filho, a quem conheci; alem desse teve uma filha adulterina.

O chefe dessa familia morreu morphetico ha muito tempo. A filha adulterina é a progenitora dos dous morpheticos: a mesma que enfermou depois dos filhos.

O filho legitimo era eczematoso; casando, teve um filho: o moço morphetico que, segundo referi, veio a esta capital procurar-me: neto do primeiro morphetico, nasceu muitos annos depois do fallecimento deste.

Posteriormente deu-se mais um caso de lepra em pessoa de outra familia. Averiguada a origem do mal, reconheceu-se ser o ultimo doente (uma moça) filho de um contaminado da familia precedente.

São casos que, pela clandestinidade das relações ou pelo tempo da declaração do mal, excluem de todo a idéa do contagio, confirmando cabalmente a transmissão hereditaria.

A manifestação da morphéa no moço que aqui veio

é, quanto a origem hereditaria, um caso da maior evidencia, visto não ter o pae (o eczematoso) soffrido desse mal, e nascer muitos annos depois do avô morphetico.

Um dos filhos do primeiro morphetico, que, como disse, separou-se da familia vindo estudar nesta capital, em estabelecimento onde nunca houve caso de morphéa, foi por sua vez accommettido, e acha-se submettido aos meus cuidados.

Se, pois, a *lepra de familia* resulta do contagio, como querem os contagionistas, apresento esses casos em que evidencia-se o erro da interpretação.

Igual reflexão suscita o caso do pae epileptico com filhos morpheticos.

Quem contaminou o primeiro filho do epileptico ?

O avô morphetico não podia ser por ter fallecido muito antes do nascimento dos netos; o pae tambem não, por não soffrer de morphéa: neste caso de onde veio o mal ?

Este e outros muitos da minha clinica só têm uma explicação: *disposição para a molestia leprosa*.

Demais, como admittir que os filhos não herdaram, mas foram contaminados pelos pais, considerada a immunnidade do conjuge são, aliás muito mais exposto á contaminação ?

Que contagio é este, que poupa a quem mais exposto está a recebel-o ? e que, alem de poupar a quem mais acha-se sob a sua influencia, não alcança o pessoal do serviço domestico ?

Que contagio é este, pergunto ainda uma vez, *très minime e difficile*, que só deixa de sel-o para os filhos dos morpheticos ?

Não pode ser: a preferencia e a frequencia com que a lepra ataca os descendentes (só a estes) dos infelizes enfermos, quando não patenteassem outra origem—a he-

rança —, pelo menos deviam gerar suspeita no espirito do observador despreoccupado e imparcial.

Assim não succede, e os contagionistas, ferteis em recursos para sustentar a sua opinião, fazem vista grossa a este e a outros factos, que a contrariam.

Eu poderia mencionar outros da minha clinica, que não deixaram-me sombra de duvida relativamente á transmissão hereditaria: não o faço, por entender que os já apresentados constituem prova cabal e irrecusavel da hereditariedade da morphéa, limitando-me a acrescentar os factos, citados por varios autores, em que a molestia saltou uma e mais gerações, havendo, portanto, interrupção do contacto.

O Dr. Vasily, no artigo a que mais de uma vez referi-me, publicado na *Revue Scientifique*, cita o Dr. Murilo—que não crê na herança “pela frequente esterilidade das uniões entre leprosos ou entre estes e pessoas sãs, e quando são fecundos, os filhos nascem quasi sempre mortos”; entendendo o mesmo Dr. Murilo que o contagio pode ser sempre invocado nos casos de herança.

E’ este um argumento novo contra a herança e a favor do contagio, que merece ser tomado em consideração.

Tem fundo de verdade a opinião do Dr. Murilo ; mas enunciada como está, é falsa.

Não ha esterilidade entre o leproso e a pessoa sã, nem comprehendo semelhante asserção, contrariamente á eloquencia dos factos. A esterilidade é certo, sobrevem, mas em periodo adiantado da molestia, primeiro no homem, depois na mulher.

Tenho observado leprosas proliferas, como se nada soffressem, entre as quaes uma que procreou, já em adiantado estado de soffrimento, e com ulceras em varios pontos do corpo.

Tenho tambem visto filhos leprosos e sãos de morpheticos, com vigor physico apparente, e mesmo real.

Carece, pois, de fundamento a opinião contraria á herança e favoravel ao contagio, baseada na esterilidade dos morpheticos em união com pessoas sãs, porque evidentemente estes podem procrear, diffundindo o mal por transmissão hereditaria.

O que realmente dá-se, é o enfraquecimento progressivo da geração de procedencia leprosa, enfraquecimento mais ou menos demorado, mas innegavel.

E' um estudo por fazer o das gerações dos morpheticos: as minhas observações não ultrapassam a terceira geração. Em alguns casos tenho notado que os filhos morrem, não ao nascer, como affirma o Dr. Murilo, mas com alguns annos de idade, uns de convulsões, outros de febres graves, etc.; a prole é então pouco resistente.

Desses factos deriva uma conclusão de grande alcance, pelo subsidio que pode prestar ao esclarecimento de certos phenomenos.

A historia da lepra mostra que esta enfermidade, encarada de modo geral, tende a diminuir, desaparecendo completamente em alguns paizes da Europa, onde a presença do morphetico é actualmente innoxia; que, depois de maior ou menor desenvolvimento, tende tambem a decrescer nos paizes onde existe.

O Dr. Zambaco nota a diminuição da morphéa na Turquia, referindo-se tambem a Portugal e a Hespanha, onde dá-se igual phenomeno.

O mesmo autor poderia tambem incluir o Brazil, como mostrarei, se, mencionando-o como paiz affectado pela lepra, não tivesse seguido as inveridicas informações do Dr. Ossian, que passando aqui algum tempo como artista de modelo em figuras de cêra, retirou-se annunciando ter realisado estudos sobre a lepra em S. Paulo.

Ignorando a verdade, o Dr. Zambaco publicou no

livro *Voyage chez les lépreux* casos como estes: *Le Brésilien aime peu la propreté; et, chose remarquable! dans le nord du Brésil ou la chaleur est tropicale, puisque le thermomètre monte audessus 40° centigrades á l'ombre, il n'y a point la lépre, tandis qu'elle est très commune dans les provinces tempérées.*

Quanta inexactidão commettida aliás em boa fé!

Prescindamos disso.

O autor citado refere-se a ilhas e outras localidades onde a lepra, outr'ora frequente, tem gradativamente declinado, e o que mais é, *sem a menor medida de representação*, sò e exclusivamente com a melhoria das condições hygienicas e sociaes, a partir da substituição dos miseraveis regimens alimentares por uma alimentação sã, de accordo com o progresso da civilisação. Referindo-se ás ilhas de Metelin e Chio affirma que a diminuição sensível da morphéa alli *ne peut être attribuée á la moindre précaution prise par le gouvernement ou par la société dans ce but.*

Na Noruega, um dos paizes onde a morphéa tem provocado mais a attenção dos observadores, é patente a diminuição progressiva da enfermidade, facto attribuido pelos contagionistas as medidas de sequestraçã o.

E' indubitavel a efficacia da sequestraçã o, não sendo, porém, illusoria a medida.

Na Noruega ha com effeito leproserias, ás quaes pretende-se, a fina força, attribuir a reduçã o do mal.

O Dr. Leloir, que lá foi estudal-o, assim o pensa, reconhecendo aliás (note-se bem) que todos os leprosos não eram recolhidos aos asylos, que nesses asylos o isolamento não era absoluto; declarando tambem que "em 1884 existiam na Noruega 1.500 aproximadamente, 900 dos quaes viviam livremente"; e relativamente aos isolados que "elles saem e passeiam pela cidade."

Quoiqu'il en soit, *la lépre diminue en Noruège*, diz o

mesmo autor griphando a expressão, e acrescentando “não estar provado que este resultado depende da instalação das leproserias, porque familias leprosas desapparecem fatalmente *ao cabo de algumas gerações* (o gripho é meu) pela mortalidade, celibato, isolamento, etc.”

O Dr. Leloir conclue pelas seguintes palavras, expressão de um facto realissimo, e que poderiam servir de epigraphe de alguma producção scientifica contra o contagio da lepra. *La lèpre se tue elle-même.*

Eis a grande verdade: *a lepra vai pouco a pouco morrendo.*

Nasce, desenvolve-se, attinge a virilidade, descamba para a decrepitude, e desaparece.

Dahi o inicio de um fóco leproso, o seu incremento, a maxima actividade, o decrescimento progressivo, *independentemente de medidas de precaução*, e a extincção, modalidades que correspondem ás phases da molestia na successão da descendencia.

As denominadas epidemias são o reflexo, o espelho dessas phases. Desapparecendo de uma localidade, a morphéa nunca reaparecerá: nos paizes do sul da Europa, onde em outro tempo desenvolveu-se consideravelmente, não reinará mais: em Paris, onde apparecem leprosos de outros paizes, não se reproduz nem se reproduzirá, obstado pelo funcionamento organico sob a influencia dos regimens alimentares aperfeigoados pela civilisação actual; o que dar-se-ha tambem relativamente aos casos autochtones, que alli se manifestam, por serem productos hybridos, e por isso incapazes de reproducção, visto não responderem a uma especie definida.

Onde a morphéa *tiver succumbido* e a hygiene melhorado, a immunidadade dos habitantes relativamente a esta enfermidade ficará para sempre garantida.

Nas cidades do Estado de S. Paulo, onde os casos foram frequentes e são actualmente raros, conforme ob-

servei e mais tarde demonstrarei, a morphéa não se reproduzirá mais, ainda mesmo que estas localidades continuem a ser visitadas, como são, por doentes de fóra, que ali vão semanalmente esmolar: estão preservadas para sempre.

Não é este por certo o character das molestias contagiosas.

A febre amarella, que desenvolve-se annualmente nesta capital, é o resultado das influencias extrinsecas sobre o sporo que fica: se desaparecer, como uma vez já succedeu, reaparecerá quando o germen fôr de novo importado: é a lei de todas as molestias contagiosas.

Concedido por hypothese que a syphilis desapareça completamente de uma localidade, e os habitantes entrem no goso da immuidade; a reentrada de um syphilitico alli fará reaparecer o mal.

A historia não registra um só exemplo neste sentido relativamente á morphéa.

A razão deste phenomeno acha-se corporisada pelo Dr. Leloir na felicissima formula: *la lèpre se tue elle-même*, principio por sem duvida inapplicavel ás molestias contagiosas.

Do exposto infiro que sómente a herança com as suas consequencias degenerescentes poderá explicar a reprodução, o incremento, a decadencia e o desaparecimento da morphéa; e que a *contrario sensu* essa evolução é incompativel com as leis do desenvolvimento e do reaparecimento das molestias contagiosas.

Estas considerações arraigaram em mim tal convicção que, se para acceitar o contagio da lepra, fosse condição necessaria e imprescindivel regeitar a hereditariedade deste mal, eu seria para sempre anti-contagionista irreconciliavel.

Se uma cousa exclue a outra, como pretendem os contagionistas do ultimo grupo; se admittir o contagio signi-

fica excluir a hereditariedade ; eu, invertendo os termos da questão, asseveraria com profunda e inabalavel convicção “que a morphéa não é contagiosa.”

Restringindo-me até aqui a dados e considerações geraes, julgo opportuno, abstrahindo do que se pensa, diz e ensina no estrangeiro, concentrar a attenção sobre o que aqui se dá.

Por maior que seja a proficiencia dos que em outros paizes realisam as aturadas pesquisas reclamadas pelo estudo da morphéa, e a autoridade das suas opiniões, não será de desprezar a boa vontade e o contingente, por menor que seja, de quem não tem regateado esforços para estudar essa molestia no Brazil, firme como se acha em não preferir proposições ou externar juiso, sem collocar acima de tudo a verdade.

No desenvolvimento das minhas idéas peço sómente desculpa dos erros de apreciação dimanados de origem, que não posso corrigir.

IX

Depois da publicação do meu trabalho — *A morphéa no Brazil*— em 1882, tão grande foi o impulso da doutrina parasitaria, e a revolução operada nas theorias medicas da contagiosidade, prophylaxia e tratamento das molestias microbianas, entre as quaes figura a morphéa desde o descobrimento do bacillo de Hansen; que as opiniões relativamente a esta enfermidade não podiam resistir á torrente das idéas dominantes.

Em medicina, aliás [sciencia experimental, como em tudo o mais, é irreflectido o enthusiasmo: qualquer idéa nova, mormente as promissoras de grande resultado como as admiraveis de Pasteur, provoca adhesões incondicionaes, significando muita vez esquecimento ingrato e injusto do passado em favor do futuro, horizonte de sorridentes esperanças.

Nestas circumstancias poucas verdades resistem ao choque ou impeto do momento: o passado é—todo trevas—, o futuro —todo aurora —.

Relativamente á morphéa — não é de admirar — abalavam-se as crenças : uns hesitavam ; outros, clinicamente anticontagionistas, tornaram-se theoreticamente contagionistas, esperando a sancção mais ou menos proxima da experiencia ; poucos persistiram nas antigas idéas.

Interessado na questão, pela parte que de alguns annos havia tomado no estudo da lepra, não podia por certo conservar-me indifferente, porque se as innovações não me seduziam, faltava-me comtudo o cabedal sufficiente para manter inabalavel a minha opinião, aliás pro-pensa ao contagio, ante a capitulação de tantas outras.

Demais, eu entendia que, a ser a morphéa realmente contagiosa, só a pratica poderia evidenciar-o ; nada valendo as affirmativas da theoria contra a negativa formal da experiencia.

Assim pensando, entendi necessario ir pela terceira vez ao Estado de S. Paulo, estudar nos proprios fócios a questão do contagio, em ordem a liquidar-a por mim só ; convencido de que, reinando alli de longa data a morphéa, poderia encontrar provas, que me habilitassem a seguir um dos partidos, o dos conversos ou o dos resistentes.

Informado do meu projecto o illustrado do Dr. Rocha Faria, ex-inspector de hygiene nesta capital, dirigiu a 2 de setembro de 1889 ao ministro do imperio um officio nos seguintes termos :

“ Sendo certo que o Dr. José Lourenço de Magalhães, autor de varias obras sobre morphéa, pretende fazer, brevemente, uma excursão scientifica pela provincia de S. Paulo, e sendo do maior interesse á salubridade publica do Brazil, e especialmente das provincias onde essa molestia grassa endemicamente, conhecer-se exactamente suas condições etiologicas e ulterior prophylaxia, esta inspectoría toma a liberdade de representar a V. Ex. sobre a conveniencia de ser commettida ao mesmo clinico a commissão gratuita, a que se presta, de encarre-

gar-se do indicado estudo, devendo apresentar relatório circunstanciado de todos os factos observados e das medidas sanitarias, que lhes forem attinentes.”

Seguidamente o Barão de Loreto, então ministro do imperio, expediu o aviso de 6 de setembro do mesmo anno, encarregando-me da commissão como propunha o Dr. Rocha Faria.

Na capital de S. Paulo, onde cheguei a 8 do referido mez, tratei logo de colher informações sobre a frequencia do mal e sua distribuição.

Dados estatísticos que podessem esclarecer os domínios da morphéa e o seu incremento ou diminuição — nenhuns.

A semelhante respeito dá-se alli o mesmo que em todo o Brazil : a estatística nada significa.

Sendo terrifica a molestia, parecia natural o interesse de avaliar a extensão dos seus estragos, não só como meio de acudir aos infelizes enfermos minorando-lhe o supplicio em que vivem, como de organizar a resistencia contra a propagação do mal.

Mas os Paulistas limitam-se apenas á caridade com os morpheticos, não lhes negando esmola. Dahi resulta que o morphetico não se julga sómente um enfermo, como um escrophuloso, o diabetico, etc.; considera-se antes um miseravel, e como tal merecedor da compaixão publica, á qual se acolhe até o fim da sua triste existencia.

Nestas condições é deploravel a sua situação : indifferença pela vida, habitos viciosos, abuso de alcoolicos, um viver abjecto enfim, conforme testemunhei, completamente dissonante dos sentimentos humanitarios dos paulistas e da sua civilisação.

Os unicos dados estatísticos, aliás inuteis ao meu fim, que encontrei, constam do relatório da commissão de estatística, importantissimo trabalho publicado em 1888. Ahí, a fls. 232 depara-se o seguinte : “Na população recenseada

(recenseamento de 1886) foram encontradas as seguintes quotas de enfermos sobre 10.000 habitantes.

Alienados.....	9
Aleijados.....	41
Cegos.....	8
Morpheticos.....	6
Surdos-mudos.....	7

Quer isto dizer que ha na provincia :

Alienados.....	1.099
Aleijados.....	2.564
Cegos.....	977
<i>Morpheticos</i>	732
Surdos-mudos.....	854.4

A porcentagem, pois, de 732 morpheticos é calculada em commum com outros estados morbidos accidentaes, não sujeitos a incremento por meio de reproducção, pelo menos no gráo a que a morphéa pode attingir ; nem a de-
crescimento, como esta enfermidade, melhorando as condi-
ções hygienicas.

Incertos como são estes dados demographicos, menos ainda podem servir de criterio para avaliar-se as tenden-
cias do mal.

Concedida, porém, que na verdade existissem em S. Paulo 723 morpheticos em 1886, perguntarei : esse nu-
mero foi maior ? tende a diminuir ?

Nada se sabe.

Em falta de outros meios, tratei de informar-me, de
pessoas mais ou menos competentes, sobre a distribuição
da morphéa, de modo a poder formular o programma da
minha excursão.

Durante dous mezes approximadamente procedi a minuciosas indagações sobre a questão do contagio, cuja elucidação importaria a solução do principal problema etiologico, *maximè* tendo eu já o encarado anteriormente sob a influencia dos regimens alimentares usuaes da população, como consta do meu trabalho — *A morphéa no Brazil*.

Regressando a esta capital nos primeiros dias de novembro, occupei-me immediatamente do relatorio, que deveria apresentar ao governo: escrevi a primeira parte, propriamente descriptiva da visita a varias localidades, e preparava-me para redigir a parte scientifica, quando sobrevieram os acontecimentos politicos de 15 do mesmo mez, dominando a attenção publica, que até aqui não poude ainda libertar-se da questão politica.

Interrompi o trabalho, e nisso ficaria, se o meu venerando amigo visconde de Sinimbú não intervisse mais uma vez com a sua generosa bõdade para a realisação do desejo, quasi tão seu como meu, de proporcionar-me um serviço, onde eu pudesse mostrar os resultados da minha therapeutica contra a morphéa.

Publicada a carta dirigida pelo Visconde de Sinimbú ao principal redactor do *Jornal do Commercio*, o illustrado Dr. José Carlos Rodrigues, appareceram os dous communicados, a que referi-me no principio destes artigos o do Dr. Pedro Severiano de Magalhães e o anonymo.

Cabendo-me responder-lhes, julgo opportuno aproveitar as notas da minha excursão, extractando os topicos que de algum modo interessam á elucidação do contagio do lepra.

Antes de fazel-o, devo consignar o meu reconhecimento á imprensa de S. Paulo, principalmente na capital e da adiantada cidade de Campinas, pelo generoso acolhimento com que distinguiu-me, e tambem aos meus collegas, cujo nome terei de declinar, que, recebendo-me com

delicadissima gentileza, prestaram-me com a melhor vontade o concurso da sua illustração e experiencia.

Na capital de S. Paulo divergiam as indicações das localidades, onde a morphéa era frequente ; mesmo assim pude congregiar elementos, que me habilitassem a aproveitar quanto possivel as minhas pesquisas, que resumirei do seguinte modo :

Capital. — Alli existem alguns doentes, conforme observei.

Informou-me o Dr. Nicoláo Vergueiro, em presença do Dr. Sergio Meira, haverem allemães tambem affectados. Indicando-me um sitio onde viviam retirados alguns, lá fomos ter, e nenhum encontramos affectado ; disseram-nos ter estado na localidade um doente, que ha tempo retirou-se.

Como no interior, na propria capital os clinicos são poucas vezes consultados pelos morpheticos, os quaes, nada esperando da medicina, preferem não procural-os.

No hospital dos Lazaros encontrámos vinte e nove enfermos, cuja naturalidade, sexo, profissão etc., constam dos seguintes quadros :

MAPPA DO HOSPITAL DE LAZAROS DE S. PAULO

29 doentes.	{	Sexo masc..	24	Côr branca.....	17			
				}	Sexo fem...	5	” parda.....	1
							” preta.....	11

Profissão

Idade.....	{	De 12 a 25 ..	10	Bacharel em direito...	1									
				}	De 26 a 40 ..	10	Chacareiro	1						
							}	De 40 a 50 ..	7	Lavrador	18			
										}	De 70.....	2	Carpinteiro	2
													Sapateiro	1
													Artista.....	1
				Serviço domestico.....	5									

Naturalidade

Estado	{	Solteiros.....	21	Bragança.....	1
		Casados.....	8	Pirassinunga.....	2
				Itaquacetuba.....	1
				Porto Feliz.....	1
				Piracicaba.....	2
				S. Paulo.....	5
				Minas	3
				Juguiry.....	2
26 nacionaes.....				Maranhão.....	1
				Jundiaby.....	1
				Parnahyba.....	1
				S. Bernardo.....	1
				Sorocaba.....	1
				Taubaté.....	1
				S. Roque.....	1
				Bananal.....	1
				Atibaia.....	1
				{ Africana	1
3 estrangeiros.				{ Allemã.....	1
				{ Portuguesa.....	1

até 6 de Novembro de 1889.

Encontrei o hospital em melhores condições, do que quando visitei a primeira vez com o Dr. Pedro Paulo ; todavia o serviço deixa muito a desejar. O enfermeiro, tambem administrador, passa dias sem lá ir, ou vai administrar medicamentos no caso de molestia intercurrente.

Os alimentos são mal preparados, e por isso, sempre que podem, os proprios enfermos cosinham para si.

A reclusão é illusoria : os doentes entram e saem á vontade, e á noite passeiam pela cidade. Quando se aborrecem, alguns retiram-se e vão mendigar pelo interior, engrossando os grupos ambulantes ; ao cabo de algum tempo regressam em misero estado.

Havia no hospital uma latrina com sumidouro, e nenhum banheiro, e por isso homens e mulheres nunca se banhavam.

O Dr. Lutz refere-se a allemães na capital ; na qualidade de clinico da mesma nacionalidade é natural fosse preferido pelos enfermos ; eu, comquanto diligenciasse, só vi um, o recolhido ao hospital.

Bragança.—Geralmente apontada como um dos principaes focos da molestia. Dous dos clinicos, os Drs. Honorio Ribeiro e Guimarães, informaram estar o mal limitado a poucas familias antigas, e serem quasi todos de fóra os doentes que apparecem semanalmente esmolando, em numero invariavel, outr'ora cerca de cincoenta, e na occasião doze ou quinze.

No domingo que lá passei, encontrei, com effeito, doze desses infelizes, sete dos quaes disseram-me residir para os lados do Campo Grande, e cinco no refugio dos infelizes peregrinos—o Ribeirão de Uberaba.

No mesmo dia o Dr. Guimarães e eu fomos ao referido sitio, onde existiam quatro infimas choças, duas occupadas por casaes morpheticos. Além dos cinco encontramos um miserrimo moço, ardendo em febre, em uma dessas casinhas, com janella na frente e porta de entrada nos fundos.

Uma das morpheticas, descendente de pai affectado do mal, era casada pela terceira vez, sempre com morphetico.

Nenhum delles era natural de Bragança.

Segundo informações alli colhidas, o numero desses infelizes achava-se muito reduzido ; houve tempo em que elevou-se a trinta e mais, alojados tambem em barracas.

Alimentam-se do que adquirem ; de cousa alguma resguardam-se : o dinheiro é todo empregado na *pinga* (aguardente).

Vivem em completa ociosidade.

Peiores condições hygienicas é impossivel imaginar ; se a molestia creasse foco infecionante aquelle seria terrivel.

Devido á falta absoluta de cuidados e ao viver daquella gente, a molestia marcha lentamente, apresentando os enfermos as mais graves desordens organicas.

Pela segunda vez encontrei o symptoma clinico da *metade do corpo completamente insensivel*, contrastando com a outra metade normal, ou antes—hyperesthesiada.

Os doentes do Ribeirão de Uberaba pouco resistem ; vivem assim na orgia e em completo abandono.

Passam a vida alegremente, graças a aguardente : não se lamentam, não desesperam.

“ Para que prolongar a vida ? ponderou-me um delles ; quanto mais curta a existencia, tanto menor o soffrimento.”

A um portuguez, antigo morador na localidade, dono de uma *venda* onde os morpheticos suppreem-se, perguntei se não havia exemplo de passar a molestia a pessoas sãs.

“ Qual ! senhor, respondeu-me ; este *mal não péga*.”

Interrogando-o sobre o caso, de que me haviam fallado, de uma mulher que alli vivera successivamente com tres morpheticos sem contrahir o mal, o Sr. Moreira (assim chamava-se o portuguez), disse-me :

“ Recolheu-se á uma das choças um morphetico casado com uma mulher sã, fallecendo o doente ao cabo de alguns annos ; a viuva passou para a companhia de outro morphetico na mesma casinha : fallecendo este, ella retirou-se para alli perto, e, bem nutrida e de pelle limpa, vive ha 10 annos com um homem são ; viveu, acrescentou, não com tres, mas com dous morpheticos.”

Maior conjuncto de circumstancias favoraveis ao contagio não é possivel.

Em Bragança não consta caso algum de contaminação de um conjuge por outro, sendo-me aliás indicados bastantes casos nessas circumstancias ; não succedendo, porém, o mesmo com os descendentes, dos quaes muitos vieram a soffrer.

O Dr. Honoric Ribeiro, inteirado do meu empenho de estudar a morphéa em estrangeiros, proporcionou-me a oportunidade de examinar um italiano, Braz Schitine, mascate, soffrendo de lepra tuberculosa completamente caracterisada.

Referiu-me ser obrigado pela sua vida ambulatória a comer o que encontrava em viagem, quasi sempre carne de porco, feijões com muita ou pouca gordura, torresmo (toucinho torrado) com farinha de milho, unico feculento de que usava. Entrava tambem pelos alcoolicos, ora para combater resfriamentos, ora para satisfazer pedidos.

Perguntando o Dr. Honorio se em tantas viagens não succedeu-lhe dormir em casa de algum morphetico, accudiu logo: “que eu soubesse, não.”

Cumpre assignalar que da numerosissima colonia italiana, geralmente frugal e temperante, foi esse o unico leproso que encontrei em minha excursão. Sirva isto de resposta aos que, crendo no contagio, descobrem em alguns casos de estrangeiros atacados do mal uma ameaça á immigração: o estrangeiro que vive em regulares condições hygienicas não deve temer a morphéa.

Habitante de Bragança não vi um só morphetico.

Devendo á muita obsequiosidade do conego Assis, vigario da freguezia, sacerdote tão respeitavel, quão bondoso, o relacionar-me com pessoas gradas e conhecedoras da cidade, pude informar-me com segurança de ser alli rara a morphéa, e isso mesmo em algumas das familias antigas e contaminadas.

Vê-se, pois, que a morphéa em Bragança, longe de aggravar-se por falta de repressão, está muito reduzida, sendo, ao contrario do que geralmente affirma-se, relativamente rara.

Campinas.—Eu sabia desde a minha primeira visita a esta cidade, que a morphéa não era alli frequente, factó *agora* confirmado pelos Drs. Oliveira Bueno, Guilherme da Silva, Pereira Lima e tambem pelo conego Scipião, vigario da parochia—um prototypo de bondade.

O mais antigo clinico da localidade, o Dr. Pereira Lima, disse-me que o mal nunca passou de determinadas familias, e o Dr. Vieira Bueno, um dos mais illustrados de S. Paulo—que não passavam de quatro os casos existentes, conforme colheu das informações, que procurou.

A convite do Dr. Guilherme da Silva visitei uma sua cliente, leprosa anesthesica, que exigia, para acalmar as arthropathias, repetidas injeccões de morphina: ponderando eu que prejudicavam-na, respondeu a morphomaniaca que “aquelle torpor fazia-lhe esquecer a sua situação.”

Nenhum dos referidos collegas tem conhecimento de caso algum de lepra imputavel a contagio; ao contrario

ahi deu-se um ostensivamente desfavoravel : um moço rico, atacado do mal, separou o leito a conselho do professor Hardy, quando consultou-o em Paris, continuando, porem, a viver em familia. Assistiam-no dous criados, occupando noite e dia o mesmo quarto, quando o doente, já coberto de ulceras, dalli não se afastava : a cabo de algum tempo eram revesados, e assim até o final. Durou a enfermidade 14 ou 15 annos, sendo prolongadissimo o periodo das desordens tropicas, caracterisadas por ulceras, etc.

A molestia não se transmittiu a pessoa alguma.

No hospital de Lazaros em Campinas havia 12 enfermos.

Occupando-me do caso da inoculação do virus leproso pelo Dr. Arning, referi-me a minha segunda visita áquelle hospital, e a um morphetico que attribuia o mal á dentada de cobra. Relativamente ao caso eis o que consta das minhas notas : “ Os doentes, quasi todos antigos trabalhadores em fazendas de café, attribuem em geral a molestia a repetidos resfriamentos. Um, porem, assegurou-me que o mal proveio-lhe da mordedura de uma *jararaca* de cauda branca; acrescentando, em resposta á contestação por mim feita, que no hospital existiram mais dous doentes nas mesmas condições quanto á causa do mal.”

Entre os enfermos existia um portuguez : foi negociante e depois *tropeiro*. Molhava-se frequentemente, e não mudava a roupa humedecida. Nas repetidas viagens, que fazia alimentava-se com o que encontrava, quasi sempre com carne de porco, farinha de milho, feijão, etc.: usava mais de vinho do que da *pinga*. Nunca esteve com morphetico algum, e ignora como appareceu-lhe semelhante enfermidade ; mas affirma *não ter-lhe sido pegada*.

Os asylados passeiam pelas immedições, mas não chegam á cidade; á noite fecha-se o portão.

Não ha separação de sexos. Da unica banheira exis-

tente no asylo nunca se servem os enfermos. A administração fornece-lhes una garrafinha de aguardente por semana. Permittido o alcoolico, supprem-se de maior porção a sua custa.

Aborrecidos daquelle viver, os doentes compram animaes de montaria, fogem e vão mendigar: passado algum tempo regressam em misero estado, como succede em relação ao hospital da capital.

Em 1885 o *Diario de Campinas* noticiou a fuga de alguns morpheticos “por não poderem supportar, queixam-se elles, a deficiente alimentação e o máo tratô”.

“Queixas taes, confesso, não ouvi; mas que alli faltavam todos os requisitos da hygiene e da decencia, não ha negar.

Abstenho-me de descrever o que tenho visto de desasseio e falta de agazalho no estabelecimento em questão, mesmo porque seguidamente a minha visita fui honrado com a do cidadão Luiz José Ferreira de Queiroz, zelador do hospital, o qual, reconhecendo as faltas existentes, mostrou-se disposto a suppril-as.

E', por isso de esperar, seja outra a sorte dos infelizes que, recolhendo-se ao hospital de Lazaros em Campinas, procuram abrigo na caridade publica.

Termino a descripção da minha estada em Campinas com as seguintes palavras, que transcrevo das minhas notas:

“Sou contrario ao regimen asyalar para os morpheticos, e quanto mais observo, mais se me avigora a opinião; mas, não havendo outro recurso, seja pelo menos conforme ás leis da humanidade e ao gráo da nossa civilisação”.

Não sendo em tempo algum obrigatoria a reclusão dos morpheticos em Campinas, nem por isso a molestia alli diffundiu-se, havendo, ao contrario, raros casos.

Amparo. Os Drs. Aurelio Diniz, Veiga, Remigio e

Ferraz informaram-me que a lepra alli se achava circumscripta a poucas familias.

Encontrei cinco doentes, entre os quaes, affectada da forma tuberculosa, uma senhora pertencente a familia muito conhecida, na qual, segundo a declaração dos chefes, não havia exemplo do mal. A doente declarou-me que nunca tinha-se approximado de um morphetico: o pai soffria, desde moço e solteiro de osteite syphilitica em uma perna, e a mãe era eczematosa segundo verifiquei.

Na mesma occasião apresentaram-me um irmão desta senhora, muito moço, cujo facies vultuoso e parado despertava suspeita: soffria de ozena, cuja natureza não pude determinar.

“A frequencia das ozenas nesta provincia, diz o Dr. Tiburcio de Almeida (1), é tributaria da syphilis ou da lepra. Como o mais precoce symptoma da lepra hei observado individuos que, affectados de coryza facilmente reincidente, apresentavam mais ou menos ulceras das fossas nasaes. Autorisado por outros factos analogos, julgo poder concluir que as ulceras das fossas nasaes muitas vezes concretisam o syndroma mais precoce da lepra”.

Citando as interessantes reflexões do Dr. Tiberio de Almeida, cabe-me acrescentar que, comquanto o ozena se declare nos morpheticos, nunca tive occasião de observalo tão precoce; crescendo que no caso em questão, sendo syphilitico um dos ascendentes, eu não podia attribuir a ulcera nasal á manifestação do apenas suspeitado mal de Lazaro.

Nas ruas mendigavam aos domingos cinco leprosos, entre os quaes um preto bastante alcoolisado, accompa-

(1) Considerações sobre a lepra e sua influencia na pathogenia das molestias das vias respiratorias—1888, Rio de Janeiro.

nhado de uma moça branca, igualmente enferma, e que —no dizer do preto—“era mais *pingueira* do que elle”.

O Dr. Ferraz, clinico no Amparo ha 20 annos, informou-me que houve tempo em que era maior o numero de casos de lepra na localidade, e mesmo o de doentes vindos de fóra, do que ultimamete.

O mesmo clinico admite francamente a herança do mal, e contesta o contagio, por não conhecer caso algum que o justificasse. Não conhece caso algum em que um dos doentes contaminasse o outro, citando varios nessas condições.

O Dr. Ferraz referiu—em um caso em que a morphéa declarou-se no ascendente depois do descendente.

Os morpheticos que concorrem ao Amparo armam suas barracas perto do cemiterio ; quando lhes apraz levantam o acampamento e retiram-se.

Mais um lugar, pois, em que a morphéa diminue independentemente de medidas de repressão.

Mogy-mirim.—A cidade de Mogy-mirim era uma das mais increpadas como fóco do mal, pelo que eu contava encontrar muitos enfermos. Apenas cheguei, entendi-me com os Drs. Castro, Matheus Chaves, Gonzaga e Machado. O primeiro, natural desta capital, alli reside ha 24 annos, sendo um dos clinicos mais procurados.

Eis as informações que ministrou-me :

“ A morphéa, disse elle, nunca foi aqui frequente ; na cidade poucos casos tem-se dado, e esses mesmo, em certas familias em que é hereditaria ; são ordinariamente de fóra os doentes que, aqui vindo esmolar, armam ranchos nas immediações da ponte de Mogy-mirim, no sitio denominado *Aguardente do Reino*. Este nome é faticidico : quando algum rapaz apparece syphilitico, acodem-lhe os companheiros—Olha a *Aguardente do Reino* (1)

(1) Essa ameaça exprime o preconceito popular da conversão da syphilis em morphéa.

A dous kilometros e meio de distancia, entre o Mogy-mirim e o Mogy-guassú, ha outro acampamento de morpheticos.

E' variavel o numero dos que aqui esmolam : 10, 15 e ás vezes mais. ”

“ A molestia, accrescentou o Dr. Castro, não é contagiosa ; apesar de viverem os morpheticos nesses sitios sem o menor resguardo, nunca o mal passou-se a outra pessoa, succedendo o mesmo na cidade onde elles vêm semanalmente e transitam livremente, percorrendo as ruas.

“ Mulheres que nunca abandonaram a companhia de seus maridos, pondera o mesmo clinico, e vice-versa, foram poupados pela molestia. ”

Continuando, referiu-me o Dr. Castro dous casos de lepra em irmãos de uma familia amplamente contaminada, manifestando-se em um depois de setenta annos de idade, e no outro aos oitenta, comprovando ainda uma vez, disse-me o illustre facultativo, que “ nos typos especificos a duração da herança é illimitada. ” Deixando ambos descendentes, declarou se nelles mais cedo o mal. Um desembargador, oriundo da mesma familia, vendo-se accommettido, enlouqueceu, depois de haver tentado suicidar-se.

Avistando eu na porta do hotel um rapaz morphetico, fiz-lhe signal para entrar : foi em vão ; apesar da minha insistencia continuou do lado de fóra.

O morphetico não toca em pessoa alguma ; no chapéo ou em algum prato de folha recebe a esmola ; notando-se que não é pela crença do contagio mas pela repulsão da propria molestia que se estabelece o cordão sanitario.

Temos, pois, conforme o testemunho de um antigo clinico, corroborado pelas declarações dos demais collegas cujos nomes indiquei, que a morphéa não medra em Mogy-mirim apesar da liberdade concedida aos enfermos.

Penha do Rio do Peixe.—Alli clinica um dos mais distinctos collegas de S. Paulo, o Dr. Leonel, de quem obtive as seguintes informações : “ Em diferentes pontos do municipio, disse elle, ha morpheticos, mas vivem isolados em suas habitações, não havendo bairro especial para a vivenda delles, como succede em outras localidades. Limitando este municipio com uma parte pobre da provincia de Minas, pôde-se affirmar que dahi procede o maior numero, principalmente entre os que esmoiam pelas ruas. Duas familias, uma das quaes bem importante e conhecida, pagam pesado tributo ás manifestações da lepra. O medico ahi estuda com espanto a hereditariedade morbida, vendo a molestia desenvolver-se com uma *fatalidade brutal*. Os doentes pertencem em sua maioria a esses dous grandes grupos.

Ainda que o povo acredite no contagio, não tenho em minha clinica, observa o Dr. Leonel, caso algum conclusente ; só a herança tem sido o factor necessario para o desenvolvimento da morphéa.”

A alimentação da classe abastada e do pobre compunha-se até certo tempo exclusivamente de carne de porco e farinha; graças, porém, á crusada levantada contra a perniciosidade de semelhante regimen, abatia-se diariamente uma vez.

Não obstante a frequencia de morpheticos mendicantes, só havia na cidade dous enfermos.

Mais uma vez verifica-se que independentemente de medidas de rigor, nunca alli empregadas, a morphéa não se propagava.

Limeira.—O municipio da Limeira parece-me o mais poupado em S. Paulo. Na cidade não havia familia contaminada, nem doente algum, conforme informaram-me os distinctos collegas Drs. Fabricio Vamprê e Theodoro.

Não apparecem morpheticos? sempre, mas esmoiam.

lando, vindos de outros logares ; alli entram, trazitam pelas ruas, de casa em casa, e retiram-se levando o óbulo da caridade.

O Reverendo conego Scipião, vigario da freguezia ha 10 annos, confirma não haver alli familia alguma contaminada, acrescentando ser com effeito a molestia pouco frequente e só atacar a pessoas de campo.

O regimen alimentar na cidade tem melhorado consideravelmente, como em todo o estado de S. Paulo ; dantes a carne de porco e a farinha de milho constituiam a base da alimentação geral. Semelhante regimen tem-se modificado muito á proporção do progresso, e isso talvez em parte devido á propria morphéa ; digo-o, porque alli é sabido que a carne de porco é propicia ao desenvolvimento desse mal, que todos temem.

Os *esmolaes* da Limeira costumam pousar no sitio *Cruzinha*, a pequena distancia, á margem do rio Patú.

Alli pela primeira vez vi, em companhia do Dr. Vampré, um arranchamento de morpheticos ambulantes, a 5 de outubro. Havia 5 carroças de lona armadas : Pelo chão utensilios de cozinha esparsos : O chão muito humido por ter chovido e continuar a hora (7 da manhã) em que lá estivemos.

Uns colchões velhos e as mantas dos animaes estendidas eram os leitos : Compunha-se o lote de cinco homens e tres mulheres, entr'elles um casal : Contavam esmolar dous dias, sabbado e domingo, e seguir : todos em estado adiantado da molestia, disformes, mutilados, cobertos de chagas, em misero estado, vivem á discripção, comendo de tudo ; usam de alcoolicos, mas, disseram-nos, moderadamente.

Perguntei-lhes porque não recolhiam-se a algum dos hospitaes de S. Paulo ?

“ Porque vivemos melhor assim, respondeu-nos um delles ; *vivemos* mais distrahdos, de logar em logar. ”

No asylo, retorqui-lhes, encontram agasalho contra as intemperies e os meios de subsistencia.

“ *Preferimos este viver, é o nosso destino* ”, foi a resposta final.

Cavalllos, cães, gallinhas, completavam o sequito.

Eis como no prospero estado de S. Paulo vivem os infelizes leprosos, desenrolando aos olhos de todos o sudario de sua miseria.

Ao lado da *Cruzinha* vivia em uma pequena casa um morphetico em periodo bastante adiantado ; era portuguez, natural da Povia do Lenhoso, em Braga.

Com elle residiam dous leprosos para ajudarem-no em uma pequena cultura.

Ignora como contrahiu o mal, que disse não ser de familia por não constar caso algum em parente seu ; não o attribue a contagio, pois nunca esteve com um morphetico ; ouvira fallar em morphéa, mas nunca viu doente algum.

Emquanto foi caixeiro nesta capital, acrescentou elle, usava de alimentação variada ; passando-se para Minas, mudou completamente de regimen alimentar, que dahi em diante passou a ser de carne de porco, farinha de milho, feijões com muita gordura, etc.

Decorridos seis mezes, começou a molestia que tanto o tem infelicitado, terminou o misero com os olhos rasos de lagrimas.

Na Limeira houve um caso de morphéa, que me foi assim referido pelo Dr. Vampré : “ José Antonio da Vinha, natural do Porto, casado, falleceu de lepra aos 48 annos de idade.

Habitava o Brazil ha muitos annos, gosando sempre saude. Não constava antecedente hereditario na familia

Um dia ao retirar-se muito suado de uma olaria, onde estava queimando ou *enformando* tijolos, foi colhido por

violenta batega, seguindo-se-lhe pouco depois os primeiros indícios do mal a que succumbiu. “

A mulher e cinco filhos nada soffrem. O regimen alimentar deste individuo, informa o mesmo collega, compunha-se habitualmente de carne de porco, hervas, farinha de milho, feijões, arroz, etc.

Vê-se, pois, que na Limeira ou — antes — no municipio, apezar da incessante entrada e sahida de leprosos e da falta absoluta de repressão, a morphéa não se tem propagado.

Rio Claro.—Nesta cidade, aliás bem localisada, são frequentes os casos de morphéa, dando-se mesmo alguns em estrangeiros, como informaram-me os Drs. Ladisláo e França.

Com estes e o Dr. Theodureto, que se dignou de acompanhar-me da Limeira até alli, visitei alguns doentes, sendo o primeiro uma allemã, com quarenta annos de residência em S. Paulo, casada, a qual disse-me que “tem estado em varias localidades, e como não lhe abundassem recursos, alimentava-se com o que encontrava, principalmente do usual—carne de porco, farinha de milho, etc.; devido á sua pobreza viu-se obrigada a lavar roupa poucos dias depois de um parto, supportando naquella occasião um forte aguaceiro do qual proveio-lhe um resfriamento, e em seguida a suspensão do puerperio.

Foi sempre muito sanguinea; mas depois da suspensão ficou com o rosto mais afogueado, e dahi começaram a desenvolver-se os symptomas da sua enfermidade.” Asseverou-nos nunca ter-se aproximado de um morphetico, o que foi confirmado pelo marido.

Notei de extraordinario nesta doente de fórma tuber-

culosa a côr trigueira, quasi preta, dos braços e mãos, contrastando com a alvura da cutis normal.

Visitamos em seguida tres leprosos, um dos quaes era de Sorocaba.

Em uma casa encontrámos quatro irmãos affectados do mesmo mal, sendo um rapaz e tres moças : além destes o mais velho soffria da molestia o Basedow e a mais nova, gentil rapariga de 17 annos, conservava côr viva, ainda incolume.

Eram filhos de allemães, que tiveram no Rio Claro um pequeno hotel, onde era prohibido receber leprosos.

A alimentação commum compunha-se principalmente de carne de porco, e sempre de farinha de milho conforme os habitos e o gosto dos freguezes.

Fechado o hotel por falta de concurrencia, seguiu-se para esta familia um periodo de verdadeiras privações durante dous annos, sendo então que enfermaram tres destes infelizes.

Uma das moças, a primeira pessoa que adoeceu, foi retirada da casa, ao manifestar-se a molestia ; declarando-se, porém, nos irmãos, voltou á companhia materna.

O pai, combatido por tantos dissabores, succumbiu de anemia; a pobre mãe, de quem ouvimos esta triste narrativa, recolheu os filhos ao mesmo domicilio, limitando-se a modificar o regimen alimentar, convencida, disse-nos, de que era-lhes nociva a carne de porco e a farinha de milho.

Como explicar a lepra nesta familia ? Pelo contagio, não : a primeira doente vivia exclusivamente na casa paterna, um hotel, onde jámais entrou um só morphetico : o contagio não pode tambem explicar o segundo caso, visto como a familia apressou-se em separar das pessoas sãs a primeira doente, que sómente voltou á companhia commum, quando a mãe (o pai já era morto) convenceu-se da improficuidade da separação. Declarou-nos ella que igno-

rava se na sua familia ou na do marido tinha havido antecedente em favor da lepra.

Além desses o Dr. França e eu visitámos dous morpheticos em uma barraca miseravel. A' entrada viam-se pedaços de colchão, e trapos espalhados, molhados pela chuva do dia anterior: do interior partiam gemidos: dirigindo-nos para um lado encontrámos, estendido sobre uma esteira sem forro algum ou cobertura, um preto enfermo, tendo sob a cabeça um pequeno rolo de farrapos, transido de dores rheumaticas aggravadas pela humidade da barraca, onde passava noite e dia ao sol e á chuva: frouxa luz de uma lamparina em um canto permittiu-nos contemplanr aquelle quadro da maior miseria.

Affirmou-me o Dr. França haverem mais dous morpheticos, que não encontrámos, por andarem esmolando.

Comquanto eu dissesse que no Rio Claro a morphéa era mais frequente do que na Limeira, cumpre observar que quasi todos estes leprosos, em numero de 12, eram de outra procedencia, e que alli não ha familias contaminadas da disposição morphetica.

Em conclusão, no Rio Claro, apezar de não haver medida alguma de isolamento, e de gozarem os doentes de plena liberdade, não se tem formado fóco leproso, porque como tal não se póde comprehender os casos esparsos, occupados por leprosos de outras localidades.

Piracicaba.—Muito esperava eu da entrevista com o Dr. Tiberio de Almeida, conceituado clinico alli, e autor de artigos, a que já referi-me, a proposito da ozena como precursora da lepra, publicados em 1888 na *União Medica* nesta capital, nos quaes declarava-se franco sectario das idéas modernas, cuja base é o bacillo de Hansen, segundo infere-se dos seguintes trechos, que textualmente transcrevo:

“ Com Vidal, escreve o distincto collega, eu sustento

o contagio da lepra por inoculação, baseando este asserto em factos de observação.”

Quaes são os factos ?

Sem especifical-os, ou expor o resultado da observação pessoal em doentes da sua clinica, o Dr. Tiberio de Almeida passa a negar a espontaneidade da molestia ; cita as ilhas Sandwich impressionado pela seguinte exaggeração de uma noticia da *Gazette des Hopitaux* : “ Em 1864 havia já 250 leprosos, em 1876 mais de dous mil, ” acrescentando :

“ Os medicos da ilha da Reunião e da ilha Mauricia acreditam no contagio ; é á idéa do contagio e á escação de asylos para leprosos que se deve a extincção da lepra em paizes, onde ella era outr’ora considerada como endemica. Assim é que na Noruega, em trinta annos, tem-se obtido uma diminuição da metade nos casos de lepra, devido a excellente prophylaxia que tem sido observada com a installação das leproserias. ”

Limitando-se a argumentos com observações inexactas, como a estatistica das ilhas Sandwich, e com a *excellente* prophylaxia derivada da *perfeita* installação das leproserias, o Dr. Tiberio de Almeida julgou desnecessario o concurso aliás preciso da observação pessoal.

Conhecer os casos da sua clinica que o autorisavam a adoptar o contagio da lepra, era, pois, grande empenho meu, tanto maior quanto pela primeira vez ia encontrar-me com um clinico que, praticando em fóco leproso, sustentava entre os de S. Paulo opinião contagionista.

Qual o resultado da nossa entrevista ? Pessoalmente o mais grato possivel, porque recebi do illustre collega as mais delicadas manifestações de fraternidade profissional ; quanto ao ponto principal eis o que passou-se : o Dr. Tiberio de Almeida admite os dous modos de transmissão — a herança e o contagio —, comprova-os pelo caso da transmissão da molestia do marido para a mulher, cuja

familia, conforme as indagações a que procedeu, não registrasse caso algum de morphéa.

Contestando-o com as circumstancias de não haver o mal passado de um para outro conjuge, e com a difficuldade de verificar a existencia desse mal nos ascendentes, relevando notar que a senhora em questão era natural de localidade onde a morphéa frequentemente atacava as familias, o meu distincto collega não rebateu as minhas ponderações, confessando ao contrario “não se poder realmente jurar na affirmativa nem admittir absolutamente o contagio.”

No meu livro de notas encontro em seguida esta observação : “Inferi que as minhas observações calaram de algum modo em seu espirito. Era o caso unico de contagio !”

Na opinião do Dr. Tiberio de Almeida a molestia é frequente em Piracicaba, existindo em algumas familias, e affectando as classes menos favorecidas.

Ha alli um hospital de leprosos construido por Manoel Ferraz : referiram-me que esse homem, tendo perdido alguns filhos victimados pela lepra, mandara construil-o, cedendo a um sentimento de piedade.

Na proximidade do asylo encontrei alguns morpheuticos esmolando.

O estabelecimento tinha doze enfermos, dous dos quaes andavam esmolando á distancia. E’-lhes tambem permittido fazel-o na estrada, ao lado do cemiterio, mas não pelas ruas da cidade : os que possuem cavalgadura pôdem estender as excurgões ao interior.

A casa é espaçosa, arejada, tendo cinco ou seis quartos : não é ladrilhada : o chão estava esburacado pelas gallinhas, que os doentes criam dentro do proprio predio : o administrador reside fóra : cada quarto é occupado por dous enfermos, excepto o menor que é de um : o alimento

é fornecido quinzenalmente, e preparado á parte pelos proprios doentes.

Nos catres, que servem de cama, viam-se colchões velhos e immundos : sobre as camas velhos trapos e nada mais : não ha banheiro : os doentes não recebem alcoolicos, mas pódem adquiril-os a sua custa.

Nesses infelizes, como em geral nos morpheticos mendicantes em S. Paulo, impressiona o estado de deformação dos tecidos, as formas que tomam, em summa—o cunho de gravidade —, e por que occultal-o? a hediondez não vista nos doentes que, ao contrario daquelles, não se entregam ao mais completo abandono, ao mais profundo desprezo da hygiene, e á pratica desbragada de vicios, a começar pelo alcoolismo.

A transfiguração é tal que chega a não parecer a mesma enfermidade.

Em minha clinica tenho observado doentes gravissimos, apresentando as mais adiantadas desordens do ultimo periodo da lepra ; mas alterações como aquellas só nos mendigos e asylados de S. Paulo.

Sim, é forçoso confessar : a morphéa alli horrorisa porque o paciente perde a fórma humana, parecendo um monstro.

Por mais affeito que o meu espirito esteja á presença dos morpheticos e das modalidades da cruel enfermidade, ainda não se achava sufficientemente preparado para a impressão produzida por aquelles entes, que reconhecemos nossos semelhantes por um resto medonho de forma humana, e porque fallam.

O que tenho presenciado relativamente á especie cada vez mais convence-me de que o morphetico é merecedor de maior cuidado. Aquelle abandono é horrivel, monstruoso. Não direi que a sociedade commetta esta falta por egoismo ou deshumanidade ; é antes por pusillanimidade ou medo, obedecendo ao preconceito tradicional, que faz

do morphetico um typo excepcional, exhibindo em seu corpo o estigma de uma culpa imaginaria.

Este tempo já passou : actualmente a morphéa é considerada uma molestia como qualquer outra—a escrophula, a gotta, a diabete etc.

Não tem razão de ser a repugnancia da approximação do morphetico, de tocar-lhe no corpo, de entregar-lhe pessoalmente a esmola.

Prescindindo da descripção dos casos registrados nas minhas notas, volto á entrevista com o Dr. Tiberio de Almeida. Informando-me que existiam alguns allemães affectados da molestia, convidou-me a visitar um chamado Martinho, leproso de fórma tuberculosa, e com quarenta annos de residencia no Brazil.

Apenas sentiu-se affectado, construiu no quintal da sua casa um quarto, que passou a occupar, nunca mais entrando no edificio occupado pela esposa.

Difficilmente conseguímos que se approximasse de nós, para interrogal-o. Atribue o mal a resfriamentos resultantes do habito que tinha de lavar o rosto, estando em suor ; em uma dessas occasiões sobreveio-lhe febre, apparecendo-lhe em seguida manchas vermelhas, depois do que caracterisou-se a lepra.

Para melhor instruir-me relativamente aos casos de allemães morpheticos, o meu distincto collega apresentou-me ao cidadão Carlos Nehring, antigo pharmaceutico desta nacionalidade, e residente na cidade, homem illustrado, o qual informou-me haverem alli quando muito, seis allemães atacados e um suiso.

Perguntando eu, qual a causa plausivel da molestia dos seus compatriotas, opinou pelo contagio ; contestada por mim essa origem, em virtude da raridade dos casos reconhecida pelos proprios contagionistas, respondeu que outra causa não conhecia.

Interrogado sobre os habitos dos affectados, e abusos

que acaso houvessem praticado, declarou-me que a molestia effectivamente tem-se manifestado em allemães donos de taverna, onde matam-se porcos, e que, tendo essa carne em casa, naturalmente preferem á de vacca, além de tomarem mais livremente alcoolicos variados, tendo-os á mão.

Relativamente ao seu compatriota Martinho, a quem eu e o Dr. Tiberio acabavamos de visitar, disse o cidadão Carlos Nehring que elle tivera uma taverna durante vinte annos, achando-se por isso nas condições indicadas.

Cumpre ponderar a proposito da predileção pelos allemães manifestada pela lepra em S. Paulo, que entre os estrangeiros são justamente elles os mais facéis de adquirir os habitos locais, porque são glotões, intemperantes, e como taes affeitos a um regimen superexcitante e completamente desproporcional ás exigencias do clima.

Concedido que os allemães houvessem adquirido a molestia por contagio, a conclusão seria que esse contagio operou-se mysteriosamente, independentemente da presença ou communicação com outros enfermos, sendo Piracicaba uma das localidades onde os morpheticos vivem mais retrahidos.

O allemão Martinho, por exemplo, declarou-nos que nunca esteve perto de um só morphetico, nem consentia que nenhum entrasse na sua taverna.

Não pude certificar-me do numero dos morpheticos existentes em Piracicaba, nem das declarações do estimavel Dr. Tiberio de Almeida colligi, que houvessem outros além dos já mencionados.

Sei de mais um, que tem-me consultado; por isso presumo ser fóra da cidade que a molestia é mais frequente: dentro, como vê-se, não ha fóco a temer, nem receio de incremento.

Mesmo nas immediações do asylo, onde leprosos em misero estado de adiantamento desde muitos annos pos

tam-se diariamente para esmolar, não consta que a sua presença tenha determinado, cumpre salientar, um só caso em morador dalli.

Capivary—Continuando na minha excursão, ahí procurei o Dr. Cezario da Motta, digno representante por S. Paulo no congresso federal, e conceituado clinico.

Informou-me o illustrado collega que a morphéa alli não tem passado de algumas familias.

Não tem duvida de que a molestia seja hereditaria, e só theoreticamente, em vista da descoberta do bacillo de Hansen, acceita o contagio, comquanto nenhum caso justificativo tenha observado em sua clinica.

Disse-me mais que em Porto Feliz, logar em que nasceu, existiam muitos morpheticos, installados principalmente em uma rua; aconselhando-me por isso que não deixasse de lá ir; mas as difficuldades de transporte e a falta de commodidade impediram-me de satisfazer a sua recommendação.

O Dr. Cezario Motta, pai, antigo e intelligente clinico, convidado pelo filho para instruir-me com o resultado da sua experiencia, confirmou a existencia de muitos enfermos em Porto Feliz, onde clinicou por longo tempo.

Crê, no contagio, em apoio do qual citou o caso de uma mulher, que contaminou alguns rapazes. Por colenda que seja a opinião do provento clinico, não pude aceitar como liquido este resultado attribuido á lepra.

Não é a primeira vez que a opinião em favor do contagio bazea-se em factos analagos, aliás imputaveis á syphilis.

Em Capivary não havia um só leproso, o que foi-me confirmado pelo Dr. Costa Valente.

No sitio denominado *Raio* param os leprosos, que esmolam na cidade; alli havia cinco de diversas procedencias.

Comquanto não seja prohibido o transito semanal desses enfermos pelas ruas de Capivary, não se formou alli fóco leproso.

XII

Itú.— Foi a cidade de Itú a perola da minha excursão porque alli encontrei o que talvez não haja em outro ponto do Brazil, e rarissima vez succede no mundo: a pratica da verdadeira amizade, a virtude excelsa !

Caridade

Occupando-me em meu trabalho—*A Morphéa no Brazil*—do asylo de Itú, eu disse que “quando a sociedade retrae-se em presença da miseria, surgem em compensação uns entes providenciaes que na cidade de Itú tomaram os nomes de Antonio Pacheco e Silva e Bento Dias Pacheco, ambos sacerdotes e um delles herdeiro das virtudes e da missão do outro.” e á mesma pagina accrescentei, a proposito do asylo de leprosos, que “aquelle edificio não era sómente um hospital, mas a matriz da caridade humana.”

O asylo não funcionava então por estar em reparos, em 1882.

Decorridos tres annos dirigi-me por carta ao reverendo vigario de Itú pedindo para informar-me se o asylo já recebia doentes.

Respondendo-me affirmativamente em carta de 8 de Novembro de 1885, disse-me o reverendo vigario entre

outras cousas o seguinte: “Um santo sacerdote é o capellão e dedica-se exclusivamente ao tratamento e allivio dos morpheticos, fazendo-lhes companhia perenne.”

O “Santo Sacerdote” a quem referio-se o vigario de Itú, é o padre Bento Dias Pacheco, outro *Francisco de Assis*.

Na tarde do dia da minha chegada á cidade o distinctissimo Dr. Cesario de Freitas convidou-me a visitar o asylo dos lazarus, apresentando-me ao padre Bento, como alli o tratam.

Com a maior simplicidade recebeu-nos o santo homem na casa que ha 21 annos habita, na mesma que é sempre franca aos morpheticos, aos quaes recebe na sua sala e faz sentar á sua meza.

Durante esses 21 annos tem sido o padre Bento o unico enfermeiro; é elle que trata-lhes das chagas, toma-os nos braços, levanta-os ou condul-os ao leito; é delles o capellão, o confessor, o companheiro, o conforto, a consolação, o anjo tutelar.

Nunca em minha vida tive tanta veneração, senti o espirito tão edificado como na presença desse homem simples, humilde e admiravel!

A elle comparados como são infimos os maioraes da terra!

Foi alli que pude avaliar que não ha grandeza como a da virtude, a da verdadeira caridade christã.

Conversamos sobre o asylo e os enfermos. O asylo está bem collocado, é espaçoso, regularmente aceiado, e dispõe de terrenos para culturas.

Não foi edificado em 1806, como por engano eu disse no citado trabalho citando a *Revista Trimensal*: na fachada encontrei a data—1884 (da reparação) e por baixo em uma só linha, a seguinte inscripção: *Pe. A. e P. e S. dedicou a umanidade soffredora em 1808.*

As iniciaes correspondem ao nome do padre Antonio Pacheco e Silva.

Naquelle tempo quem praticava uma acção de tão sublime quilate, levantava, como alli, dous templos, um ao lado do outro: um á religião e outro á miseria, occultando-se sob as iniciaes do nome.

Hoje.....

No asylo reside o administrador, homem cuidadoso.

Haviam recolhidos quatro homens e duas enfermas, apezar de ser muito maior a lctação, e de serem os doentes bem alimentados e zelosamente tratados.

Notando eu a pequena frequencia, explicou-a o padre Bento como o resultado provavel da privação da liberdade visto ser-lhes apenas permittido chegar até a porteira ou á sua casa, accrescentando: “Quando ao cabo de algum tempo se aborrecem retiram-se e vão esmolar ou antes vaguear; um delles, no deixar o asylo, declarou que *por causa de uns feijões não havia de estar prezo.*”

Alli não se fornece alcoolicos aos asylados nem se lhes permite a acquisição.

O padre Bento não acredita no contagio e sim na herança, citando em favor desta muitos factos occorridos em familias de seu conhecimento; acrescentando em apoio desta opinião que varias viúvas, apezar de não se terem separado dos maridos durante a molestia, prestando-lhes, ao contrario, os mais assiduos cuidados até a morte, viveram muitos annos sem nunca terem sido affectadas.

Entre os casos citou o de uma sua prima-irmã: “o marido, disse-nos, morreu podre de lazaro, e a mulher só por morte separou-se; é viúva ha trinta annos e não soffre.”

Referio-nos tambem outro caso quasi identico ao de Bragança, n'estes termos: “Uma senhora era casada com uma pessoa que veio a soffrer de morphéa; apezar de ter o doente chegado ao lamentavel estado de podridão, a mulher foi sempre carinhosa e nunca separou-se do marido; fallecendo este ha mais de dez annos, a viúva passou

a segundas nupcias com um morphetico, com quem vive; está nutrida e forte e nenhum indicio da molestia apresenta.”

Enviuvando certa senhora, referiu-nos o padre Bento tal foi a sua amargura que atirou-se no banho que acabava de servir para o cadaver lazarento do marido, pretendendo com isso tambem morrer de morphéa; o que entretanto não obstou a que pouco tempo depois passasse a novas nupcias.

Na manhã seguinte voltei á casa do padre Bento afim de solicitar uma photographia, que não obtive: “Nunca me photographei nem me photographarei”, foi sua resposta, acrescentando: “não tenho de que deixar lembrança nesta vida.”

Com alguma astucia, confesso, pude colher aqui e alli, sem que elle o percebesse, os seguintes dados biographicos; nasceu a 11 de Outubro de 1819; amanhã, disse-me (estavamos a 10 de Outubro), inteiro 70 annos; é filho de Ignacio Dias Ferraz e D. Anna Antonia do Amaral; só teve um irmão, fallecido ha cinco annos; na idade de um anno perdeu o pae, e ha dez annos a mãe; recebeu ordens em 1843 no seminario da capital; a principio dedicou-se á lavoura de canna, em uma fazenda servida por escravos; um dia abandonou tudo, libertou os escravos recolhendo-se ao sitio, onde mora ha 21 annos; co-proprietario da casa de sua moradia, desistio em favor do irmão da parte que possuia; o resto de bens, empregou na edificação de tres cazinhas, doando-as a um casal de libertos; ficou só vivendo de suas ordens.

“Deus sabe, disse-me o padre Bento referindo-se aos escravizados, quantas injustiças pratiquei; vim para aqui, só, indifferente ao mundo, tratar de minha salvação.”

Rarissima vez vae á cidade; recebe a quem o procura, mas a ninguem visita; não acceita convite para acto religioso fóra da capella dos lazarus; nega-se a assistir em

confissão aos que procuram-no ; não tem ingerencia na administração do asylo; é simplesmente gratuito capellão dos lazarus, seu confessor e enfermeiro; cura-lhes a um tempo as chagas do espirito e do corpo: para o maior dos infortunios a maior das dedicações.

O padre Bento é de estatura pouco abaixo da mediana, um tanto cheio do corpo, cabellos de cor castanho-escura, sem um fio branco não obstante os setenta annos de idade ; rosto pequeno, arredondado, nariz pequeno, olhos regulares e tranquillos, e testa um pouco desenvolvida : é intelligente, exprime-se facilmente, parecendo pouco illustrado.

Não lê jornaes, ignora o que vae pelo mundo; outro é o seu reino.

Nelle ha inversão de funcções: *o orgão pensante é o coração.*

Não tem pae, mãe, ou amigos; nada do que é terrestre, do que é mundano, do que é social o prende á vida; prende-o um laço desconhecido.

Reza a tradição ser a morphéa uma molestia de origem sagrada; pois bem: ao lado dos morpheticos vive um apostolo divino.

Ao despedir-se de mim, tirou da estante um livrinho — *Pratica do amor a Jesus Christo*, por Santo Affonso de Lignori—, e offereceu-me dizendo: “é um thesouro este livro.”

Para mim, respondi agradecendo, será duplo thesouro.

“ Seja, terminou elle; mas sinta no coração o que está no livro, que foi publicado por um sabio Bispo.”

Que se me releve estes detalhes, de algum modo extranhos ao assumpto principal deste escripto; referindo-os, tive somente em mira patentear o superior dominio que sobre um espirito gasto pelo attrito social ainda exerce a alma simples e pura do justo.

Se o padre Bento viesse a ser atacado da morphéa, exposto como vive ao contacto dos doentes, dir-se-ia;—eis demonstrado o contagio; é a repetição do caso do padre Damien, no asylo de Molokai—nas ilhas Sandwich.

Pois bem, se tal infortunio succedesse, outra podia ser a origem: na familia do padre Bento existe a *disposição leprosa*.

O Dr. Cezario de Freitas, clinico ha 16 annos em Itú, logar do seu nascimento, informou ser a molestia alli frequente em familias contaminadas.

Ponderando-lhe eu que, á vista do que observara em varias localidades, a molestia, restringindo-se a antigas familias, respeitava a geração nova, respondeu-me aquelle collega que, com effeito, *como que uma linha dividia as antigas familias das novas, limitando-se a aquellas*.

Em sua opinião não pode haver duvida quanto á herança; entendendo que, se a morphéa é contagiosa, o é muito difficilmente; porque, tendo havido doentes importantes, muito relacionados, etc., nunca succedeu passar-se a molestia a estranhos.

Lamentou a pouca conta em que é tida a hygiene, e o desprezo votado pelas familias aos conselhos da sciencia, não admirando por isso a reproducção da morphéa.

Na cidade só tive conhecimento de um caso de lepra em pessoa da capital; em habitante do logar—nenhum.

Os casos a que referiu-se o illustrado Dr. Cesario de Freitas são de pessoas residentes em fazendas, onde o atrazo dos costumes justifica a persistencia do mal.

Em conclusão, fóco creado pelos doentes propagando-se a morphéa aos sãos não ha em Itú.

Mogy das Cruzes—Constando-me que aos domingos appareciam em Mogy das Cruzes alguns leprosos a esmolar, fui até alli acompanhado do Sr. João Rodrigues de Souza, zeloso secretario da Inspectoria de hygiene.

Encontrei, com effeito, nas ruas seis enfermos esmo-

lando, entre os quaes uma allemã, vinda do seu paiz na idade de sete annos para o Brazil, onde habita ha 32 annos.

Disse-me ignorar o logar do nascimento, e ter a principio estado no Paraná onde casou-se com um allemão, vindo depois para Piracicaba, e dahi para Campinas; acrescentou que, desde que chegaram a S. Paulo, entregou-se ao regimen alimentar da carne de porco, farinha de milho, café com a mesma farinha, etc.

O marido algum tempo depois tornou-se barbaro para com ella, batendo-a frequentemente: “de desgostos, disse a infeliz, vivia eu sempre a chorar.”

Ha sete annos começou-lhe a molestia pelos pés, tornando-os tão sensiveis que a impediam de trabalhar calçada na roça, com o que muito irritava-se o marido. Mesma exaggeração da sensibilidade manifestou-se depois nas mãos, apparecendo seguidamente manchas pardacentas pelo corpo, e depois outros symptomas até ficar no estado em que encontrei-a, de lepra anesthesica com mutilações dos dedos das mãos, uns retrahidos, outros incompletos, etc.

Assegurou-me nunca ter estado perto de morphetico, nem mesmo conhecer a molestia antes do seu infortunio.

“Um dia, terminou a doente a sua narrativa, tal ameaça ouvi do meu marido que julguei conveniente fugir, retirando-me para Piracicaba, onde começou o meu triste fadario de pedir esmolas de logar em logar, de casa em casa.”

O Dr. Mello Freire, de quem o meu companheiro e eu recebemos as finezas que esse distinctissimo cavalheiro sabe dispensar as pessoas que vão a Mogy das Cruzes, o maior proprietario no logar e ahi residente, informou-me não se ter dado caso algum da molestia na cidade apesar da frequencia de leprosos ha muitos annos.

Os que, com effeito, apparecem vem de outras loca-

lidades, retirando-se em seguida, para serem substituidos por outros.

Em Mogy das Cruzes a morphéa não fez ainda sequer uma victima, não obstante a frequencia semanal de morpheticos que por alli transitam, em todos os periodos da molestia.

Sorocaba. Era-me conhecida a salubre Sorocaba desde 1881 quando lá estive com o meu infortunado amigo Dr. Pedro Paulo. No arrabalde—*Arvore Grande*— onde então encontramos 21 enfermos, nenhum existia agora.

O Dr. Monteiro, alli nascido e antigo clinico, confirmou-me nesta visita o que havia de outra vez assegurado, isto é: pouca frequencia da morphéa.

“Evidentemente, disse-me elle, é molestia pouco frequente aqui, onde poucos casos tem havido.” Com effeito, só encontrei um antigo doente, pertencente a familia distincta, cujo chefe morreu leproso.

Na opinião do collega a morphéa não é contagiosa: “Não conheço caso algum, são suas textuaes palavras, explicavel pelo contagio, conhecendo aliás varios casaes em que, apesar do tempo decorrido a molestia de um dos conjuges não transmittio-se ao outro.”

Havendo outro retiro—*O Cerrado*, onde constava existirem morpheticos, para ahi dirigi a minha attenção.

Chegando a um grupo de casinhas, appareceu á porta de uma dellas uma moça que, estranhando a minha resolução, ponderou-me: “somos doentes”, querendo dizer—não approxime-se.

Em São Paulo é tal a reserva que teme-se pronunciar a palavra condemnatoria—Morphéa—, e dahi aquella fórmula—*somos doentes*;— ou então—*fulano está com a massa do sangue desmanchada*; ou simplesmente *com o sangue desmanchado*.

E’ singular essa denominação, desprezando-se o exterior, onde se localisam as mais imponentes alterações

para indicar o principal processo, cuja séde o povo colloca na massa sanguinea.

Vendo baldada a intimação, a doente informou-me existirem alli quatorze leprosos,—oito homens e seis mulheres—, sendo dous de Itapitininga, um de Tutuhy, um do Campo Grande, outro de Pirassununga e os restantes das immediações de Sorocaba.

Uns attribuiam o mal á herança; outros a successivos resfriamentos, a sarampo recolhido; uma das doentes dava como causa a suspensão das regras, e outra—*um parto recolhido*. Uma parda, bastante gorda, em quem o mal trahia-se por placas anestheticsas, disse-me ignorar a causa da morphéa em um seu filho: “contagio não houve, affirmava ella; *demais essa doença não pega atôa*; que para pegar é preciso haver calor e humidade.”

Entre os doentes havia um moço em estado muito adiantado, fallando difficilmente por causa da laryngite leprosa, que muito affligia-o; era filho de pais allemães, circumstancia para mim importante, attento o interesse que me despertava o exame dos morpheticos estrangeiros ou collocados, como este, em identicas circumstancias.

Jorge Libieis, era o seu nome; de 32 annos de idade, natural do Rio Claro, donde mudou-se para Pirassinunga, onde declarou-se-lhe o mal ha doze annos, na idade portanto de vinte annos.

Nunca teve molestia suspeita, nem podia ter, visto nunca se ter exposto até aquella idade.

Tem quatro irmãos sãos; seus pais nunca soffreram de semelhante mal. Na casa paterna o regimen era igual para todos; carne de vacca, arroz, peixe, feijões com bastante gordura, frequentemente carne de porco, e sempre farinha de milho. Em companhia de outros rapazes bebia cognac, cerveja e outros alcoolicos, não raro ficando espiritualizado.

Era habitualmente muito vermelho, no que differen-

gava-se dos irmãos; queixava-se constantemente de calor, causando isso reparo entre os seus.

Nunca esteve com morphetico algum, sendo um dos que mais horror tinham á lepra.

Deu por vezes esmolas a morpheticos, mas com a maior cautela, como geralmente se faz sem tocal-os.

De muito alvo que era, foi-lhe a côr ficando amore-nada, passando por isso pelo unico moreno da familia: agora reconhece que a mudança da côr foi o começo da molestia.

Não attribue o mal à herança nem a contagio, e apenas suspeita de uma forte constipação (supressão de suor): estando um dia muito suado a rachar lenha, foi chamado para jantar; largando o serviço, banhou a cabeça e o rosto em agua fria, sentando-se em seguida á mesa. Passados alguns dias sobreveio-lhe forte dor de cabeça e febre, notando ao cabo de pouco tempo estar com as mãos e os pés arroxeados.

Ponderando-lhe eu que muitas pessoas se constipam sem resultar dahi a molestia, retorquiu-me que a constipação forte parece gerar a molestia, e em apoio citou o caso de um allemão que subia uma ladeira guiando um carro carregado de lenha; não supportando os animaes a carga, entrou elle a diminuirl-a sob um aguaceiro; desde então começou a soffrer, apresentando algum tempo depois tuberculos pelo rosto.

Não conhece outra causa a que attribuir o seu estado.

Depois de arroxear-se os dedos, começou a sentir calor na testa e na região superciliar, seguido de queda de sobrancelhas, e das graves desordens da lepra mixta no ultimo periodo.

Terminando, disse-me com a voz tremula: “Dos vinte aos trinta e dous annos de idade, isto é: o melhor da minha mocidade, passei a vida sob o martyrio da molestia que muito me aterrava.”

Os antigos doentes da *Arvore Grande* e do *Cerrado*, que visitei, alli vivem de esmolas que vão receber nas rnas de Sorocaba. Pois bem, nem no interior da cidade, percorrido semanalmente por enfermos em todos os periodos da molestia, nem nas immedições dos sitios por elles habitados, formou-se, não obstante os muitos annos decorridos durante os quaes têm-se succedido gerações e gerações de enfermos, fôco algum de morphéa.

Ao contrario, a molestia já foi por alli mais frequente do que na actualidade.



XIII

Tatuhy. Aos domingos apparecem esmolando pelas ruas cerca de vinte morpheticos, uns vindo de fóra, outros das immediações da cidade, taes foram as informações de um dos mais estimaveis collegas o Dr. Salles Gomes, e o mais conceituado clinico, alli residente ha bastantes annos.

Na cidade mostrou-me elle uma moça, em quem de-senhava-se a forma tuberculosa; além dessa referio-me o caso de um rapaz que incorporou-se ao grupo dos pedintes.

Os morpheticos occupam dous sitios, o *Boqueirão* e o *Alto de Santa Cruz*. No primeiro o Dr. Salles e eu encontramos cinco enfermos, sendo um delles um rapaz de Itapetininga, em quem a molestia assumio rapidamente o peor character em virtude da vida que esse infeliz levava; outro apresentando lesões como nunca vi nem em desenhos dessa molestia publicados em outros paizes. Mais uma vez lastimei fazer semelhante digressão desajudado de elementos que podessem tornal-a mais util.

Era um homem baixo, de 45 annos de idade mais ou menos, doente ha vinte annos; a pelle do rosto era muito encarquilhada; o nariz todo deformado, uma das orelhas

partida, o olho direito coberto por tuberculos; os dedos das mãos profundamente alterados, se é que posso chamar —dedos; os pés eram dous aleijões—sem forma humana.

Penha foi não me ter sido possível copiar aquella figura hedionda.

No *Alto da Santa Cruz* havia dous velhos leprosos e uma doente já idosa.

Se a lepra é pouco frequente ou mesmo rara na cidade, outro tanto não succede no campo, atacando de preferencia os necessitados, segundo assevera o Dr. Salles.

No *Bairro dos Ferreiros*, disse-me elle, existiam varios leprosos.

Os habitantes da cidade usam de um regimen alimentar mixto: não abandonando de todo o antigo habito da carne de porco, do toucinho e da farinha de milho, recorrem á de mandioca, ao pão de trigo e á carne de vacca, cujo supprimento é feito por tres açougues que funccionam diariamente.

Nos sitios, isto é, no campo, o regimen compõe-se exclusivamente de carne de porco, farinha de milho e feijões afogados em gordura. O arroz não é primeiramente cosido para ser depois temperado com um pouco de gordura, ou—como melhor seria—simplesmente cosido em agua e sal; alli é outro o processo: cozinham logo o arroz na gordura, sem agua, e o mesmo fazem com o peixe, a gallinha, etc. A *gorgurada* é para aquella gente o ideal da perfeição da arte culinaria (*)

O Dr. Salles Gomes não conhece caso algum justificativo do contagio, mencionando, ao contrario, muitos casaes em que a molestia, apezar de decorrido bastante tempo, não passou de um dos conjuges.

E', portanto, a cidade de Tatuhy mais um exemplo

(*) A gordura para os usos domesticos é obtida de toucinho derretido; a banha de porco é applicada ao fabrico do sabão.

da impunidade com que ha muitos annos os morpheticos em todas as condições frequentam semanalmente as ruas, sem propagar o mal.

Guaratinguetá. Foi a ultima localidade que visitei no meu regresso para esta cidade.

Graças á solicitude do então juiz de direito, o meu amigo—o senador Cassiano Tavares Bastos, entendi-me com o Dr. Julio Pouchet, clinico ha 12 annos, e que informou-me diminuir cada vez mais o numero de morpheticos, que apparecem esmolando, os quaes installam-se em casinhas sitas á estrada que vae á Capella de Nossa Senhora da Aparecida. Na cidade sempre houve poucos doentes; na occasião em que lá estive renhum havia.

Em Pindamonhangaba, accrescentou o mesmo collega, é pequeno o numero de affectados, e em Lorena—ainda menor. Na Cachoeira não consta que haja, de sorte que na opinião do Dr. Pouchet a molestia decresce no norte de S. Paulo.

A alimentação tem melhorado consideravelmente, e comquanto nella ainda figure, pondera o mesmo Dr., a carne de porco, todavia usa-se de da vacca, de farinha de mandioca e pão de trigo; notando que, não se sustentando dantes uma só padaria, já se mantêm tres funcionando regularmente.

Da exposição feita pelo Dr. Pouchet infere-se que a morphéa não creou raizes profundas no norte de São Paulo, e ao contrario decresce em toda a linha do norte apezar de ter sido outr'ora muito frequente, e continuarem a mendigar pelas cidades os doentes restantes.

Antes de terminar esta parte de meu trabalho, devo occupar-me de dous factos, principalmente um, da maior relevancia. Eil-os :

Achando-me na Capital, de volta de uma de minhas

excursões parciaes, encontrei-me em palacio (era presidente o brigadeiro Couto de Magalhães) com o ex-senador Leão Velloso e o ex-deputado Rodrigo Lobato.

Sciende do objecto de minha visita á sua terra natal, o Dr. Rodrigo Lobato pronunciou-se largamente sobre a morphéa em Taubaté observando que alli já houvera sido muito mais frequente do que actualmente.

A proposito referio-me que duas familias daquella localidade eram affectadas de lepra, transmittida de geração em geração; e que os descendentes ultimos de uma dessas familias, netos e bisnetos, já não soffriam parecendo nelles extinto o germen do mal—citando varios nomes de descendentes immunes; “mas, accrescentou o Dr. Rodrigo Lobato, *vivem com muita cautela*, isto é: usam de alimentação de que não fazem parte a carne de porco e o milho.”

Tratando-se de pessoa maior de toda a excepção, como o ex-deputado por São Paulo, julguei digna de attenção a referencia por elle feita a um factó de seu conhecimento, tanto mais que apresenta pontos de contacto com outro de minha observação pessoal, que por minha vez passo a narrar.

Um meu distincto amigo da capital de S. Paulo, na occasião de minha partida para o interior, offereceu-me uma carta de recommendação para o Barão de... seu alliado politico, proporcionando-me assim meios de estudar a molestia em uma das familias mais importantes, em que dizia-se ser o mal hereditario.

Chegando á localidade e não encontrando a pessoa, entreguei a carta a um creado e retirei-me. Pouco depois recebia eu a honrosa visita do Barão de... acompanhado de outra pessoa, versando a conversação sobre generalidades como succede em um encontro de mera etiqueta entre pessoas que não se conheciam.

Retirando-me á tarde, por casualidade foi meu com-

panheiro de viagem o Barão, que, apenas avistou-me, dirigiu-se a mim, sentando-se defronte.

Cumpre notar que este cavalheiro apresenta um quer que seja de leproso na physionomia, dando logar a que a opinião anonyma o tenha como atacado da molestia.

Dessa familia não é o unico, como terei de referir, que apresenta o mesmo facies.

Releva notar que o medico da familia, antes desse encontro, historiando os casos de morphéa, que terminaram pela morte, ponderou-me que o Barão sempre teve *aquella pelle do rosto* como outros parentes seus, sem que em toda a sua vida sobreviesse qualquer outra alteração significativa de um processo morbido em evolução.

“Ha mais de vinte annos, disse-me, que conheço-o, sempre no mesmissimo estado, sem peiorar.”

Em outros termos: aquelle estado era *o normal* dessas pessoas; paes idosos e filhos,—meninos, moços ou adultos, apresentam pois aquella desfiguração *physiologica*.

Achando-me, como disse, em frente do Barão de... verifiquei o seguinte: a pelle do rosto era desigual, aspera, como que um pouco hypertrophiada; o nariz, devido á hypertrophia das azas e consequente alargamento do diametro transverso, era estranhamente achatado; e as orelhas um tanto espessadas.

O povo compara a pelle do rosto das pessoas, a que alludo, á casca de laranja da terra (laranja amarga), que, como é sabido, é desigual e aspera.

Meu companheiro de viagem, que de certo não ignorava o objecto de minha excursão, discorreu francamente sobre a grande infelicidade de sua familia victimada pela inexoravel molestia, condemnando o grave erro dos casamentos consanguineos, por elle proprio commettido, mas nenhuma referencia fez ao seu estado, persuadido naturalmente de que nada soffria.

Com effeito, das respostas a perguntas por mim feitas

com a necessaria circumspecção, não transpareceu a menor desconfiança de soffrimento, colhendo eu apenas que havia o maior cuidado com a alimentação.

Conveniencias impedem-me de entrar em detalhes, limitando-me a *affirmar* que *nesse estado* ha tres familias do mesmo tronco, nas quaes nota-se essa especie de degeneração da molestia, isto é: ha tres irmãos e os descendentes de dous com o mesmo facies desde o nascimento, sem alteração alguma ulterior que indique processo ou actividade morbida.

Lastimo ignorar a quantas gerações leprosas pertencem os actuaes membros da antiga familia contaminada pela morphéa.

Parando em uma cidade visinha, procurei no dia seguinte um collega, natural dahi e clinico ha annos, afim de communicar-lhe a surpreendente observação, e colher mais informações sobre o facto.

Depois de ouvir-me, ministrou-me outros esclarecimentos, dizendo ser o mesmo facto conhecido, e assegurando que desde o nascimento nota-se aquelle vicio da pelle do rosto; fez mais: convidou-me a ir a uma sala de quadros onde estavam dous retratos, em tamanho natural, de uma dessas pessoas e da filha pelos quaes verifiquei o mesmo phenomeno, clarissimamente figurado.

Não é caso de herança, já não digo da molestia, que os anticontagionistas não admittem, mas de *disposição morbida*, visto não ser verosimil que houvesse tal disposição em tantas pessoas sem evolver em alguma dellas; o que ha, sim, é a herança do character anatomico da pelle, mantido em varias gerações.

E' a herança, pois, de um accidente, de um vicio de confirmação, de uma alteração anatomica, por organismo em quem abastardou-se o principio morbido. Graças aos recursos dessa familia e ao regimen a que submetteram-se os seus membros, puderam os descendentes, a que refiro-

me, não só resistir a degeneração successiva, como é a regra, mas até modificar a construção intima, viciosa leprosa, reduzindo a herança á essa pelle aspera, grosseira, hypertrophiada, dentro dos limites physiologicos, mantendo-a assim desde o nascimento até idade avançada, conforme as informações que colhi de pessoas com razão de saber, e a minha propria observação.

Não se trata de uma raridade ou excepção, mas sim de uma nova disposição adquirida por varios membros da mesma familia—oriunda de gerações morpheticas; não sendo temeridade prever que, observados os preceitos hygienicos, entre os quaes deve figurar em primeiro logar o crusamento, aquelle vicio anatomico acabará por desapparecer completamente.

Como disse, se é importante o facto da extincção da transmissibilidade hereditaria em uma familia, conforme narrou-me um cavalheiro distincto, o Dr. Rodrigo Lobato— muito conhecido em São Paulo, facto ainda não mencionado por autor algum, extraordinario e importantissimo é o que acabo de referir observado por alguns collegas e por mim, não me constando que haja caso identico sido por outrem observado em parte alguma.

Em recentissima communicação (23 de Agosto ultimo) feita a Academia de Medicina de Paris, o Dr. Zambaco refere-se á lepra liquida, incompleta, *attenuada*, por elle observada na Bretanha e considerada uma sobrevivencia da antiga lepra do 16° seculo: *elle s'y conserve*, diz elle, *par une hérédité ancestrale, par atavisme*.

Assignala-se por um ou dous symptomas, acrescenta o Dr. Zambaco: é, em summa, frusta.

Os casos que descrevi não pertencem aos mencionados pelo medico turco: nestes ha ou houve processo morbido, trabalho evolutivo que esbarrou cedo ou paraly sou; naquelles, nos observados por mim, nunca houve trabalho algum morbido: o Barão de... bem como o irmão e uma

filha de cada um delles *nasceram com aquella pelle* e nunca apresentaram symptoma algum indicativo do processo leproso; a pelle das filhas é a mesma dos paes, e é a *natural* dellas e delles.

Vê-se, pois, que os meus casos são diferentes dos do Dr. Zambaco.

Eis o resultado da minha excursão pelo Estado de São Paulo, realisada com o fim unico de examinar por mim mesmo, não em um, mais em varios fócios, a questão do contagio, não encontrando nem verificando caso algum que autorise-me a admittil-o.

Não duvido que se me attribua parcialidade e accommodação dos factos, interpretando-os a meu modo, á minha crença do não contagio da morphéa.

Não sei se valia apenas deixar os meus trabalhos e familia, para emprehender viagens incommodas, presenciar situações desagradaveis, entregar-me a esforços e insano trabalho com o unico fim de enganar-me a mim proprio.

Não será por demais lembrar que não fui a logar algum, não visitei ou examinei doentes fóra da presença de collegas, que, acompanhando-me, dispensaram-me atenções que nunca olvidarei.

Sendo-me alem disso ministrados pelos mesmos collegas os esclarecimentos que colhi e consignei neste trabalho, posso em synthese afirmar que é delles a opinião anti-contagionista, e que a mim coube apenas traduzil-a do modo como fiz, e mais nada.

Se discrepei uma linha da verdade; se faltei á lealdade para com elles, emprestei-lhes opiniões que não externassem, ou fui infiel na exposição dos esclarecimentos que ministraram-me, é seu dever dizel-o publicamente, inflingindo pena merecida pela má comprehensão da probidade profissional e abuso das finezas recebidas.

Colloque-se o distincto collega Dr. Pedro Severiano

de Magalhães em meu logar; figure ter visto o que vi, observado o que observei, e decida, á vista do resultado, se, como affirmou “o contagio da morphéa é questão resolvida.”

O professor Hardy, na discussão travada em 1888 no seio da Academia de Medicina de Paris a proposito da Memoria do Dr. Besnier sobre a lepra, tratando da influencia da raça e do clima sobre o desenvolvimento da molestia, disse, depois de mencionar a immundade dos parisienses—não obstante darem-se alguns casos de lepra em Paris,—*si em outros paizes a lepra é contagiosa, não o é no nosso*—, e termina por estas palavras: *não temamos acolher os leprosos sem fazel-os passar pelas forcas caudinas da policia.*

Parodiando as palavras do notavel dermatologista francez, cabe-me dizer com os factos em mão, e com provas inconcussas, que, se a morphéa é contagiosa, no Brazil não o é; será nas ilhas Sandwich, ou onde quizerem e entenderem de accordo com a theoria adoptada; aqui—não; ao contrario, a tendencia, como demonstram os factos em S. Paulo, Bahia e Pernambuco, é para decrescer, circumstancia preciosa que serve ao mesmo tempo para evidenciar que o nosso clima e a nossa raça não favorecem ou alimentam o incremento da morphéa.

Assim, não será temeridade affirmar que semelhante mal desaparecerá dentre nós ou se reduzirá a raros casos se, como deve ser e é de esperar, com a prosperidade e a cultura intellectual attender-se aos conselhos hygienicos, que podem precipitar a terminação nas localidades onde com maior ou menor frequencia existe a morphéa.

XIV

Passo a occupar-me da prophylaxia da morphéa, analysando d'entre os meios hygienicos, adaptaveis ás nossas condições, os que podem auxiliar a diminuição da frequência dessa enfermidade.

Na opinião dos autores dos communicados, a que me tenho referido, publicados no *Jornal do Commercio*, a sequestração dos enfermos é a principal senão unica medida a empregar.

O Dr. Pedro Severiano de Magalhães declara não aconselhar de *uma vez* rigores odiosos, mas entende conveniente evitar a promiscuidade dos leprozos com os sãos, "causando-lhe muito serias apprehensões o espectaculo publico de morpheticos de todas as idades em intimo e prolongado commercio com crianças e adultos sãos."

Por outro lado o autor (anonymo) do segundo communicado entende que a segregação dos enfermos "é e ficará sendo o *meio radical* de restringir a sua disseminação e já está sancionado pela experiencia.

Eis as duas opiniões que me servirão de guia nas considerações a fazer sobre tão delicado assumpto.

Começarei pelo exame dos elementos comprobatorios do incremento da morphêa nesta capital.

A 20 de Maio ultimo o *Jornal do Commercio*, em uma das *varias noticias*, deu alarma do “augmento progressivo, de anno para anno, da cruel enfermidade,” fundando-se no movimento do hospital dos Lazaros nesta cidade, indicativo da successiva elevação do numero de asylados, e na maior concurrencia de consultantes á sala do banco.

O mesmo jornal, publicando a 14 de Junho o communiado anonymo, sob o titulo—*A Morphêa*—começa assim: “com relação a essa terrivel molestia, que se vai alastrando entre nós em proporções assustadoras, etc.”

Na carta dirigida pelo Visconde de Sinimbú ao redactor do *Jornal do Commercio* depara-se o seguinte trecho: “Do Dr. José Lourenço ouvi ou em alguns dos seus trabalhos li, que nesta capital esse mal é mais frequente do que geralmente se pensa, constituindo assim poderoso motivo para não se desprezar meios contra a sua propagação.”

Do exposto infere-se que foi o *Jornal do Commercio* quem, baseando-se no movimento do hospital dos Lazaros, affirmou o incremento da morphêa, expressando-o pelo “augmento progressivo” e o “vae alastrando em proporções assustadoras”; porquanto o meu amigo Visconde de Sinimbú limitou-se a dizer que das minhas palavras, lidas ou ouvidas, deduzira ser o mal *era mais frequente do que geralmente se pensava*, não assegurando, portanto “augmento progressivo.”

Agora—a minha parte na questão: no opusculo—*A morphêa e sua curabilidade*—encontra-se a paginas 5, o seguinte: “Quando no trabalho—*A Morphêa no Brazil*, occupando-me com a distribuição pelas provincias, eu disse—não posso determinar o gráo de frequencia da lepra na côrte por falta de dados estatisticos... mui longe es-

tava de suppor que essa frequencia é consideravelmente maior do que se me figurava então, etc.”

Dahi vê-se que eu não affirmava augmento nem diminuição; observava apenas que a molestia era mais frequente do que eu suppunha em 1882.

Accrescentei, porem, á mesma pagina “toda a presumpção, para não dizer certeza, era favoravel ao incremento”, qualificando de “imprevidencia” o abandono em que viviam os morpheticos, “porquanto, disse eu, não admittido o contagio no pensar da quasi totalidade dos medicos, ficam para proteger a progressão crescente o desenvolvimento espontaneo, animado pela reincidencia nos vicios hygienicos, e mais ainda do que isso, a propagação hereditaria, franca, liberrima.”

Faltando-me, com effeito, o unico criterio para assegurar o desenvolvimento progressivo da morphéa aqui, —a estatistica demographica—, devia presumir a propagação da molestia pelas razões dadas, e principalmente— a transmissão hereditaria.

Não retrocederei: como então continúo a admittir os motivos para o mesmos fundado incremento, a saber: *o desenvolvimento espontaneo e a herança*, excluido o contagio, porque ainda não o reconheço como causa da morphéa.

Sublinhei as palavras acima, no entender de muitos anachronicas ou paradoxaes, para indicar que as reproduzo intencionalmente e a ninguém parecer que sahiram-me da penna por distracção por mais que as idéas, que ellas representam, escandalizem os doutos.

Releva ponderar que o movimento do hospital dos Lazaros, constituindo simples presumpção, não é prova do incremento da molestia, visto não recolherem-se a esse asylo somente doentes desta cidade, mas tambem dos Estados.

Em conclusão: prova cabal, inconcussa, da *progressão* da morphéa nesta capital não ha, visto ignorar-se, por

falta de estatísticas, qual tem sido a sua tendencia ou marcha; de positivo pode-se afirmar a sua frequencia. Em todo o caso, para evitar a transmissão hereditaria, propuz a creação da *Villa para morpheticos*, onde os doentes, fazendo em beneficio da collectividade o sacrificio do isolamento, não abdicassem de todo as funcções de seu ser.

Deste modo estancar-se-hia a principal origem do desenvolvimento da morphéa, attendidos e respeitados os direitos individuaes—; entendendo que a sociedade de modo algum pode arrogar-se o direito de encarcerar os morpheticos em asylos, fazendo de um doente um criminoso; não podendo tambem sob o fundamento de aperfeiçoar-se, que continuamente esquece, privar da liberdade a creaturas humanas, aliás dignas de commiseração, condemnando-as a carcere privado por toda a vida.

Pega-se o sacrificio, mas suavise-se quanto possivel a sorte do exilado.

Tal como existe, o asylo para morpheticos é um producto da prepotencia e da deshumanidade.

O Dr. Pedro Severiano diz não aconselhar de uma vez rigores odiosos : *nem de uma nem de muitas vezes*, permitta-me o collega ponderar-lhe, taes rigores podem ser aconselhados : não estamos na idade media, ou no tempo em que o governador da Bahia D. Rodrigo de Menezes mandava recolher os leprosos á fortaleza de Barbalho, encarcerando-os.

Em relação aos morpheticos basta de injustiças e de iniquidade ; elles são nossos irmãos, e de mais a mais infelicissimos, circumstancia valiosa para despertar todo o interesse por elles e impedir que os persigamos.

Suavise-lhes o poder publico a sorte, e ao afflicto não augmente a afflicção.

Figure cada um o caso em si, e avalie se ha maior desespero na vida do que soffrer de uma molestia consi-

derada infamante, repellente, e alem disso ser perseguido pelo poder, do qual deveria esperar amparo e protecção.

Convem notar que não se trata de isolamento provisorio, reclamado pela salubridade publica em relação a enfermidades de evolução rapida, infecto-contagiosa, como a febre amarella, ou contagiosa, como a variola; mas da segregação perpetua em virtude de uma affecção cuja contagiosidade, é controvertida, ou cujo contagio, concedido por hypothese, é raro, minimo, difficil, na opinião dos que o admittem.

Vou alem: quando n'*A morphéa no Brazil* expendi minhas idéas sobre o isolamento, e sem olvidar direitos individuaes defendi ou acautelei os do homem morphetico, por suave e humanitaria que fosse a medida por mim proposta, muitas vezes interroguei-me se mesmo assim não procedia injustamente; se não obedecia tambem ao preconceito tradicional aconselhando a *Villa para morpheticos*.

Como justificar a medida de sequestração imposta pela sociedade a membros seus?

A necessidade de aperfeiçoar-se, é sua missão principal.

Sendo assim, como comprehender-se que a sociedade estremeça aterrada pelo morphetico, e mantenha-se na maior tolerancia e indifferença ante a tuberculose pulmonar?

Perigo por perigo, incomparavelmente maior é o segundo; porque, emquanto nesta capital fallece annualmente uma duzia, se tanto, de morpheticos, a tuberculose registra dous mil obitos a mais.

Acresce que, emquanto os proprios contagionistas, confessando raro o contagio da lepra, andam as apalpellas quanto ao modo como este se opera, qual seja a via de transmissão e o periodo da molestia em que póde dar-se, limitando-se a meras conjecturas; não succede o mesmo

com o contagio da tuberculose, devido, como está demonstrado, ao escarrho e desde o começo da molestia.

Entretanto, o que presenciámos?

Os tuberculosos são livres, andam por onde querem, escarram pelas ruas e pelos passeios, nos bonds, nos carros das vias ferreas, em suas casas, nas repartições publicas, nos quartéis, onde quer que estejam, sem obstaculo algum, sem o menor constrangimento!

Severidade então, crueldade mesmo, com o numero relativamente pequeno de mcrpheticos, tolerancia e passividade com o incomparavelmente maior dos tuberculosos!

E' esse o aperfeiçoamento? Essa é a equidade social?

Ha ou não preconceito na apreciação das circumstancias desfavoraveis, em relação ás duas enfermidades, no desenvolvimento e á prosperidade das familias?

E' inquestionavel que, muito mais que os leprosos, concorrem os tuberculosos para a decadencia da familia, para a degeneração da especie e o compromettimento da população.

Se ha, entretanto, interesses a salvaguardar, seja a sociedade equitativa e justa; proceda sem prevenções ou iniquidade.

Demais (o argumento que passo a apresentar é irrespondivel e de todo corta a questão), emquanto a tuberculose cada vez mais se desenvolve, conforme evidencia o obituario, a tendencia da morphéa é para diminuir, como succede em algumas partes do Brazil, sem o emprego de medida alguma do constrangimento ou sequestração.

A minha excursão por S. Paulo convenceu-me que a morphéa até decresce; que nos centros populosos cada vez mais raros são os casos; que onde a hygiene progride, operando a substituição dos antigos regimens alimentares, exclusivos e grosseiros por outros adequados ás necessidades do organismo, a molestia limita-se a membros de familias contaminadas; finalmente, *uma linha divisoria,*

na expressiva phrase do Dr. Cesario de Freitas—de Itú, *separa a geração nova da antiga*, libertando aquella de um mal que ainda afflige a segunda, linha equivalente a que separasse da verdade—o erro, do progresso—a ignorancia, da civilisação—o estado primitivo.

Procurando exemplos alhures, citarei Pernambuco onde a molestia decresce, segundo consta do seguinte periodo que transcrevemos d'*A morphéa no Brazil*: “Do confronto das duas opiniões, emittidas por praticos antigos e muito conhecedores da provincia, uma das quaes é antiga, a do Dr. Aquino da Fonseca, a outra recente, a do Dr. Cosme, o que me parece se deve inferir é que na provincia de Pernambuco a morphéa tem retrocedido, e já não se apresenta com a mesma frequencia de outr'ora.”

Em relação á Bahia communicava-me o meu amigo Dr. Pacifico Pereira (*A morphéa no Brazil*, pag. 29) que “Felizmente o numero de morpheticos diminue geralmente aqui na capital como em toda a provincia.

Recentemente um dos nossos medicos mais intelligentes—o Dr. Nina Rodrigues, em uma nota apresentada ao *Terceiro Congresso Medico Brasileiro*, em 1891, sob o titulo *A lepra no Estado da Bahia*, declara que “A lepra na Bahia tem diminuido dos tempos coloniaes para os nossos dias”, confirmando o seu dito na 1ª conclusão, concebida nestes termos: “A lepra tende a desaparecer na Bahia, independente de medidas repressivas e provavelmente com a suppressão do trafico africano e com os progressos da civilisação.” (1)

Diante de tantas e taes provas, reunidas neste trabalho, para demonstrar que a lepra pôde diminuir e com effeito decresce, ao menos em S. Paulo, Bahia e Pernambuco, sem o emprego de medidas coercitivas, pergunto: ha motivo que justifique a odiosa excepção que se pretende estabelecer contra os morpheticos?

(1) *Gazeta Medica da Bahia*, Fevereiro de 1891.

Pedindo moderação nas medidas hygienicas em relação á morphéa não obedeço a preoccupações theoreticas.

Tenho, confesso, intima satisfação em haver sido um dos primeiros a pronunciar-me em favor dos leprosoz a despeito dos preconceitos existentes.

Bem sei que não é facil vencer repugnancias seculares, ou extirpar preconceitos populares. Não será tão cedo que a presença do morphetico deixe de inspirar repulsa ou temor.

Ha pouco, entrando um desses doentes em um carro da estrada de ferro de São Paulo com destino á esta capital, tal celeuma levantou que tornou-se necessario recolhê-o a um compartimento isolado.

Haverá maior humilhação e deshumanidade?

Semelhante facto não se daria aqui, onde o morphetico vai onde quer, seja em carro da estrada de ferro central, sentando-se ao lado de qualquer passageiro sem despertar, como tenho observado, constrangimento, seja em bond, sem que pessoa alguma commetta a impolidez

de levantar-se ou mudar de assento, e menos ainda a crueldade de exigir a retirada do passageiro enfermo.

Graças ao estado de nossa civilisação acredito que assim continuará a succeder, em que peze ao Dr. Pedro Severiano de Magalhães a quem causa “as mais sérias apprehensões o espectáculo publico de morpheticos de todas as idades em intimo e prolongado commercio com creanças e adultos sãos.”

Louvando o seu interesse pelo bem publico, eu faria votos para que o collega se esforçasse de preferencia em impedir a propagação da tuberculose, affecção incomparavelmente mais damnosa, posto que menos temida do que a morphéa, propondo, entretanto, recursos mais humanos do que a sequestração, que é medida anticivilisadora, propria dos tempos atrasados, odiosa aos verdadeiros sentimentos humanitarios.

Esses recursos, sabe o collega melhor do que eu, nol-os offerece a hygiene moderna.

Tratando do contagio da lepra, o professor Hardy observou que numerosos enfermos procuram a França, Hespanha, Inglaterra e Allemanha, sem dahi resultar um só caso de transmissão, excepto o tal Irlandez, a que já referi-me, cuja veracidade o mesmo professor com razão prescindiu de apurar.

Dessa citação vê-se que nos paizes mencionados os morpheticos não inspiram temor, e que tal é a garantia assegurada pelos habitos hygienicos, que nem mesmo a transmissão hereditaria se receia: é, pois, ali completa, absoluta, a prophylaxia contra a lepra.

Esta observação é tão formal e convincente que os proprios contagionistas modificaram o seu rigor, propondo e aconselhando medidas menos terroristas, mais scientificas e humanitarias.

O Dr. Vidal, contagionista intransigente, não considerava necessaria nos tempos modernos a sequestração dos

enfermos, citando a Scandinavia onde, graças ao *concurso ou emprego das medidas hygienicas*, só apparecem casos de lepra hereditaria, sendo alli quasi todos os doentes netos ou bisnetos de leprosos.

Elle proprio, interrogando *se mesmo adoptada a doutrina do contagio deve-se approvar e reclamar as medidas de coacção, out'ora empregadas contra os morpheticos e ainda hoje em vigor em paizes semibarbaros*, responde:

Non certes! Les mesures de prophylaxie doivent être proportionnées au degré de civilisation des peuples auxquels elles sont destinées?

Hygiene é o que elle aconselha principalmente.

Constantin Paul, no relatorio apresentado á Academia de Paris sobre a Memoria do Dr. Zambaco, diz que este preconisa acima de tudo a hygiene, e acrescenta que na Noruega, onde são primorosas as medidas hygienicas e os estabelecimentos hospitalares costeados com um zelo e luxo excepcionaes, e as salas dos hospitaes regorgitam de flores, a morphéa decresce rapidamente.

Affirma-se no estrangeiro e aqui que a diminuição da morphéa na Noruega provem do aperfeiçoamento das medidas de compressão; puro engano; ali, conforme descreve testemunha insuspeita, o Dr. Leloir, contagionista declarado, nem todos os leprosos são recolhidos aos asyllos, e até os proprios asylados passeiam livremente. — Onde, pois, o rigor da sequestração?

O Dr. Besnier, igualmente contagionista, remata a sua interessantissima Memoria com este fecho de ouro: “a medicina, diz elle, pode oppor á morphéa uma prophylaxia segura, baseada, nos progressos da hygiene e da sociologia geraes, e empregar medidas de protecção, necessarias em determinadas condições, *sem recorrer aos crueis processos antigos, mantendo-se fiel aos principios da liberdade e humanidade, que constituem a mais pura gloria de nossa epocha.*”

Eis como pronunciam-se quanto a medidas de rigor, não os adversos ao contagio, mas os acendrados contagionistas.

Dito isto convem definir qual deva ser em relação á prophylaxia da morphéa a collocação do nosso paiz: se entre os civilizados onde a hygiene confere abrigo contra a propagação dessa enfermidade, ou os semi-barbaros onde vigoram ainda medidas draconianas.

Não é de extranhar, pois, que pedindo ha dez annos commiseração para os leprozos, quando a sequestração passava ainda por unico e ultimo recurso, apresente-me agora defendendo com afincio e convicção os direitos dos morpheticos, não contra o interesse e bem-estar sociaes, que devo e me prezo de zelar, mas de conformidade com o progresso da sciencia, os ensinamentos da experiencia e as leis da natureza.

Comprehende-se que a sociedade para garantir-se recorre á medida ultra-rigorosa de encarceramento dos leprozos em tempos mais atrazados, quando não era conhecido outro preservativo do incremento da morphéa; mas, indicados e aconselhados outros recursos, entre os quaes não figura o barbaro sequestro, cessa o unico pretexto da perseguição desses infelizes. Se a sociedade trata seriamente de precaver-se contra a morphéa, a tuberculose etc., use dos meios aconselhados neste sentido; mas por commodidade propria não pirve a infelizes doentes do unico consolo na vida — o gozo da liberdade.

Não pareça, entretanto, que desisti da proposta da *Villa de Morpheticos*; ao contrario, insisto por ella, não pelo temor de perigo social, mas a bem dos enfermos, como o unico meio de auxiliar-os efficaçmente

Em São Paulo, Minas e outros estados, é contristador e pouco decoroso o espectáculo exhibido pelos morpheticos publicamente; ali não morrem, pôde-se dizer, da

molestia, mas devorados pelo alcoolismo; o mal decrece, é certo, mas abjectamente.

Reconheço com justiça que os Paulistas condoem-se da terrivel sorte dos leprosos, não negando-lhes a esmola, de que os doentes por ignorancia, descrença ou desespero abusam.

O morphetico pobre, homem ou mulher, ainda moço e relativamente robusto, contando com a facilidade da esmola, abandona qualquer outro meio de vida, para explorar como vagabundo de localidade em localidade, de rua em rua, de casa em casa, de pessoa em pessoa, a caridade publica.

Sem familia, sem laços sociaes, sem compromisso de ordem alguma, ignorante e descrente, procura dissimular a sua situação entregando-se á uma vida licenciosa e ao abuso dos alcoolicos; é isso o que cumpre cohibir.

Nem perseguidos, nem abandonados.

E' natural que os Paulistas desejem a extincção da lepra; urge mesmo que o consigam; mas por outros processos, de accordo com a sua civilisação e os sentimentos humanitarios.

Ha meios de conseguil-o: combinem-se as intendençias e prohibam formalmente a mendicidade dos morpheticos, lançando ao mesmo tempo um pequeno imposto applicavel ao custeio e á manutenção da *Villa de Morpheticos*.

Obtenha-se uma fazenda mais de creação do que de plantaçào, installe-se ahi o asylo para os invalidados pela morphéa, e aos que não estiverem nesse estado dê-se occupação adequada ás condições physicas e ao estado morbido,

Estancando-se a mendicidade, offerece-se em compensação aos enfermos meios regulares de subsistencia; mudando apenas de forma, a caridade tornar-se-ha mais digna de quem a pratica e mais util a quem a recebe.

Faça-se do morphetico um homem, e do homem um ser util a si proprio, restaurando-lhe o moral e convidando-o a aproveitar a sua actividade e as suas funcções.

Fallando-se em melhorar-lhes a sorte por esse meio, notei que se reanimavam.

Prohibidos de mendigar e encontrando collocação, occupação, distracções, interesses, protecção, abrigo, não hesitarão por muito tempo em procurar e preferir o novo estado como solução natural.

O homem por ignorante que seja, não perde a noção da dignidade; despertado em tempo, abandonará a vida nomade por amor da perfectibilidade, que, latente ou explicita, é o seu ideal, a sua principal missão na vida.

Os vícios são quasi sempre o producto da infelicidade, o meio de attenual-a ou esquecel-a.

E' difficil seuão impossivel ser-se infeliz por toda a vida: em tal situação *abyssus abyssum invocat*.

Sustento, hoje, o que publiquei em 1882 e repeti em 1885.

N'A *Morphéa no Brazil* esbocei a *Villa para Morpheticos*, e no opusculo a *Morphéa e sua curabilidade*, reproduzindo a ideia, accrescentei: "Uma das mais bellas conquistas da medicina foi a realização da idéa de Pinel relativa á fundação de colonias agricolas e á sua annexação aos asylos de alienados.

O resultado colhido em algumas colonias na Belgica, na França, em outros paizes da Europa e nos Estados-Unidos é altamente satisfactorio.

Alli os loucos são doentes e homens; graças aos processos imitativos da natureza, elles dirigem-se á vontade, trabalham, jogam, conversam, distrahem-se, divertem-se, constituem-se em familia, em sociedade, sem contudo se aperceberem de que na atmospherá que os envolve paira o olhar da vigilancia.

Parecendo ao primeiro aspecto incapazes de qualquer

trabalho regular, perdidos de uma vez para o desempenho de seus deveres em virtude do desarranjo da intellectualidade, praticamente demonstram o desacerto dessa suposição, e aos que visitam suas colonias exhibem o surpreendente resultado de uma reabilitação que, sem o regimen colonial, nunca teria logar.

E porque o mesmo ou melhor não succederá com os morpheticos que não perdem a razão, por desesperadoras que sejam as suas circumstancias ?”

Eis o que escrevi.

Confronte-se esta situação com a dos morpheticos em São Paulo ou no Brazil, vagabundos, mendigos, maltrapilhos, entregues a completo ocio, a vicios de toda ordem, principalmente ao abuso dos alccolicos nos antros em que se refugiam, explorando a caridade publica, e perguntarei: é licito a uma sciedade civilisada cerrar os olhos ao contraste conservando-se impassivel ante a abjecção dos leprosos, ou indifferente ao seu exterminio proveniente da pratica de vicios exterminadores ?

Uma das nossas mais accentuadas vocações medicas, vulto de grande talento e coração, que poderia ter enriquecido a medicina brazileira com maiores producções da sua intelligencia, do que fez, se outro fosse o meio e outras as circumstancias em que viveu, o Dr. Julio de Moura, tão cedo eliminado da existencia, analysando *A Morphéa* no Brazil — ao occupar-se da ideia da colonisação dos morpheticos, assim se exprime (*) “Por essa razão ninguem deixará de considerar uma medida de alto alcance hygienico, humanitaria e feliz, alvitre que alem de tudo pode dar em resultado a delimitação e mesmo o desaparecimento do mal, a ideia de fundarem-se estabelecimentos especiaes, mantidos com a abundancia e os recursos que podem emanar da sciencia e da caridade e para

(*) *União Medica*, Junho de 1883.

os quaes o autor do livro lembra com toda a propriedade o nome de “Villa dos Morpheticos.” Julgo de todo o ponto aceitavel um projecto util como este.”

Mal sabia eu quando propuz a modificação do systema de isolamento dos morpheticos, supprimindo-se o asylo como medida de sequestração, recurso odioso e iniquo, prepotente e deshumano, salvo a intenção, e substituindo-o pela colonia agricola, que em outra parte e em condições que—a julgar pela geral noticia,— teria attenuantes o rigor das medidas coercitivas, já funcionava um estabelecimento nessas condições; refiro-me ao hospital de Molokai, nas ilhas Sandwich.

O Dr. Varigny, no artigo *La lèpre aux illes Hawaii (Revue Scientifique)* depois de mencionar um asylo especial para os filhos dos leprosos, destinado, pondera o autor, a prestar grandes serviços, diz:

“O Asylo Molokai a partir de 1866 tem recebido 3100 leprosos, oscillando o numero entre 700 a 800; a mortalidade é de 150 por anno; *os leprosos vivem como querem e têm terra para cultivar; assemelha-se ao asylo de alienados de Gheel, no sentido de viverem á vontade, em liberdade, em terreno muito extenso, pouco sentindo a mão da autoridade; occupa a totalidade da ilha—que tem as dimensões de um departamento francez de medio tamanho.*

Repare-se bem: ali onde tanta impressão desperta o incremento da morphéa, não supprimiram os doentes, não os sepultaram em vida, sob o pretexto egoista do bem publico, no seio de uma população combatida por varias causas que ameaçam-na de extincção rapida; respeitaram no doente o ser humano, offerecendo-lhe, em compensação do seu sacrificio, espaço, liberdade, meios de distracção e interesses nos limites concedidos á actividade e ao exercicio das funcções da vida organica.

Aqui, no Brazil, nada disso existe: ou o asylo ou o

antro; ou a prisão ou a vagabundagem; ou a perda de toda a esperança e o supplicio de horas, umas após outras, passadas em cruel monotonia, cedendo ao attractivo dos vicios e ao consolo do alcoolismo, ou aguardando o dia final da vida.

Pensar-se-ha porventura que o morphetico não sente, não pensa ?

Quanto aos filhos desses miseraveis, vi que acompanham os progenitores no asylo, como em Piracicaba, ou na vida errante de localidade em localidade testemunhando e aprendendo o vicio, ou então na maior miseria que imaginar-se pode em uma barraca na cidade do Rio Claro.

E' um dos quadros da nossa vida social, que deixo esboçado não por maledicencia, mas como esperança de modificação salutar.

XVI

Tratarei das medidas hygienicas, varias vezes por mim alludidas, que cumpre empregar contra o desenvolvimento da morphéa.

Os meios são mais simples do que parecerão á primeira vista; na minha opinião resumem-se na escolha da alimentação, considerada não só em relação a adultos, como aos descendentes ou apparentados com os morphticos.

Deste assumpto occupei-me largamente n'*A Morphéa no Brazil* quando tratei do regimen alimentar no norte e no sul do Brazil, e por isso limitar-me-hei a algumas considerações geraes, mas sufficientes para o esclarecimento do assumpto.

Desde então, quanto mais observo e reflecto sobre as condições em que a morphéa se desenvolve, diminue de frequencia ou desaparece, não só no estrangeiro, como entre nós, tanto mais me convenço de que tudo depende da alimentação, isto é: dos alimentos usuaes dos habitantes da localidade onde existe a lepra.

Suspendamos por momentos o nosso juizo, demos tre-goas ás controversias, e calmamente examinemos os factos.

O que vemos ?

Nota-se que invariavelmente a molestia existe endemica onde ha defeitos de regimen alimentar, essencialmente consistentes no exclusivismo da escolha das substancias alimentares, predominando, seja onde for, os alimentos solidos gordos e os liquidos gordurosos.

A corrupção dos alimentos, por exemplo—o peixe, o oleo, etc., á qual ligam alguns autores grande importancia, não passa a meu ver de circumstancia secundaria, de simples auxiliar da má nutrição ou do imperfeito resultado nutritivo.

O essencial, quanto a mim, é o genero dos alimentos e não o seu estado.

Em apoio do enunciado poderia invocar bastantes factos de data mais ou menos antiga, utilizando-me de alguns já mencionados no meu trabalho ; não o farei, porem, recorrendo nessa occasião a factos recentemente publicados ou conhecidos.

Refere o Dr. Zambaco no livro *Voyages chez les lépreux* que em varias localidades, onde era frequente a morphèa, a prosperidade local e a subsequente melhoria da hygiene alimentar foram bastantes para diminuir notavelmente o mal sem a menor interferencia de medidas compressoras.

No districto de Plomari, da ilha de Mételin, composto de dez povoações, a melhoria das condições hygienicas dos habitantes determinou a diminuição dos casos de lepra.

Eh bien ! ! exclama o autor *par ce seul fait, la lépre tend á disparaître chez eux.*

Para melhor patentear o contraste, menciona os povoados Potamos, Pligia e Paleochori, onde a molestia continúa impavida em virtude das reiteradas infracções

da hygiene, ou, para citar as mesmas palavras do autor, *Dont la population croupit toujours dans la même saleté et dans la même qu'aupavant.*

Dos factos que expoz conclue o Dr. Zambaco: *Donc la mauvaise hygiène contribue essentiellement à la multiplication des lepreux.*

A proposito da ilha de Calgmnos, onde a lepra fez cruéis estragos, diminuiu-o successivamente nos ultimos vinte annos, cita o Dr. Caravokyros, natural da mesma ilha e ahí clinico ha muitos annos, o qual attribue a diminuição da molestia ao estado material dos compatriotas.

Dantes muita miseria, consistindo o sustento em pessimo pão de cevada—*que le peuple trampait dans l'huile d'olive rance*—, em peixe salgado, em *caviar* vermelho (ovas salgadas de solho), e, finalmente, em legumes preparados no mesmo oleo rançoso. Tudo, porem, mudou, continúa o auctor, passando a fazer parte da alimentação—carne de vacca, leite, ovos, manteiga, e tornando-se saudaveis as habitações.

Na ilha de Telos habitantes immundos nutrem-se de substancias repugnantes, principalmente do azeite doce, que derramam sobre o pão negro, legumes seccos e cebolas com oleo. Iguaria muito apreciada ali é a denominada *pasparo*, preparada com toucinho, farinha e figos. Reina a miseria e a immundicie, e com ellas a lepra causando grandes estragos em Telos, que contrasta com as ilhas visinhas onde melhoraram as condições hygienicas e o estado social.

Em Sygmi e Paptinos, emquanto os habitantes usaram de má alimentação, eram frequentes os casos de lepra; melhoradas as condições hygienicas, continúa o autor citado, a molestia diminuiu.

Cumpre lembrar que em localidade alguma das mencionadas pelo Dr. Zambaco pode-se attribuir a diminuição da frequencia da morphéa a medidas restrictivas, que

nunca foram empregadas; mas sim á melhora das condições hygienicas, particularmente do regimen alimentar.

O professor Hardy, referindo-se á immuniidade dos francezes quanto a lepra, a ponto de não haver receio algum da presença de leprosos em Paris, attribue o resultado principalmente a “raça e ao clima.”

Não influio na opinião do eminente professor a grande frequencia que ali houve da lepra depois das cruzadas, importada da Palestina, nem a circumstancia de ainda existirem focos leprosos em seu paiz; ao contrario invoca em seu apoio a quasi extincção da endemia e a actual immuniidade dos francezes, não attribuindo o desaparecimento do mal á sequestração dos enfermos nas leproserias, por não ter sido absoluto o isolamento, *mais parece que la lèpre n'est pas une maladie nostras.*

Entretanto, é geral attribuir a cessação da lepra que reinou na Europa durante os 11º, 12º e 13º seculos ás rigorosissimas medidas de isolamento dos enfermos! Ahí fica consignada a opinião de autoridade competente contestando o facto, sem de certo negar a parte que ás medidas de reclusão coube no alludido resultado.

Quanto ao poder prophylatico attribuido por Hardy ao clima e a raça ousou pensar, sem quebra do meu profundo respeito ao sabio dermatologista francez, que não parece procedente a explicação do desaparecimento da morphéa no seu paiz; porque se o clima e a raça effectivamente gozassem de semelhante prerogativa, é indubitavel que a molestia não reinaria, como reinou, durante seculos, augmentando consideravelmente, mesmo admittido o contagio, que o professor Hardy aliás repelle, ou só concede em outros climas.

Demais, alguns fócios ainda existentes na França, por menor que seja a importancia que se lhes ligue, não abonam a poderosa influencia das duas mais poderosas causas, segundo a opinião do professor Hardy, o clima e a raça—

que continuam inalteraveis, contra a rebeldia dos mesmos focos.

Si, pois, não se pôde em rigor attribuir o desaparecimento da lepra dentre os francezes e a actual immundade — á raça e ao clima do paiz, raça e clima levados de vencida pela enfermidade durante seculos ; se a molestia não cedeu, como affirma o mesmo professor, a medidas de rigoroso isolamento, que nunca houve, segue-se que a outras causas deve-se attribuir o facto historico, de que occupo-me.

Ora, as unicas para as quaes pôde-se com muita plausibilidade appellar, conforme entendem outros autcres e confirma a experiencia em varios paizes, são as *condições hygienicas*, — pessimas durante e depois do longo periodo convulsivo que tanto abalou a Europa, particularmente a França, e que corresponde ao reinado da lepra, e satisfactorias posteriormente, graças á prosperidade nacional e subsequente melhoria das condições hygienicas, seguindo-se a immundade de que gosam os francezes.

Do mesmo modo pensa o Dr. Zambaco, que em recente trabalho exprimiu-se nos seguintes termos : *Sporadique, disséminée, la lèpre existe partout en France et dans toute l'Europe. Si on la cherchait, on la rencontrerait bien souvent, j'en suis convaincu, tout au moins légère, dégénérée ou fruste, grâce aux améliorations hygiéniques et à la diminution de la misère publique.*

Não é com effeito a boa hygiene o mais poderoso recurso que os proprios contagionistas hoje reconhecem e aconselham contra a propagação da morphéa ?

Sendo assim nos tempos modernos, nenhum motivo ha para que deixasse de ser nos antigos.

Estreitando o circulo destas considerações, observarei que durante as graves perturbações sociaes o lado mais compromettido da hygiene é incontestavelmente a alimentação publica.

Escreptores francezes descrevem a miseria com o sequito das grandes crises alimentares que opprimiram os povos europeus, durante aquella época da historia ; ao contrario, a par da prosperidade vem o bem-estar, melhora a alimentação publica e com esta a salubridade.

Quem conhece os habitos dos europeus, sabe quanto estão adiantados principalmente no sul da Europa os regimens alimentares, podendo-se até affirmar ser este da hygiene o ramo mais aperfeiçoado.

Associados assim os acontecimentos, de um lado os sociaes e de outro os hygienicos, conclue-se por encadeamento natural que a immundade de alguns povos europeus contra a lepra, deriva da feliz combinação dos regimens alimentares e do progresso da civilisação.

Estudem-se as condições hygienicas dos habitantes das localidades onde ha focos leprosos, em Nice na França; na Catalunha, Valença, Asturia, etc., na Hespanha ; em Riviera di Ponente, Comacchio, na Italia, conforme os dados geographicos publicados pelo Dr. Leloir no *Traité de la lèpre*, e ver-se-ha que nas mesmas localidades ha vicios de regimen alimentar quaesquer que sejam : a permanencia de taes focos não será explicada pelo clima, pela raça, pelas condições telluricas, pelo contagio, nem sufficientemente pela transmissão hereditaria, mas principalmente, essencialmente, por infrações da boa hygiene alimentar.

Basta considerar a posição geographica dos mencionados fôcos para suspeitar que não afasto-me da verdade propondo a verificação da causa real da lepra naquellas localidades.

Certo é que onde a alimentação não é sobrecarregada de gordurosos e, ao contrario, é variada e composta principalmente de carne de vacca, carneiro, pão, leite, ovos, etc., nunca houve nem haverá lepra endemica; o açougue

e a padaria são em synthese o melhor meio prophylatico contra a molestia.

Objectar-se-ha que nesta capital, onde ha muitas padarias e grande numero de açougues, é frequente a lepra em contrario a esta affirmativa.

Sim, ha açougues e padarias, mas nem por isso perde de valor a proposição; explico-me: primeiramente, não se pode affirmar a existencia aqui da lepra endemica, visto faltarem os meios de verificação, a começar pela carencia de estatisticas; em segundo lugar, manifestando-se em geral a morphéa em meninos ou moços não é temeridade affirmar que os casos dados nesta capital são principalmente de origem hereditaria; e finalmente aqui mesmo ha grandes vicios de regimen alimentar.

Se, com effeito, em algumas classes sociaes nota-se criterio na composição das refeições, pode-se asseverar, presa-me dizel-o, que, em geral, nós os brazileiros cuidamos pouco da hygiene, desconhecendo os seus inestimaveis beneficios ou desprezando-os, como atesta o desaceio das casas e dependencias, e ainda menos zelosos somos da hygiene alimentar.

Se a principal infracção consiste na alimentação mal escolhida e deficiente, affectando de preferencia as crianças, cumpre notar que muitas pessoas abusam da carne de porco, peixe, mariscos, etc.

Durante o anno inteiro come-se carne de porco, seja fresca diariamente vendida nos açougues, seja salgada, de que se faz enorme consummo, procedente principalmente de Minas.

Ao passo que na Europa a carne de porco só è utilizada em certa estação do anno, aqui, onde a predominante temperatura elevada menos aconselharia o uso das substancias gordurosas, não ha reserva em estação alguma.

A verdade é esta: cada um alimenta-se, não com^o

deve ou convem, mas como quer e entende, consultando principalmente o paladar.

Convenho que muito concorre para isso a ignorancia dos inconvenientes ou males resultantes dos abusos alimentares; poucos são os que sabem viver acomodando-se ás exigencias do clima: quem pode, come de mais, quem não pode, come de menos: eis a regra.

Não é só, porem, comer de mais ou de menos; é tambem não attender á composição das refeições, preferindo — o regimen exclusivo com predominancia de gordurosos, em prejuizo das funcções digestivas e da nutrição geral.

Como não ser assim si a tradicção é o regulador dos nossos habitos?

Temos porventura cosinheiros que conheçam o conveniente preparo das substancias alimentares? Não.

Ensina-se o pedreiro, o carpinteiro, o sapateiro, etc.; só o cosinheiro, isto é, o que exerce uma funcção mais delicada e complexa, nasce sabendo.

Ha o cosinheiro para o *trivial*, que vem a ser o que faz pouco mais alem de levar a panella ao fogo, e o de *forno* e *fogão*, o mais graduado e entendido, que prepara massas e doces.

O primeiro era o *commum*; digo—era—porque, actualmente este mesmo é vasqueiro; o segundo era difficil encontrar, e primava mais pelo preparo de iguarias agradaveis ao paladar, do que saudaveis: o cosinheiro *fino* sabe preparar muitos pratos, por pratica do officio, aprendendo aqui e ali, mas sem o menor conhecimento das vantagens reaes das combinações culinarias; propriamente sabe *variar* os pratos, que é o ideal, o apuro do bom gosto; cabendo ao mais infeliz e resignado dos nossos orgãos—o estomago—dar destino a toda a carga.

Relativamente a população brasileira, alem do erro imperdoavel de muitas familias, poupando nos alimentos

para gastar em cousas menos uteis e até futeis, a ignorancia é ainda maior.

Onde mesmo aprender? A cozinha nacional é rotineira e atrazadissima; para melhoral-a não se faz propaganda, não se publicam conselhos hygienicos, indicando a composição das substancias alimentares, a sua melhor combinação, os regimens adoptados ás idades, aos sexos, ás profissões. Descurado e imperfeito é o sustento das crianças, umas alimentadas de menos, outras de mais, não sendo por isso de estranhar a má organização dellas e as frequentes perturbações do estomago.

Si se perguntar com que intervallo cumpre amamentar os filhinhos, ou qual a conducta a seguir á noite em ordem a obter que durmam tranquillamente, permittindo o precioso repouso a quem cria, raras mãis saberão responder.

Durante a adolescencia os mesmos descuidos, a mesma ignorancia. Da classica feijoada (prato dilecto e diario em muitas casas, frequentemente ás duas principaes refeições) tanto usa a menina ou a moça de estomago delicado, quanto o carregador de fardos, dotado de estomago bem fornido de tunica muscular e abundantes secreções pepticas.

O abuso deste alimento grosseiro e indigesto passa por uma das causas mais frequentes de dyspepsias, e tambem não sem razão de certa falta de elegancia nas jovens e senhoras brasileiras.

Quando, ha poucos annos, o barão de Mamoré tratava de reformar a Junta de Hygiene, conferindo aos delegados, entre outras attribuições a do ræcencemento da população, recordo-me de haver publicado na *Gazeta de Noticias* um artigo atacando algumas disposições da projectada reforma, e mostrando a necessidade de alargar-se a esphera da hygiene publica, até então adstricta á providencias reclamadas pelos paroxismos da febre ama-

rella ; lembrei a conveniencia da publicação de conselhos hygienicos sobre a alimentação, e até de premiar os melhores trabalhos sobre o assumpto.

Nada se fez, e continuamos como dantes.

Ha pouco li, no extracto de uma das sessões da Sociedade de Hygiene do Brazil, associação recentemente fundada pelo infatigavel Dr. Carlos Costa, ter sido o Dr. Parga Nina, meu intelligentissimo collega, encarragado de “com urgencia confeccionar artigos de propaganda, para serem impressos em jornaes e distribuidos em folhetos pela população, sobre as substancias nutritivas, usadas em menor quantidade, o regimen alimentar mais physiologico e hygienico, etc.”

Será um serviço importante prestado aos habitantes desta capital.

Assim, pois, apezar das padarias e dos açougues, são muitas as infracções na hygiene alimentar, aqui commettidas, prejudicando mais ou menos a saude dos habitantes.

Estivessemos menos atrasados, usassemos de alimentos convenientemente preparados e combinados, e a morphéa reduzir-se-hia a proporções minimas ; porque, sendo o bom regimen alimentar a melhor garatia contra a manifestação desta enfermidade, é tambem o mais poderoso recurso na minha opinião contra a tendencia leprosa, transmettida aos filhos pelos pais enfermos —, contra a herança do mal.

XVII

Voltemos para o nosso paiz: aqui existe a morphéa, aqui devemos estudal-a.

Poderia offerecer mais amplos esclarecimentos, se tivesse estendido as minhas observações principalmente a Minas e Pará; infelizmente impediram-me de realizal-as alem de outras circumstancias os deveres profissionaes em um centro populoso como este: careceria de tempo, e de uma excursão com os meios necessarios de investigações e e dos imprescindiveis auxiliares, o que excederia os meus recursos individuaes, unicos com que até o presente tenho contado.

Acceitando uma commissão do governo para São Paulo, não será mesquinhez declarar que até as passagens pelas estradas de ferro correram por minha conta: foi commissão gratuita em todo o rigor da palavra.

Occupemo-nos, porém, do essencial.

O illustrado Dr. Silva Lima, muito conhecido clinico da Bahia, honrando o meu trabalho *A Morphéa no Brazil* com uma serie de artigos publicados em 1884 na *Gazeta*

Medica da Bahia, na parte em que tratou da diminuição da morphéa na Bahia, referida no meu trabalho conforme as informações ministradas pelo meu amigo o professor Dr. Pacifico Pereira, accrescentou o seguinte: “A ilha, e principalmente a Villa de Itaparica teve por muitos annos a má reputação de ser um fóco de elephantiacos, e de fornecer ao nosso hospital de Lazaros um crescido contingente delles; assim foi, com effeito, e por isso insistiu o autor em pedir ao Dr. Pacifico Pereira informações especiaes sobre esta localidade: este collega manteve aquella affirmativa referente a toda a provincia, dizendo que na ilha os casos tendiam a diminuir.

“A respeito de Itaparica, continúa o Dr. Silva Lima, não é fóra de proposito mencionar uma circumstancia: é que a frequencia notavel da elephantiasse alli era attribuida ao uso da carne de baleia como alimento da população pobre; ora, ha cerca de quinze annos que a pesca daquelle cetaceo tem diminuido progressivamente no nosso porto; e a respeito da actual frequencia da molestia na ilha em geral não podemos dar noticias exactas, mas na Villa em particular, segundo o testemunho autorisado do respectivo vigario, veneravel ancião de 80 annos, sabemos que existe actualmente apenas um doente de elephantiasse, molestia que, segundo aquelle sacerdote, foi por longos annos frequentissima entre os seus parochianos, especialmente os da classe menos favorecida da fortuna, que faziam uso habitual de peixe, e da carne da baleia particularmente”

Aos esclarecimentos colhidos pelo Dr. Silva Lima relativamente á marcha da morphéa na ilha de Itaparica, addiciono o seguinte dado estatistico obsequiosamente ministrado pelo meu amigo o Dr. Antonio Barbosa de Almeida: — o administrador do hospital de Lazaros, em informação ao commendador Manoel de Souza Campos provedor do Hospital de Lazaros, declara que antes de

1882 havia dous enfermos, cujos nomes declina, alli recolhidos, procedentes da ilha de Itaparica, e que daquelle anno até agora, isto é: nos dez ultimos annos só houve uma entrada da mesma procedencia.

Para corroborar o que fica dito, citarei o testemunho de um medico bahiano, exarado na these de doutoramento sustentada em 1871, nestes termos: “A ilha de Itaparica em nossa provincia, onde a população alimenta-se com baleia e peixe, é o maior importador de elephantiacos do nosso hospital, *como tivemos occasião de verificar pela escripturação do mesmo.*”

Julgo, pois, não haver duvida, á vista do exposto, de que aquella ilha foi um foco de morphéa, que está hoje extinto ou quasi extinto.

Deste facto o que inferir quanto ao contagio da lepra?

Que é prova cabal em contrario, *maxime* não sendo obrigatoria a sequestração dos enfermos, que, pertencentes á classe mais descuidosa, viviam de mais a mais sem o menor resguardo hygienico:—oportunidades para a transmissão de individuo a individuo de certo não faltariam: mesmo assim, em vez de incrementar, o mal desaparece.

Outra illação: se este exemplo, pela nitidez com que se apresenta á observação, não demonstra a subordinação da morphéa á influencia exclusiva do regimen alimentar, reconhecamos e confessemos ser impossivel a prova dessa origem etiologica da molestia.

Por mais que concentre a attenção sobre o desenvolvimento e o desaparecimento da morphéa nessa ilha; que examine a questão por suas varias faces, e procure banir do meu espirito a idéa preconcebida da origem alimentar da lepra, não posso furtar-me á esta conclusão: ali, nada havendo que explique o desaparecimento do mal alem da modificação do regimen alimentar, só o regimen antigo

em que predôminava a carne de baleia e o peixe, justifica a formação daquelle foco leproso.

Parece, pois, incontestavel ter sido de origem alimentar a morphéa que reinou na ilha de Itaparica, a saber: um producto do regimen vicioso e exclusivo.

Na impossibilidade de negar o facto, objectar-se-ha que, sendo unico, isolado, não é clinicamente comprobatorio.

Pois bem: em vez de um mencionarei muitos factos, cuja averiguação está ao alcance de qualquer observador, occorridos em São Paulo, onde, posso affirmal-o, a morphéa recua ante o progresso local e a transformação do regimen alimentar, conforme o resultado das minhas pesquisas, não em um ponto, mas nas localidades que visitei, reputadas geralmente como as mais fustigadas pela morphéa.

Effectivamente, seguindo de cidade em cidade, eu cahia de surpresa em surpresa, quando ao indagar do numero dos doentes, era informado pelos clinicos, em contrario á opinião geral, existirem poucos ou raros casos, dando-se esses mesmos em pessoas pertencentes a familias contaminadas.

Como, pois, explicar a opinião erronea da frequencia do mal nestes logares?

Explica-se perfeitamente: desde que ali um individuo pobre considera-se morphetico, qualquer que seja o estado de suas forças e por nova que seja a molestia, de tal desanimo apodera-se que tudo abandona, e sae a esmolar, preferindo os logares onde é desconhecido, como quem diz: "estou perdido, sou um miseravel, dae-me uma esmola."

Para este acto de desespero, não ha negar, muito concorre a população sã, que considera a morphéa a maior das desgraças, a desgraça que infama e aterra.

O resultado é o observado em São Paulo: formarem-se grupos de enfermos, que, depois de estacionarem algum tempo em um ponto onde esmolam semanalmente, retiram-se para outro logar, e assim por diante.

Ora, quem visita ou passa por uma cidade e encontra esparsos pelas ruas muitos morpheticos esmolando, conclue ser a molestia ahi frequente, ignorando que taes individuos são de varias procedencias.

Alem disso houve nas mesmas localidades real frequencia da molestia, e, enquanto os casos tenham successivamente diminuido, a má reputação subsiste.

Do desapparecimento da morphéa, não obstante a liberdade em que continuaram a viver os affectados, a unica razão possivel é a modificação dos costumes: outrora o regimen alimentar geralmente usado compunha-se de carne de porco e farinha de milho; com a prosperidade local e o desenvolvimento intellectual semelhante pratica modificou-se profundamente, de sorte que hoje, conforme observei e já referi, onde não havia uma padaria onde não havia um açougue, ha varios, e onde não se encontrava uma padaria, funcionam varias.

Não é caso isolado, mas tantos quantas as cidades que percorri, sem que se possa dizer que foram observados superficialmente ou com o bom desejo de accommodal-os á determinada idéa; ao contrario, é a pura realidade que leva-me tambem a considerar que se a morphéa fosse entre nós molestia contagiosa, não somente São Paulo mas o Brazil inteiro estaria perdido, attenta a antiguidade do mal e a falta de cuidados hygienicos que por toda a parte existe.

Felizmente não é, mas apenas molestia social, ligada aos habitos da população, ou—antes—ao seu atraso, e por isso diminue onde os costumes se aperfeçoam, permanecendo ou augmentando onde continuam rotineiros ou viciados.

No campo, onde a alimentação não se modificou em virtude da facilidade da carne de porco e da deficiência ou dificuldade da de vacca, a morphéa persiste; é, na classe menos favorecida da fortuna, que ignorante e balda de recursos menos comprehende o perigo e menos pode evital-o, onde ella escolhe as suas victimas.

O regimen alimentar dessa gente é, com effeito, atrasadissimo.

Desertando das cidades, a morphéa localisou-se no campo, entre os pouco afortunados, de civilisação rudimentar, que mantem os habitos tradicionaes em virtude dos quaes a carne e a gordura do porco formam a base do regimen alimentar, e com o porco a farinha de milho.

Em São Paulo reproduzem-se, pois, factos identicos aos observados pelo Dr. Zambaco na Turquia, com a differença unica dos gordurosos usados lá e aqui:—nas localidades onde o regimen continúa máo, saturado de gordurosos, a molestia desenvolve-se e perdura; modificada a vida local, melhorando a sorte dos habitantes e com isso o regimen alimentar dahi em diante variado, representado pela carne de vacca, pão, leite, hervas, etc., a morphéa retrocede, definha, desaparece.

Para tão auspicioso resultado basta isso, não havendo necessidade alguma de medidas de repressão, odiosas, brutaes, repugnantes à civilisação actual.

E a herança? Não conservará ella o germen do mal?

Sem duvida; mas a semente só germinará em terreno adequado, e um dos mais poderosos effeitos da hygiene é esterilisa-l-o.

A hygiene alimentar gosa não da faculdade de evitar a manifestação *espontanea* da molestia, como subtrahir á semente as condições de germinação.

A não serem os casos de lepra nas pessoas desfavorecidas, principalmente do campo, só ha em S. Paulo os

de membros de familias antigas e contaminadas, que mais ou menos mantêm os habitos.

“ Uma linha divisoria, disse muito bem o Dr. Cesario de Freitas, separa a moderna geração da antiga ”, divisão essencialmente robustecida pelo regimen alimentar, atrasado, exclusivamente composto de porco e milho, de que usavam e ainda usam familias antigas, conforme experia-lhes o collega cujo nome acabo de declinar.

Outra circumstancia cumpre assignalar, ou antes outra prova apresentar em apoio da idéa que sustento: a manifestação da morphéa em estrangeiros.

O Dr. Lutz, impressionado pelos casos de allemães na capital de S. Paulo, naturalmente por temer o futuro dos immigrants daquella nacionalidade, invoca o contagio como o meio unico de explicar essa infelicidade. O Dr. Besnier por sua vez reproduz mais essa prova: a dos allemães da capital de S. Paulo.

O facto merece, por sua importancia, serio exame; tanto mais que á primeira vista a razão do contagio pa-rece explical-o.

Cumpre antes do mais notar que é a capital de São Paulo onde menos contactos ha com morpheticos; até não se observa o espectaculo de mendicantes de casa em casa; os leprosos vivem recolhidos, não sei em que numero, presumindo ser pequeno; pelas ruas da cidade nunca vi um morphetico; precisando vel-os, fui ao hospital; em consulta só me foi apresentada uma menina: a reserva portanto a esse respeito é a maior possivel, ou por guardarem-na os enfermos, ou pelo seu numero reduzidissimo.

De outro lado são conhecidas as opiniões dos convertidos e dos crentes contagionistas quanto ao gráo de contagiosidade da molestia. Apertados para explicar o sem numero de factos em que, havendo toda a oportunidade da transmissáo da molestia de individuo a individuo, por exemplo, entre conjuges, e não podendo fazel-o, saem-se

com a evasiva de que o contagio é *difficil* ou *très-minime*.

Do mesmo modo apparecem casos em que a origem não é facilmente sorprendida, ou se em alguma localidade a molestia desenvolve-se menos lentamente, dizem logo — só o contagio é capaz de explicar taes situações !

O contagio passa então, a ser o que elles querem que seja: *difficil* ou *facil* conforme as circumstancias.

O Dr. Lutz pensa assim em relação aos allemães morpheticos da capital de S. Paulo ; no seu entender elles contrahiram a molestia por contagio, isto é: só o contagio explicou-lhe taes casos, equivalendo isso á seguinte proposição: *onde a oportunidade é menor, os contactos meno^s frequentes, o contagio pode ser facilimo*.

Se os allemães da capital de S. Paulo contrahiram por contagio a lepra, segue-se, em vista do retrahimento em que vivem os muitos ou poucos morpheticos dalli, ser *facilimo*, carecendo de fundamento a opinião dos mais decididos contagionistas que o reputam *difficil* e pouco frequente; se, porém, admittir-se a opinião do contagio *très minime*, forçoso é concluir que de outra parte provem a lepra naquelles allemães.

Não ha fugir: ou o contagio da morphéa é *facil*, e neste caso erram os propios adeptos da idéa contagionista; ou é *difficil*, e então o Dr. Lutz não pode attribuir á sua causa a molestia dos seus doentes.

Devendo ser outra a causa da morphéa nos allemães de S. Paulo, a unica applicada ao caso é o viciado regimen alimentar, resultante da má escolha dos alimentos com predominancia dos gordurosos, de mais a mais usados fartamente e em flagrante infracção das leis de acclimação.

O mesmo succede, como já tive occasião de mostrar, aos allemães que no interior são accommettidos do mal,

inclusive os de Piracicaba, todos ou quasi todos taverneiros e ao mesmo tempo açougueiros de porcos.

Alli a carne desse animal não é vendida em açougues, facilitando-se assim aos proprietarios o seu uso; quem tem o alimento em casa, mais barato e á mão, não carece procural-o fóra: a pratica de vender em taes logares tem força de postura municipal, e por isso as antigas camaras não trataram de extirpar o abuso, com que paeuam as actuaes intendencias.

Obrigados pelas exigencias do clima natal a abundantes refeições, os allemães, emigrando para o Brazil, transportam e, o que é mais lamentavel, mantêm os seus habitos; não permittindo os escassos recursos melhor conforto, atiram-se ao alimento de mais facil aquisição e commodo preço, dando largas ao appetite alem da medida razoavel e conveniente.

A anti-hygienica, por superexcitante, alimentação, é aggravada pelo uso da cerveja e outros alcoolicos, que, não sendo excessivo em clima frio, torna-se perigoso no nosso clima.

Davido que o mesmo aconteça ao allemão de costumes mais adiantados e de melhores recursos, vivendo hygienicamente, alimentando-se de substancias variadas, sem a predominancia das substancias gordurosas, muito embora entre pelos alimentos mais largamente do que é usual entre nós; a esse, affirmo, a morphéa respeitará, conforme a experiencia evidencia.

Convengamo-nos de uma verdade: não se fica morphetico sem provocação, indistinctamente; mal de todos, nacionaes e estrangeiros, se assim não fosse, e se estivessemos sujeitos a sem mais nem menos contrahir a molestia no meio das ruas.

A regra do abuso alimentar, a que acabo de referirme, é applicavel aos estrangeiros que em *paizes leprosos* são accommettidos do mal: a lepra endemica é entretida

pelos viciosos regimens alimentares, coadjuvados de algum modo pelas condições cosmicas entre os que adquirem os máos habitos locais, *creolisando-se* — para servir-me de um dos neologismos em que são ferteis os autores francezes.

Incomparavelmente maior que a allemã é a coõnia italiana; mas nesta rarissima é a morphéa.

Porque? Naturaes de um paiz cujo clima assemelha-se ao nosso, os italianos, frugaes por condição climatica, transportando-se para o Brazil, não carecem mudar de habitos; continuam a alimentar-se como devem e convem, contentando-se com o sufficiente para manter a vida e acudir ás exigencias do trabalho.

Alem de sobrios—temperantes, sustentando assim os habitos de perfeito accôrdo com as condições da nova existencia em outro paiz, mantendo o equilibrio nutritivo nos limites physiologicos, e proporcionando naturalmente, pelo regular funcionamento organico, a desassimilação á assimilação, na Italia como no Brazil—onde continuam a viver sadios, robustos, uteis a si e ao paiz adoptado por patria

Com o viver dos allemães em S. Paulo contrasta o dos italianos, resultando dos abusos por aquelles praticados na escolha dos alimentos a superveniencia da morphéa, e do comedimento dos segundos a quasi absoluta isenção do mal.

Todos carecem de juizo, habitantes sob clima frio e habitantes sob clima quente, mais ainda estes que aquelles e mais que todos os que emigram do paiz frio para o paiz quente, por ser nelles delicado o processo de acclimação: a natureza humana acceita de melhor grado o que possa facilitar-lhe a expansão em vez de cercear-lhe o livre exercicio.

Modifiquem, pois, os allemães os habitos em S. Paulo, não usando de um regimen alimentar mais excitante, quero

crer, do que o exigido pelo proprio clima de seu paiz, e verão que a morphéa os respeitará, como respeita aos que vivem em convenientes e sensatas condições de hygiene, seja de que nacionalidade fôrem.

XVIII

A etiologia alimentar da lepra é a mais antiga que se conhece, e vem dos mais remotos tempos.

Prohibindo o uso do porco e dos peixes immundos, Moysés não fez mais do que consagrar em lei a tradiçãõ condemnatoria desses alimentos entre os Hebreus.

Desde então até o presente a mesma etiologia tem sempre acompanhado a distribuiçãõ da molestia pelo mundo, ora acceita com ardor e convicçãõ, ora repudiada como insufficiente para explicar a manifestaçãõ do mal e o seu desenvolvimento.

Não podendo de todo negar a influencia que o regimen alimentar exerce na producçãõ da morphéa, o mais que lhe concedem os adeptos da theoria parasitaria é o papel secundario de auxiliar a acçãõ dos germens adubando-lhes o terreno de cultura.

N' *A Morphéa no Brazil*, por exclusãõ das varias causas a que se tem imputado a molestia e, pelo menos, pela coincidencia de algumas circumstancias, propendi para admittir os regimens alimentares, em que predominavam os hydrocarbonados e gordurosos, como causa efficiente da morphéa.

Depois da publicaçãõ do meu trabalho, em mais vasto campo de observaçãõ tenho continuado a prestar o maior

cuidado á indagação da causa da lepra, confessando que, quanto mais examino e reflecto, mais me convenço, a despeito das objecções, da superior influencia que na manifestação da lepra exerce o regimen alimentar ; mais se arraiga no meu espirito a crença da etiologia alimentar.

Acompanho a evolução da theoria parasitaria nas obras successivamente publicadas, estudo o encadeamento dos argumentos em favor da origem parasitaria da lepra, mas com a lealdade devida ás nossas convicções, declaro que a origem parasitaria da lepra deixa-me no vago e no abstracto, porque não explica a reproducção da molestia, regeitado o contagio, ao passo que a alimentar encontra nos proprios focos da morphéa por mim visitados e observados a prova circumstancial da sua preponderancia ou decisiva influencia sobre a marcha ou tendencias do mal: sobe ou desce, incrementa ou diminue, conforme o impulso que recebe ou os obstaculos que encontra nos habitos alimentares, na má ou boa hygiene.

Apparecem ás vezes casos, é certo, de morphéa, cuja etiologia não se pode decifrar, tal é a sua obscuridade; são os de pessoas de habitos regulares, que usavam de alimentação mais ou menos variada, e que não tinham, que constasse, antecedentes suspeitos.

Eu os tenho observado na minha clinica, e em condições tão difficeis que deixavam-me perplexo quanto a causa real da molestia.

Na opinião dos contagionistas a cousa explica-se facilmente pelo contagio.

Mas, como ?

Pouco importa saber como se opera nesses casos o contagio ; basta admittil-o, o que é realmente commodo.

Demais se os adeptos dessa theoria nunca explicaram um caso sequer de contagio ; se ignoram como, quando e em que condições uma pessoa é *infeccionada pelo germen*, não é de estranhar guardem a mesma conducta relativa-

mente aos factos, a que alludo, cuja causa é desconhecida, indecifrável.

A respeito dos casos obscuros não vem fora de proposito as seguintes reflexões : desde remotos tempos até o presente passa a gotta por molestia alimentar ; attribuem-na a um conjuncto de circumstancias, sendo a principal a alimentação sobrecarregada de substancias azotadas: a partir dahi produz-se dyscrasia gottosa.

Do processo morbido sabe-se que a oxydação das substancias ingeridas é incompleta, a julgar pelo excesso de acido urico, verificado quasi sempre no gottoso, e indicativo da não transformação terminal dos azotados.

Posto que seja uma das molestias mais estudadas, ignora-se qual a funcção responsavel pela defficiencia do acto desassimilador, dando logar a que o professor Jacoud declare que “se a etiologia fornece dados precisos, a pathogenia da gotta continúa obscura.”

E', porem, sempre clara a etiologia desse mal?

Vejamos. Ebstein, que define a gotta “uma perturbação da evolução nutritiva”, contesta em nome da clinica ser a dyscrasia urica unica e exclusivamente produzida pela accumulacão das substancias azotadas, e fal-o nos seguintes termos : *cette hypothèse n'est pas confirmée par l'expérience clinique.*”

Em apoio da contradicta apresenta a affirmativa de Cohnhein de “terem soffrido dos mais serios accessos de gotta pessoas que nenhum excesso commetteram no seu regimen de vida ; havendo, ao contrario, outras que a despeito da molleza e das constancias dos prazeres *bravent la goutte.*”

O mesmo autor cita a declaracão de Virchow “de serem atacadas pela gotta mais frequentemente do que se pensa, pessoas indigentes.”

Partindo desses factos, Ebstein, depois de ponderar que — *La disposition indéniable à la goutte ne se manifeste*

seulement comme innée, mais aussi héréditaire, acrescenta as seguintes palavras—que merecem ser bem pesadas pelos que acreditam na observação clinica : *Pour toutes les maladies qui relèvent de dispositions soit innées, soit héréditaires, nous sommes contraints de nous figurer que, dans la structure anatomique des tissus et des organes, il existe des anomalies qui sont la cause de fonctionnements défectueux et qui se manifestent tôt ou tard.*

Se existem *anomalias anatomicas, innatas, que originam funcionamentos defeituosos*, determinando a perturbação do processo nutritivo—que conduz á gotta, que razão haverá para que, em circumstancias por emquanto desconhecidas, *anomalias identicas, mutatis mutandis*, não produzam a *morphéa* ?

Acredito mesmo que outra não será a razão dos casos autochtones desta molestia, que dão-se em Paris, não imputados a vicio alimentar, nem á herança, e muito menos ao contagio.

Ora, apparecendo casos alli, não ha razão para deixar de dar-se em outros paizes, não havendo, pois, fundamento algum na opinião dos contagionistas, que á falta de causa manifesta os attribuem ao contagio

Eis o extremo a que os conduz a doutrina parasitaria.

Perdoe-se-me a imprudencia de duvidar : a lepra será, com effeito, parasitaria ?

Seja qual for o juizo que se forme do meu criterio e dos meus conhecimentos em bacteriologia, não hesitarei em responder : si se pode considerar molestia parasitaria a que assignala-se pela presença de determinada especie de microorganismo, *qualquer que seja o periodo em que este appareça*, devemos reconhecer que a lepra o é, porque observadores estrangeiros e nacionaes verificaram o bacillo de Hansen ; si, porem, é aquella cujo processo morbido liga-se ao germen, como o effeito á causa, por uma subordinação intima e fatal, então parece que não é ; porque

em relação ao bacillo da lepra o que se sabe até agora é que existe, ignorando-se tudo mais, isto é : donde veio, como penetrou no organismo, o que ali faz ou em que qualidade se acha, se de causa, se de effeito.

Como parece a lepra vai sendo considerada molestia animada em virtude da generalisação prematura, de que falla o Dr. Bouchard na introdução ao tratado de therapeutica de Nothnagel e Rossbach, que *conduz a attribuir aos microbios a infecção e a virulencia.*

O Dr. Huchard, no livro *Maladies du cœur et des vaisseaux*, 1889, depois de estranhar o aqodamento dos que attribuem aos *infinitamente pequenos un papel muito preponderante, tornando-se mais pastoriano que o proprio Pasteur*, compara o espirito humano a *un homme ivre à cheval; quand on relève d'un côté, il tombe de l'autre*, e conclue por estas palavras: *On connaît à peine les microbes de quelques maladies, et sans approfondir s'ils sont cause ou effect, on cherche frapper par des substances microbicides un ennemi que l'on ne connaît pas.*

Vê-se, pois, que não é tão heretica, como parecerá ao primeiro aspecto, a minha pergunta sobre o microbio da lepra.

Demais, o que se sabe a semelhante respeito ?

O professor Cornil declarou na sessão da Academia de Medicina de Paris de 18 de Junho de 1888 que “quasi nada se sabe da biologia dos parasitas da lepra ; e que sobre a biologia dos bacillos da lepra poucos dados se possui para serem invocados a favor de seu contagio ; e, finalmente, que é difficilimo estabelecer este contagio por faltarem provas directas e irrefragaveis.”

Consultando a obra *Les Bactéries*—dos professores Cornil e Babes (2.ª edição, 1889), encontrámos a confissão de “não se conhecer a origem e o modo de contagio da lepra.”

Os mesmos autores mencionam o insuccesso das ino-

culações praticadas no homem pelo professor Propheta, expõem os resultados de iguaes tentativas em diversas especies de animaes, terminando por declararem que não tem dado resultados concludentes.

Quanto ás experiencias do professor Propheta, o resultado é ainda mais notavel, conforme vê-se dos seguintes trechos que *El Siglo Medico* transcreveu da *Revista Medico-Quirúrgica*, de 23 de Agosto de 1886: “G. Propheta, no meio dos enthusiasmos parasitarios geralmente manifestados, affirma que se encontra bacillos nos corpos dos leprosos, mas não em todos, nem em todos os periodos da molestia, declarando não acceitar a etiologia parasitaria da lepra. O autor prova experimentalmente a falta de contagio, asseverando que foram sempre negativos os resultados quer nas tentativas das inoculações praticadas em 1878, quer nas repetidas em 1883”.

D’ahi vê-se que se algumas experiencias são antigas (as de 1878) e como taes consideradas de somenos valor pelos professores Cornil e Babes, o mesmo não se pode dizer das ultimas, de 1883.

O Dr. Zambaco na ultima communicação, a que referi-me, á Academia Medicina de Paris, declara em resposta ao Dr. Vidal, a proposito de pesquisas bacteriologicas, o seguinte: *Je lui ferai remarquer, du reste, que la présence de bacille n’est pas constante chez les lépreux*, e não foi contestado.

Como quer que seja, é de notar que, não tendo um experimentador da competencia do professor Propheta encontrado bacillos *em todos os leprosos* (o que como acabamos de ver, foi confirmado por Zambaco) *nem em todos os periodos da molestia*, outros observadores, longe de dirigir para esse lado importantissimo a attenção, só se empenhassem em descobrir bacillos em tecidos organicos, onde os seus antecessores não os haviam visto.

Não seria muito mais vantajoso saber se no começo

da molestia ha bacillos, do que descobrir em que periodo adiantado os ha em abundancia aqui e alli ?

No começo de meus estudos sobre a morphéa obtive do meu infeliz amigo e poderoso auxiliar Dr. Martins Costa alguns exames microscopicos, cujos resultados publicuei em 1882, os exames, conforme declarei então, foram realizados em doentes já adiantados em soffrimento, esperando eu em occasião opportuna effectuar iguaes indagações no primeiro periodo da molestia.

Não tardou que, com o desenvolvimento da minha clinica, fosse eu consultado por morpheticos em satisfactorias condições para esse fim ; mas infelizmente nunca coneguei esclarecimento a respeito, pela impossibilidade de taes exames por parte do collega, a principio na Europa, e após o seu regresso—sobrecarregado de deveres profissionaes, como professor e clinico, além dos trabalhos de gabinete, e por não encontrar quem auxiliasse-me em uma investigação a que eu não podia entregar-me por impedimento pessoal.

Se não fossem a falta de auxilio e o meu defeito idiosyncratico, teriamos aqui resolvido a questão de saber (tantas foram as occasiões favoraveis para isso) si no principio da morphéa encontram-se ou não bacillos, solução interessantissima á etiologia e pathogenia da enfermidade.

Subsiste, pois, a controversia entre contagionistas e anti-contagionistas; aquelles, attribuindo a lepra ao parasita descoberto, contam que dos successivos triumphos da bacteriologia resultará a demonstração cabal da contagiosidade do mal; das provas fraquissimas até aqui colhidas em apoio da crença appellam para o futuro; estes, os anti contagionistas, amparados por uma tradição muitas vezes secular a favor da etiologia alimentar, tradição reforçada pelo exame dos factos nos focos leprosos, não cedem da sua opinião, julgando encontrar entre as circumstancias

em que a lepra desenvolve-se, a constancia com que se apresentam, as profundas desordens organicas que podem causar, e o processo leproso uma correlação imprescindivel.

Haverá, entretanto, esperança de congraçamento entre duas opiniões diametralmente oppostas ?

A sciencia no seu progredio virá a explicar porque é que certos regimens alimentares mantêm a endemia leprosa, cedendo esta á proporção que a hygiene melhora e avança; e porque nos morphticos pelo menos em periodo adiantado apparecem os bacillos de Hansen ?

Concorrerão aquelles vicios alimentares para a produção dos micro-organismos ?

Concorrerão ambos para o mesmo resultado, factores do mesmo mal, preparando o primeiro o terreno para a cultura do segundo ?

Não pareçam aereas ou infundadas estas interrogações, considerando que agora mesmo em Paris o professor Peter, em uma lição de clinica, aventura a idéa da transformação do bacterium coli em bacillo virgula para explicar o cholera, phenomeno imitativo do transformismo realizado pelo Sr. Charrin no bacillo pyocyanico; explicando-se deste modo como circumstancias metereologicas, a miseria e outras ccndições, podem concorrer para a produção das epidemias e suas aggravações.

Admittida a possibilidade de transformação, *force est bien alors*, pondera aquelle professor, *d'admettre le spetre, honni des microbiens* “ de la spontanéité mcrbide.”

Si vingar a interpretação; si o que por emquanto não passa de hypothese se converter em realidade, é de esperar que encurte ou desapareça a distancia que em relação á lepra actualmente separa os anti-contagionistas, dos contagionistas, evidenciada a parte que cabe á má e viciada alimentação na genese da molestia ou na transformação de algum germen em bacillo de Hansen.

Certo é que tanto os propugnadores do contagio da morphéa, como os que contestam, reconhecem na hygiene o supremo poder de extinguir o mal, havendo, pois, entre as opiniões contradictorias esse ponto de congraçamento: a etiologia affasta-as, a hygiene une-as.

Será possivel que ante o progresso da bacteriologia caiam um por um os argumentos extremados e oppostos, reconhecendo-se então que a controversia era antes apparente do que real, e que os factos considerados contradictorios não passavam de preparo ou gráo evolutivo da manifestação leprosa ?

Se assim succeder, convir-se-ha que assiste aos máos regimens alimentares a principal responsabilidade, como na tuberculose, pela precedencia na evolução etiologica, precedencia implicitamente admittida ao aconselharem contagionistas e adversarios, a hygiene individual como o mais poderoso e efficaz recurso prophylatico contra a producção e o desenvolvimento da morphéa.

Admitta-se que a lepra foi introduzida no Brasil por colonos portuguezes, e na maior parte é producto do trafico de africanos. Acredita-se no estrangeiro ser muito frequente este mal entre nós, e houve autor que affirmasse ser o Brazil o paiz em que ha maior numero de morpheticos. No mappa appenso ao *Traité de la lèpre*, do Dr. Le-loir, onde vem representada a distribuição geographica deste mal, figura o Brazil com pasmosa exaggeração: a julgar pelas linhas demographicas (as roseas indicando os pequenos focos, as vermelhas os mais intensos) cerca da metade do territorio brazileiro é dominado pela lepra mais ou menos cruelmente. Na opinião do autor até no Paraná e no Matto Grosso ha grandes e pequenos focos, conforme indicam as linhas vermelhas e roseas, estampadas no mappa! De nós nunca se diz pouco, o que seria um consolo, se ao numero de vezes em que se diz bem não excedesse o das manifestações em contrario.

CONCLUSÃO

A morphéa foi em parte importada por colonos portuguezes, e na maior parte é producto do trafico de africanos.

Acredita-se no estrangeiro ser muito frequente este mal entre nós, e houve autor que affirmasse ser o Brazil o paiz em que ha maior numero de morpheticos.

No mappa appenso ao *Traité de la lèpre*, do Dr. Le-loir, onde vem representada a distribuição geographica deste mal, figura o Brazil com pasmosa exaggeração: a julgar pelas linhas demographicas (as roseas indicando os pequenos focos, as vermelhas os mais intensos) cerca da metade do territorio brazileiro é dominado pela lepra mais ou menos cruelmente.

Na opinião do autor até no Paraná e no Matto Grosso ha grandes e pequenos focos, conforme indicam as linhas vermelhas e roseas, estampadas no mappa!

De nós nunca se diz pouco, o que seria um consolo, se ao numero de vezes em que se diz bem não excedesse o das manifestações em contrario.

Ao clima do Brazil pretende-se imputar o desenvolvimento da morphéa, sendo aliás certo que, espalhada como foi a semente ha seculos, e renovada constantemente a sementeira com a successiva introdução de africanos, extraordinario ou mesmo incalculavel seria hoje o numero de enfermos si o clima effectivamente contribuisse para o incremento do mal.

Ao contrario a morphéa declina independentemente de medidas coercivas em varios Estados conforme mostrei, o que certamente não succederia se o clima a favorecesse e entretivesse.

No da Bahia testemunho recente confirma a retrogradação do mal, ha 10 annos observado pelo Dr. Pacifico Pereira.

Em Pernambuco, a julgar por uma recente estatistica comprehendendo os ultimos cinco annos do movimento do hospital de Lazaros, poucos casos se dão annualmente ; demais, de uma carta que ha pouco recebi do projecto clinico Dr. Cosme de Sá Pereira, sei que não é desde muito consultado por morphetico algum e só tem conhecimento de um existente no interior.

No Maranhão o foco conhecido ou mais importante é o descrito pelo Dr. Nina Rodrigues em um opusculo publicado em 1886, o da Anajatuba, onde então existiam 42 morpheticos.

Excepto o Pará e Minas, Estados em que a lepra passa por frequente, sem comtudo se poder avaliar por falta de estudos e estatisticas se alli aggrava-se ou diminue, pode-se affirmar que nos demais Estados apparecem casos isolados, mas nenhum foco grande ou pequeno.

Nesta capital tambem não ha foco algum : os casos são esparsos.

Em Cabo Frio informa o distincto collega Dr. Teixeira de Souza haver um pequeno foco leproso, que ainda não pude visitar.

Não mencionei S. Paulo, onde é notorio o desenvolvimento da morphéa, por ter já dito sufficientemente para justificar a diminuição por mim observada da molestia nesse Estado.

Si ha, pois, clima directamente favoravel ou desfavoravel á diffusão da lepra, em favor do Brazil poder-se-ha invocar em vista do exposto a immuidade reconhecida no da França pelo professor Hardy.

Em S. Paulo o que retardará o desaparecimento da molestia são os costumes atrazadissimos da população campestre, porque vicios inveterados não se modificam ou se extirpam repentinamente, *maxime* sendo entretidos por condições locais.

O povo, entretanto, desconfia da carne de porco, da qual priva-se o morphetico ao primeiro indicio da enfermidade: ensinemo-lhe, pois, que mais vale privar-se do mesmo alimento em saude para prevenir o mal, do que tarde sem grande proveito depois de declarado.

Abandone-se o pernicioso costume de tomar café com farinha de milho, como alli se faz, e preparar o arroz, os feijões, a gallinha, etc., afogados em gordura de porco.

Para que esta alimentação estimulante e inadequada ao clima de S. Paulo, que não é igual ao do norte da Europa?

Faça-se em favor da substituição deste regimen alimentar por outro mais saudavel uma propaganda activa, para a qual muito poderão contribuir os vigarios nas suas freguezias; será uma obra de caridade a que por certo não se negarão.

Não sendo pratico nem razoavel privar o povo do alimento azotado (carne de porco), cuja aquisição é-lhe mais facil e commoda, sem generalisar o mais conveniente promova-se, em favor dos que residem longe das localidades em que ha açougues, o supprimento de carne de

vacca conservada pelo melhor processo, como é costume em idénticas circumstancias.

Além disto plante-se trigo, muito trigo, o mais que for possível.

O trigo é o feculento providencialmente adaptado a todos os organismos, em todas as idades, em todos os paizes, e em qualquer estação do anno.

Não ha povo que, alimentando-se de milho, não soffra de alguma das duas enfermidades — pellagra ou morphéa.

Demais, a substituição do regimen alimentar em São Paulo não é somente aconselhada como medida de grande alcance relativamente á morphéa, mas tambem como uma necessidade imposta pela transformação do trabalho e pela concurrencia de immigrants.

Prohiba-se a mendicidade por meio de posturas municipaes, como indiquei, adoptadas a um tempo pelas intendencias; não ha razão alguma para que o morphetico pobre seja *ipso facto* um mendigo; a esmola, que o morphetico actualmente applica ao vicio alcoolico, dê-se em outra moeda, obtida igualmente por meio de posturas municipaes contributivas, e applicadas de outro modo aos mesmos infelizes sem humilha-los, e ao contrario em seu proveito, como manifestação verdadeira do mutuo auxilio e da solidariedade social.

E' indecoroso, cumpre reconhecer, o espectáculo dos morpheticos esmoleres que, a sós ou em grupos, vagueiam de localidade em localidade, patenteando aos olhos dos traseuntes o sudario de suas miserias: indecoroso, deshumano e improprio em um Estado prospero e adiantado, como o de S. Paulo.

Impedida energica e systematicamente a mendicidade, sigam os morpheticos convidados ou attrahidos para um local, sob a denominação de *Villa de Morpheticos* ou outra qualquer, onde vivam como criaturas humanas, dis-

trahidos de seu estado morbido pelo trabalho que puderem realizar.

Não ha molestia que tanto entorpeça os tecidos, enfraqueça-lhes o funcionamento como a morphéa; é assim que vai pouco a pouco amortecendo o organismo até aniquilal-o de uma vez.

Ora, o trabalho faz o contrario : estimula os e activa-lhes as funcções.

Ergo, dir-me-hão, o trabalho cura : *contraria contrariis curantur.*

Sim, pôde curar ou pelo menos auxiliar a cura.

Exemplo de restabelecimento houve um no Perú : refere-se que alli um morphetico empregado no serviço do guano, curou-se : o facto soou, attribuindo-se o feliz resultado ao uso do mesmo guano.

Chegando-nos a noticia, o governo consultou em 1847 sobre a efficacia daquella substancia contra a morphéa a Imperial Academia de Medicina (Academia Nacional de Medicina), que propoz fosse experimentada em enfermos recolhidos no hospital de Lazaros, sendo, como devia ser nullo o resultado, desde que faltou o principal factor da cura —o trabalho.

Um dos meus actuaes doentes usou durante oito annos *pilulas de guano.*

Alguns dos meus doentes nunca interromperam as habituaes occupações, e aos desanimados que abandonaram o trabalho, aconselho e insto para que voltem a elle como condição de exito do tratamento ; assim procedendo, realizo duas indicações, uma physiologica e outra moral.

O morphetico pôde trabalhar perfeitamente conforme o periodo da molestia. Quando pela primeira vez visitei o hospital de Lazaros da capital de S. Paulo, encontrei dois doentes, um preto e outro pardo, que alugavam-se diaria-

mente a jornal ; saham pela manhã para o trabalho e á noite se recolhiam ao hospital.

Só em periodo adiantado o morphetico torna-se invalido, e para este ha o recurso do asylo annexo á *Villa de Morpheticos*.

Antes de declarar-se a invalidez perde-se muito tempo que poderia ser aproveitado se não fosse, de um lado o desanimo que cedo apodera-se do infeliz considerando-se irremissivelmente perdido, e de outro o maldito preconceito social que faz da morphéa uma molestia infamante, e do morphetico um ser, não direi desprezivel, mas repellente, banido da collectividade humana.

Que o infeliz succumba á dor moral, comprehende-se, por ser o seu estado o unico na vida em que a molestia constitue opprobio.

Todos os infortunios despertam compaixão menos o do morphetico pela razão unica do terror que não dá tempo, nem deixa legar a um sentimento generoso.

O que é, entretanto a morphéa ? Uma enfermidade como outra qualquer !

Voltando á medidas hygienicas, cumpre acrescentar que não é só aos adultos que interessa moderar o uso da carne de porco, do milho e da excessiva gordura nos alimentos ; a mesma cautela deve haver com as crianças.

Consultado por algum morphetico sobre o regimen alimentar, nunca deixo de aconselhar instantemente o que melhor convem adoptar principalmente em relação aos filhos ; certo é que até o presente ainda não observei uma só manifestação da molestia em filho de doente meu. Entender-se-ha que, sendo prolongadissima a incubação do mal, não ha razão de attribuir aos meus conselhos a isenção dos descendentes, nem é sufficiente o tempo decorrido para a garantia de immuniidade.

E' exacto, mas nem por isso deve-se desprezar esta circumstancia, não sendo insignificante o numero de casos,

nem raro declarar-se a molestia nos primeiros periodos da vida.

Mãe morphetica em especie alguma, deve amamentar sob pena de prejudicar o filho, ministrando-lhe leite imperfeito, como é o fornecido por um organismo cuja nutrição acha-se profundamente compromettida ; a si, porque, não aproveitando-lhe o regimen tonico, toda a fonte de esgotamento é-lhe, entretanto, prejudicial, e o aleitamento é uma dellas.

O recurso é a amamentação artificial por ama em condições hygienicas, ou com leite de vacca ou cabra. O Dr. Silva Lima reparou não ter eu lembrado o leite condensado, entendendo ser um recurso aproveitavel.

De accôrdo, porque, para tirar á morphetica todo o pretexto de criar o filho amamentando-o, todos os recursos *inclusive* o leite condensado são bons ; confesso, porem, não depositar grande confiança nos productos industriaes, offerecidos ao consumo sob os titulos de leite condensado e farinha lactea.

Haverá, quero crer, alguma marca de confiança, não olvidando que toda a tendencia do industrial é tirar o maior proveito possivel do seu producto, e a addição de maior quantidade de feculento é nesse sentido convidativa, alem de não comprometter a apparencia nem pelo simples aspecto denunciar a fraude.

O que é que não se sophisma ?

Tenho visto crianças, alimentadas com leite condensado, gordinhas, mas de uma pallidez transparente, indicando não haver no seu sustento a requerida proporção entre as substancias azotadas e os feculentos, mas sim excesso destes ; as crianças nutrem-se, é certo, mas deficientemente.

De outras vezes dão-se serias desordens intestinaes e não raro mortes precipitadas no dominio da mais flores-

cente apparencia do menino, sem se atinar com a verdadeira causa.

Coincidencia ou não, sou dos menos confiantes no recurso aliás commodo destes productos mercantes.

Não encontrando ama nas condições requeridas, nem leite de vacca, cabra ou carneira, recorra-se ao leite condensado, comtanto que em caso algum amamente o filho a mãi morphetica.

Eis em summa os conselhos hygienicos que julguei conveniente repetir nesta occasião, como fal-o-hei sempre que outra se me offereça, relativamente á hygiene alimentar, ao regimen obrigatorio dos habitantes recém-nascidos, meninos e adultos, das localidades onde houver foco morphetico ou casos mesmo isolados de lepra.

“Contra o parasita da morphéa, perguntar-se-me-ha, nada propõe?”

E' verdade, esquecia-me delle, mas não me arrependo e a razão é por entender que, não existindo no ar, na terra, n'agua, nos alimentos, em parte alguma; não encontrando-se em todos os morpheticos, nem sabendo-se ao certo em que periodo da molestia apparece; ignorando-se o que faz elle, que parte toma no processo morbido, onde se reproduz e como se transporta ao organismo humano, onde surge mysteriosamente; o unico alvitre rasoavel é encaral-o como não existindo.


Admittem os bacteriologistas que os microbios são a causa unica das molestias que se lhes attribue, *et le problème*, diz Flugge, *n'est pas de chercher a leur developpement une cause unique et constante, mais bien d'analyser les divers éléments de leur étiologie*.

Ora, o conceito contido no trecho que acabo de citar, perfeitamente applicavel á tuberculose, ao beri-beri, etc., é do mesmo modo á morphéa.

Attendamos, portanto, aos diversos elementos etiologicos do mai, e não limitemos a attenção ao já fallado

microbio, testemunha—quem sabe?—talvez innocente das graves alterações que lenta e progressivamente apoderam-se de todos os tecidos do organismo enfermo, comprometendo-lhes a substancia e a funcção ; deixemos de parte o famoso e pacholento bacillo, e com mais afinco estudemos antes os *outros elementos* que concorrem para a producção da morphéa, denunciados, como na sua co-irmã —a gotta, pelas circumstancias precedentes ao processo morbido, visto caber-lhes, segundo creio, a parte essencial na elaboração da cruel enfermidade.

Terminando, deixo por emquanto as fileiras dos anti-contagionistas, onde occupo modestissimo posto, para penetrar nos arraiaes dos nossos contendores, de cujas mãos recebo sem vexame e antes com a maxima satisfação, para a bandeira que deixo hasteada, o lemma seguinte : *para impedir o desenvolvimento da morphéa—em paiz culto—bastam medidas hygienicas, suaves e humanitarias.*

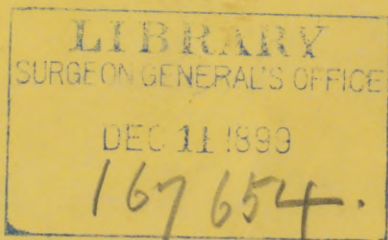


A MORPHÉA É CONTAGIOSA?

PELO



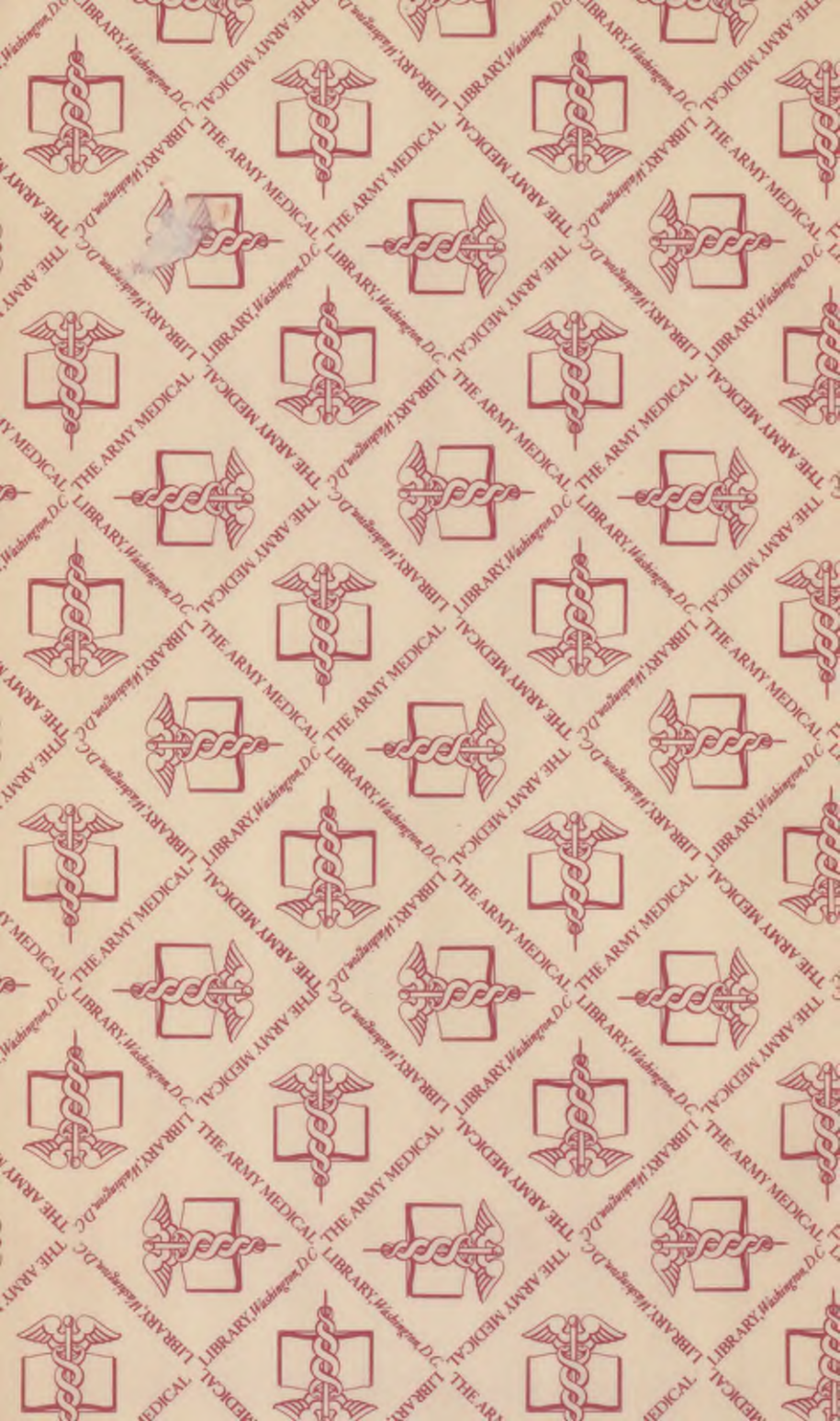
DR. JOSÉ LOURENÇO DE MAGALHAES

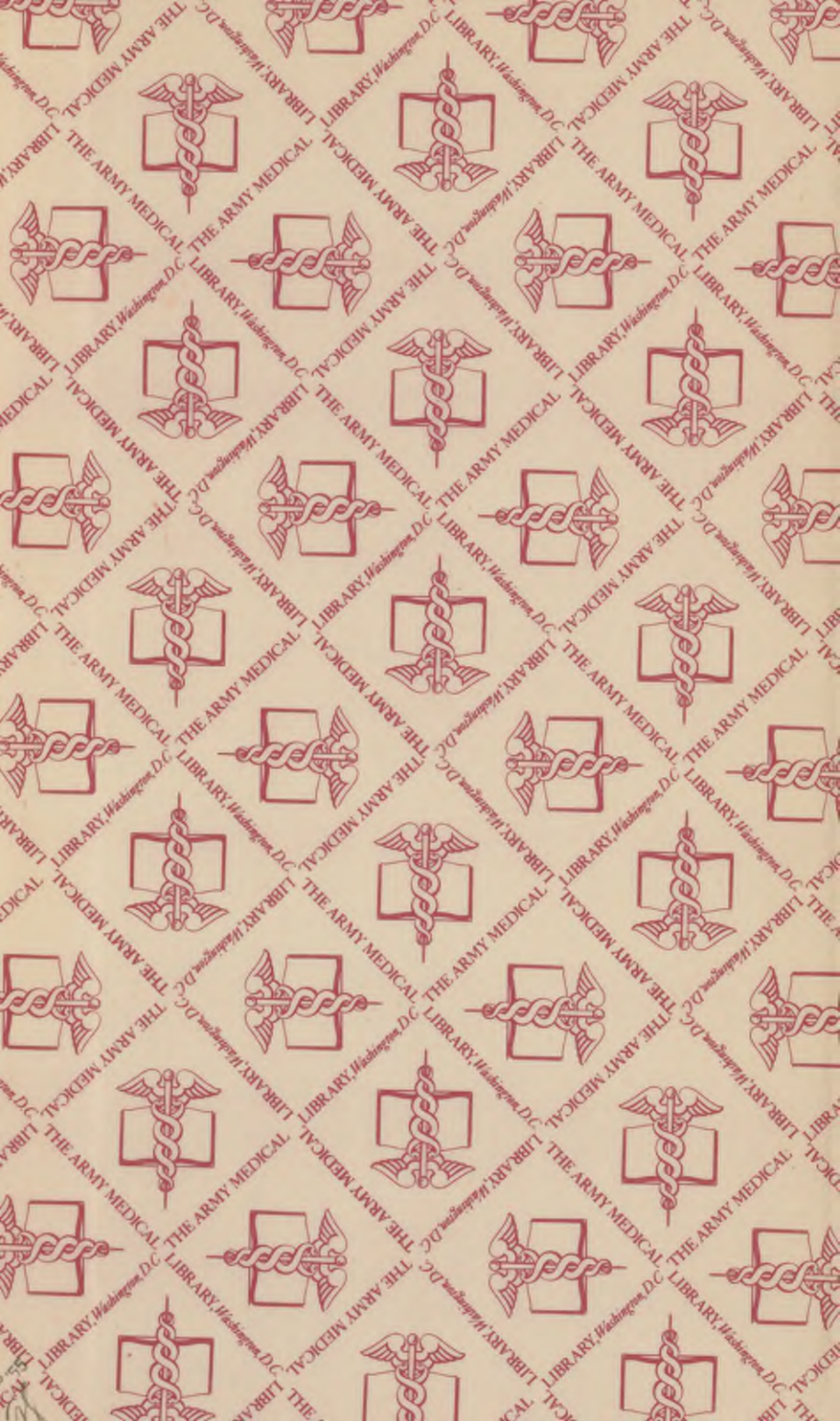


RIO DE JANEIRO

1893







NATIONAL LIBRARY OF MEDICINE



NLM 00103936 1